

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DARLINDO FERREIRA DE LIMA

**A PRÁTICA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO NA DELEGACIA
ESPECIALIZADA DE ATENDIMENTO À MULHER (DEAM): UMA
EXPERIÊNCIA A PARTIR DA ACONTECÊNCIA DO CUIDADO**

VITÓRIA-ES

2012

DARLINDO FERREIRA DE LIMA

**A Prática do Plantão Psicológico na Delegacia
Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM):
Uma experiência a partir da acontecência do cuidado**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social e Saúde.

Orientadora: Prof^aDr^a Ângela Nobre de Andrade

VITÓRIA-ES

2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP) (Biblioteca Central da
Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

L732p Lima, Darlindo Ferreira de, 1973

-
A prática do plantão psicológico na delegacia especializada de atendimento à mulher (DEAM) : uma experiência
a partir da acontecência do cuidado / Darlindo Ferreira de Lima. – 2012.
205 f.

Orientador: Ângela Nobre de Andrade.
Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências
Humanas e Naturais.

1. Mulheres maltratadas - Cuidados. 2. Mulheres maltratadas
- Aspectos psicológicos. 3. Violência contra as mulheres. 4. Psicologia – Prática. 5. Delegacia da
mulher. I. Andrade, Ângela Nobre de. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

- CDU: 159.9

Nome: Lima, Darlindo Ferreira de

Título: A Prática do Plantão Psicológico na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM): uma experiência a partir da acontecência do cuidado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a Ângela Nobre de Andrade (Orientadora)

Instituição: UFES Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Instituição: UNICAP Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Henriette Tognetti Penha Morato

Instituição: USP Assinatura: _____

Prof. Dr. Lídio de Sousa

Instituição: UFES Assinatura: _____

Prof. Dra. Luziane Zacché Avelar

Instituição: UFES Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos dizem respeito à possibilidade de transitar entre duas dimensões coexistentes: a primeira, do agradecer, do testemunhar a importância que as pessoas tiveram em nosso percurso. A segunda, do reconhecer como cada experiência compartilhada se apresentou significativa em nosso percurso. Assim, agradecemos as atitudes e ações daqueles que, direta ou indiretamente, participaram da jornada do nosso processo de doutoramento:

Agradeço a Deus pela oportunidade da vida e de tudo que me proporcionou... inclusive a experiência deste doutorado;

Agradeço aos meus pais Arlindo (*in memoriam*) e Alaíde pelo exemplo de amor e incentivo, pois sempre me ajudaram em minhas andanças pelo caminho do conhecimento;

- A minha esposa e companheira Socorro Moura e a meus filhos: Caio, Vinícius e Mirella. Sem vocês, não seria possível realizar a travessia necessária para a conclusão deste caminho... A todos, o meu Amor!

Aos meus irmãos Jane, Daniel e Douribergue, que pelo cuidado e carinho me mostraram que sempre é possível caminhar um pouco mais adiante;

Aos amigos interlocutores que pelo acolhimento e disponibilidade de trocar boas ideias muito se fizeram presentes neste trabalho. Sem vocês, ficaria muito mais difícil a jornada: Silvia Moraes, Vanessa Novaes;

À minha amiga e cuidadora Lindair Araújo, pois seu ser-no-mundo é inspirador para o que chamamos de ser humano;

À minha orientadora Ângela Nobre, pela aprendizagem que me proporcionou na construção da tese;

Às mestras Carmem Barreto e Henriette Morato, por me acolherem no campo da psicologia fenomenológica, mostrando os caminhos e descaminhos de um percurso a ser trilhado;

Aos amigos de coração Alexsandro Machado; Marcelo Ribeiro, Kátia Cordeiro, Silvia Morais e Virgínia Alves;

Aos alunos de estágio que desde sempre se colocaram disponíveis para “minhas viagens” com relação ao plantão: Paula Matos, Augusta Costa, Jerlane Guimarães, Isabel Pereira, Italo Piauí, Marcelo Saturnino, Flavia, Keith, Ralliny, Albertina Marília, Gabriela Caterine, Juliana Mota, Mércia Amorim, Vivian Santiago, Juliana Andrade, Helena Cassia, Leilane Paixão, Thay, Patrícia Machado;

Aos profissionais das DEAMs de Juazeiro e Petrolina nas pessoas das delegadas Rosineide, Micheli e Raquel;

Aos professores Paulo Menandro, José Weber Freire Macedo e Paulo Cesar, por acreditarem no Minter/ Dinter UFES-Univasf e fazerem acontecer o projeto inicial;

À professora SuemiTokumar, pela responsabilidade como assumiu a coordenação do Minter/Dinter e como nos ajudou na travessia do Dinter;

Aos mestres da UFES (Sônia Enumo, Lídio de Sousa, Paulo Menandro, Cristina Menandro, Ângela Nobre, Agnaldo Garcia, Elizeu Borloti, Sávio Queiroz, Zeidi Trindade, Heloisa Alencar) e a todos que fizeram parte do corpo docente do Dinter, por suas disponibilidades para viajar e nos acolher tão bem em nossas

estadias em Vitória-ES. Obrigado por todo conhecimento que compartilharam conosco;

Ao professor José Bismark, pela força e espírito público e por toda contribuição, como Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação – Univasf, para a execução do Minter-Dinter;

A Lucia, secretária da UFES, pela paciência em nos orientar quando nem nós mesmos sabíamos o que queríamos;

A Lutércia, secretária da Univasf, por seu profissionalismo e compreensão em nos auxiliar nos trâmites internos junto a PRPPG;

Aos professores da Univasf e colegas de Minter/Dinter: Alvany Santiago, Deranor Oliveira, Ana Lucia Fonseca, Elzenita Abreu, Geida Cavalcante, Barbara Cabral, Michele, Margarete Olinda, Fátima, João Alves, Manoel Messias, Luciana Dantas (e sua tia, pela disponibilidade de acolher em Vitória), Liliane Caraciolo, Virgínia Alves, Silvia Morais, Maria Luiza, Flávia Guimarães;

A todos os alunos de psicologia da Univasf, pois com vocês fui amadurecendo muitas ideias que ainda nem se faziam claras para mim. Nossos diálogos muito me originaram novas perspectivas sobre o humano e a psicologia como ciência e profissão;

À Professora Valéria Alencar, do Colégio Estadual Getúlio de Andrade Lima, da cidade de Bezerros-PE... a primeira pessoa que acreditou em mim como estudante; Universidade Federal do Vale do São Francisco, pelo apoio institucional desde o início da construção do projeto de Minter/Dinter;

Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Pernambuco – FACEPE, pelo apoio das bolsas de financiamento ao Dinter.

Resumo

LIMA, D. F. *A Prática do Plantão Psicológico na Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher: uma experiência a partir da acontecência do cuidado*. 2012. 211 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

A presente investigação tem por objetivo compreender os sentidos da prática do plantão psicológico nas Delegacias Especializadas em Violência contra mulher (DEAM). O plantão foi realizado nas DEAM's de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, ambos inseridos como atividades ligadas ao estágio obrigatório do curso de psicologia da Univasf. Nesse contexto, o plantão psicológico, como modalidade da prática psicológica, é aqui tomado a partir de uma leitura fenomenológica existencial. A partir da perspectiva metodológica hermenêutica de Gadamer (2002) e analítica do sentido de Critelli (1996), tomou-se por base a experiência das intervenções do plantão, no período de oito meses, registradas principalmente nos diários de bordo de 07 alunos concluintes do curso de psicologia e do seu professor orientador, como *corpus* dessa pesquisa. Promoveu-se um diálogo com os mesmos, o qual possibilitou a construções de compreensões sobre como se apresenta modalidade prática do plantão. A partir da análise, compreendeu-se que o plantão caracteriza-se por intervenções clínicas de acolhimento por meio da escuta, do cuidado e de ações clínicas não entendidas como técnicas modernas. Visa possibilitar o trânsito daquele que procura o plantão em sua dimensão ôntico-ontológica e suas respectivas apropriações. Visa co-construir espaços de criação de sentido/significados a partir da linguagem como clareira na qual se dá acontecência do cuidado. Apropriar-se do plantão como espaço de mudança parece acrescentar novas formas de se situar frente ao seu próprio existir constituindo outros ethos a partir de sua condição de ser-aí.

Palavras-chave: Plantão psicológico; acontecência; cuidado; prática psicológica.

Abstract

LIMA, D. F. *The Psychology on duty practice in the women-specialized police station: an experience from the care "acontecência"*. 2012. 211 f. Thesis (Doctorate). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

The aim of the present study was to understand the purpose of the psychology on duty practice in the women-specialized police stations. The action was performed in Juazeiro-BA and in Petrolina-PE and it was related to the obligatory internship of Psychology from UNIVASF. In this study, the psychology on duty, as a modality of pedagogical practice, was seen by an existential phenomenological view. From a Gadamer's hermeneutic methodological perspective (2002) and from a proposal analytical perspective by Critelli (1996), it was observed the experience of the psychological interventions, for eight months. The meetings were registered mainly in the logbook from seven Psychology students and their supervisor. Dialogues were performed, which allowed the understanding of how this practical modality works. It was observed that the psychology on duty is characterized by hearing, care and clinical interventions that are not seen as modern technics. It allows the access of the one who looks for the service in its ontic-ontologic dimension and their appropriations. It aims to co-create purpose/meaning spaces by using the language as a clearing where the care "acontecência" occurs. The psychology on duty as a space of change seems to add new ways to be in front of your self-existence, consisting of another ethos from the condition of "be-there".

Key words: psychology on duty, "acontecência", care, psychological practice

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FUNDAMENTOS FENOMENOLÓGICOS EXISTENCIAIS DO PLANTÃO PSICOLÓGICO: da Ontologia fundamental ao mundo da técnica	35
1.1 Da Ontologia fundamental	36
1.2 O Mundo da técnica	49
2 PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO MODALIDADE DA PRÁTICA CLÍNICA: o trânsito entre o ôntico e o ontológico	67
2.1 A prática do Plantão Psicológico: de um saber-fazer a um fazer-saber	70
2.2 Plantão Psicológico como acontecimento apropriativo: a linguagem como clareira e o cuidado a partir da linguagem	87
3 METODOLOGIA	94
3.1 Contextualizando nossa trajetória no plantão psicológico	108
3.1.1 O desafio da compreensão da prática: a experiência nas DEAMs de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE)	108
3.2 Os colaboradores da pesquisa	118
3.3 Procedimentos de pesquisa	118
3.3.1 Nosso “lugar” na pesquisa	119
3.3.2 Atividades envolvidas no Plantão Psicológico	120
3.3.2.1 Da intervenção e supervisão: modos e lugares diferentes... Ao final, uma mesma compreensão	120
3.4 Os instrumentos de colheita das informações da pesquisa	124
3.4.1 Diários de bordo	126
3.4.2 Anotações de observações de campo	126
3.4.3 Anotações das supervisões	127

3.5 A organização para análise e discussão dos achados da pesquisa –	127
4 PLANTÃO PSICOLÓGICO NA DEAM: A EXPERIÊNCIA DE SER NA CLAREIRA E ACONTECÊNCIA DO CUIDADO	131
4.1 Plantão Psicológico na DEAM: uma práxis para além da técnica	132
4.2 Plantão como linguagem: clareira e desvelamento do ser-no-mundo	149
4.3 Plantão como uma planta grande: um <i>Ethos</i> na acontecência do cuidado	170
5 CONCLUSÕES: TUDO NOVO DE NOVO	184
REFERÊNCIAS	190
3.4.2 Anotações de observações de campo	

INTRODUÇÃO

A expressão grega pré-socrática *HènPánta* significa “Tudo é um” está ligada à noção de *logos*¹. Aqui, tal expressão assume o sentido de experiência, de tudo o que se encontra reunido. Nossa *HènPánta* no campo da Psicologia tem sido a prática do Plantão Psicológico. Assim, iniciamos esse trabalho apontando para o plantão como modalidade de prática que vem se transformando com o passar do tempo em nossa história profissional, ao passo que também se configura como matriz norteadora de inquietações e de reflexões teórico-práticas na psicologia como ciência e profissão. Dentre as principais inquietações oriundas da experiência com o Plantão Psicológico, destacamos: o que efetivamente² se pode fazer, como psicólogo, diante de pessoas que se encontram em situações de crise, de sofrimento intenso? Diante disso, nos deparamos com afetações advindas de nossa própria história profissional, o que, de certa forma, tem facilitado o movimento de construção desta tese de doutoramento.

O questionamento sobre as afetações do plantão psicológico, recordamos imediatamente das primeiras ações na Delegacia Especializadas de Atendimento a Mulher (DEAM) na cidade Manaus-AM. Abaixo se encontra o relato de uma experiência que se mostrou importante para despertar em nós a curiosidade sobre o plantão, suscitou-nos a iniciativa de tentar entender os meandros do atendimento do plantão. Esse caso foi escolhido para exemplificar o quanto o desamparo da mulher com relação a violência encontra poucos espaços de acolhimento.e visibilidade no

¹ ¹De acordo com Rocha (2004), o *logos* seria a ideia de pensamento como o que possibilita o acesso ao sentido do ser aos entes, o sentido de tudo que desde sempre já se encontra ali, junto ao mundo.

¹ ²Chamamos por inquietação o conjunto de sentimentos, impressões, questionamentos, enfim, o que nos é suscitado a partir da nossa inserção no campo de intervenção psicológica.

contexto social em que nos inserimos, inclusive nos dispositivos institucionais que deveriam promover seu acolhimento (DEAM). Portanto, segue abaixo o relato de um atendimento ao qual demos o nome de “Árvore da vida”³:

A última segunda-feira seria mais um início de semana como os outros na delegacia da mulher. A semana sempre se inicia bem agitada para todos os que lá trabalham, desde a delegada até para nós, os plantonistas. É interessante como sempre temos a sensação de que algo importante irá acontecer no momento seguinte. Há uma espécie de apreensão no ar, mesmo sem saber exatamente o quê! Nesse dia, cheguei como de costume, um pouco mais cedo para abrir as salas, para, em seguida procurar a mulher da limpeza e jogar um pouco de conversa fora, enfim, esperar a chegada sempre gradual das alunas plantonistas. Entretanto, ao me aproximar da delegacia, vi de longe uma cena que me chamou a atenção... uma senhora sentada no batente da delegacia. Encontrava-se entre a delegacia e o espaço ao lado no qual fazemos o plantão. Fui tocado pelo seu olhar vago, parecia estar perdida em seus sentimentos. Apresentava um olhar lançado ao horizonte, sem foco, sem vida. Enquanto abria as portas do espaço do plantão e me alojava, fui sendo tocado por um sentimento de curiosidade e inquietação, que me fez voltar imediatamente a procurar por aquela figura humana. Enquanto, finalmente me aproximava daquela mulher, foi melhor se delineando em minha frente a imagem de uma „senhora“. Foi possível ver que, em sua localização, sem expressão de lábios ou sobrancelhas, apenas um leve cair de boca. Encontrava-se sentada, segurava as

³“Árvore da vida” é o nome dado ao nosso diário de campo. Este relato de experiência é significativo para representar nossa inserção no campo da prática do plantão psicológico. A experiência narrada se deu em março/2004 na cidade de Manaus-AM

pernas envoltas a uma saia longa cheia de pregas coloridas. Usava uma chinela de dedos velha e suja, assim como suas unhas, rosto e aspecto em geral. Ao perguntar-lhe se poderia ajudá-la, vi o quanto sua pele estava seca... Havia dobraduras em seu rosto e na pele dos braços, possivelmente fruto do enfrentamento cotidiano do sol úmido do norte. Uma mulher de traços finos e uma brancura que denunciavam, certamente, sua origem estrangeira... Clara⁴ era bonita, mas trazia em seu corpo as marcas do sofrimento impostas pelo tempo, e possivelmente, pela vida que tivera até então. Após a minha interrupção ao seu sofrimento silencioso, perguntou-me: Onde estou? Imediatamente, convidei-a para entrar na sala do plantão, o que foi aceito. No trajeto até a sala, pediu-me água com uma voz gutural, quase inaudível. Sentou-se na sala de atendimento, tomou um copo com água e pôs-se a chorar. Um choro, até certo ponto, discreto... Pensei que talvez não tivesse mais forças para expressar o que sentia naquele momento... (eu estava certo). Fomos construindo uma relação a partir daquela intervenção do plantão... foi me contando que estava sentada ali fora esperando desde às 3h da madrugada. Disse-me, ainda, que estava com fome e febre, pois sentia uma forte dor na garganta. Assim como em inúmeras outras vezes, providenciamos um copo de café com leite e pão com queijo, isso era máximo que poderíamos oferecer com nosso próprio dinheiro. Nesse momento, já havia chegado uma aluna do estágio que ofereceu um analgésico para Clara, que mal conseguia pôr-se sentada. Passados alguns instantes quieta, em silêncio, conseguiu recuperar um pouco de energia de sua frágil condição física e continuou narrando o que a fizera estar ali... Havia iniciado uma relação com um homem 10 anos mais novo. Inicialmente, pensei que

⁴“Clara” é nome fictício que demos a essa usuária da delegacia em função de sua aparência nórdica, ou seja, era realmente chamativa a sua brancura e fineza de traços do rosto

Clara tivesse seus cinquenta e tantos anos, pois sua aparência sofrida me levava a esse entendimento, mas posteriormente ela disse que tinha apenas 45 anos. Seu companheiro vivia com a ela em uma invasão junto a uma rodovia estadual (AM 10) há mais de 25 km de Manaus. Falava com muito orgulho como construiu seu barraco de madeira (extraída da própria invasão da selva) e de como conseguia manter uma vida de forma digna com seu trabalho de cabeleireira. Embora dissesse que possuía apenas um espelho, uma cadeira e alguns pentes e uma única tesoura na sala de sua casa, conseguia fazer desse lugar seu salão de beleza. O companheiro a violentava fisicamente desde o início do relacionamento e isso já fazia cinco anos. Todavia, tudo piorou quando o companheiro se envolveu com drogas, pois o dinheiro que ela passava para ele não era mais suficiente e sua casa passou a ser um ponto de venda e consumo. As humilhações eram constantes e das mais diversas formas. Dentre as experiências de humilhação narradas, aquilo de que mais se lamentava era não poder tomar banho com sabonete, pois, se o companheiro a visse com sabonete, esfregava-o no chão e jogava fora, pois dizia que ela estava se aprontando para arrumar macho (outros homens). Era obrigada a só usar as toalhas molhadas de suor do companheiro: „Não sei mais o que é ser mulher, ser bonita, ser eu mesma“ (sic). Diante de tanto sofrimentos, tentou de tudo, desde conselho de amigos, busca da religião, mas tinha medo dele e também do que poderia acontecer com ele se, sua família, que morava no Acre, soubesse. Falou, nesse momento, um pouco de sua família de origem, ressaltando apenas que seu pai também fora violento com sua mãe e seus irmãos. Aliás, esses irmãos hoje são pistoleiros de profissão e muito violentos. Vem daí seu temor pela vida do seu companheiro. Em sua narrativa, o que mais me chamou atenção foi o tempo todo

um isolamento que Clara me trazia, pois não contava com qualquer rede de apoio social. No ápice de seu sofrimento, fazia o ritual que consistia em pedir uma canoa emprestada e se dirigir até um igarapé próximo. Entrava selva adentro até achar a mais alta das árvores no meio do igarapé. Subia nessa árvore e lá do alto gritava... suplicava por ajuda. Quando perguntada para que fazia isso, afirmou: „pra ver se pelo menos Deus me escutava“ (sic). Foi aí que compreendi a rouquidão e a dor de sua garganta. Ainda com hematomas pelo corpo e com um pouco de febre, pediu-me a última coisa antes de se deitar em uma sala da delegacia e dormir um pouco: „O doutor poderia me ajudar a explicar para delegada que o que quero é apenas que ela me ajude a ir em casa pegar meu material de trabalho e sair. Vou para algum outro lugar... preciso continuar“. Encerrou-se o plantão aí, mas ficaram em mim as marcas dessa experiência com Clara. Fiquei me perguntando muitas coisas. Dentre essas, a que mais me afetava era: afinal quem é Clara? (Diário de bordo, Darlindo Ferreira, março, 2004)

A força desse relato, transcorrido há oito anos, mantêm-se em sua atualidade, sobretudo por continuarmos experienciando em nossos plantões, cotidianamente nas DEAM"s de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), a demanda por sentido para todos os usuários que são atravessados pela experiência de violência.

A escolha por trazer o sofrimento vivido por Clara transforma-se em exemplo de como se constitui de forma singular a nossa relação com situações de violência, seja como vítima (Clara) ou como profissionais que lidam com esta. De qualquer forma, compreendemos que cada um se relaciona com essa temática a partir de um

horizonte hermenêutico⁵ (fundamentalmente o *Zeitgeist*⁶) e de sua condição existencial em dado contexto sociocultural.

As expressões de mulheres, como Clara, tomam diversos contornos, alguns casos apresentam-se como busca, em outros, como encontro e desencontro com o amor idealizado, com o vazio e o desamparo. Enfim, na fala de tantas mulheres que acompanhamos, uma coisa se fez comum: um pedido de auxílio para se libertar dos contextos que envolvem a violência contra a mulher.

A pergunta final do nosso relato sobre Clara nos parece de alguma forma estranha.... Pois há um aparente paradoxo na mesma: como captamos a busca por uma compreensão por quem seja Clara, se já a sabemos, bem ali, à nossa frente? Em um primeiro momento, podemos entender que havia uma mulher que possuía nome, endereço, profissão, história de vida, enfim, uma cidadã com a qual comumente poderíamos nos deparar nas ruas, uma pessoa comum.

Entretanto, o paradoxo emerge sob a forma de estranhamento, senão vejamos: por um lado, há uma cena que parece ser comum e corriqueira: uma mulher que sofreu violência e se encontra em uma delegacia pronta para prestar queixa; por outro lado, havia algo naquela situação que se apresentou como inusitado: o olhar, seu corpo, ali, solitário, enfim, alguma coisa nos afetou, chamou-nos a atenção. Dessa forma, houve uma afetação que nos fez “inclinarmos” os olhos e, principalmente, os ouvidos para sua experiência.

⁵De acordo com Gadamer (1999), o horizonte hermenêutico compreende o contexto compreensivo no qual cada um já se encontra a partir de seu estar-no-mundo, ou seja, é o contexto interpretativo que, de alguma forma, herdamos ao nos situarmos no mundo.

⁶*Zeitgeist* é uma palavra de origem alemã que literalmente significa “espírito do tempo”. No âmbito das ciências humanas, é usualmente utilizada para significar o espírito de uma época, uma espécie de clima cultural que norteia as ideias, os costumes e as práticas existentes de forma hegemônica em determinado momento histórico

A partir de nossa condição de plantonistas, compreendemos que fomos atravessados pela afetação de violência através da narrativa que nos foi contada. Assim, entendemos que a forma como a violência se fez presente nesse contexto foi o verdadeiro diferencial na experiência com Clara. O insólito, ou mesmo o corriqueiro, nessa experiência se desvelou para nós no “*como*” podemos compreender e lidar com a violência enquanto fenômeno que nos atravessa e que se faz presente cotidianamente em nossas vidas, principalmente na prática do plantão das DEAM’s.

A nossa prática inevitavelmente está inserida em um contexto, um horizonte sociocultural no qual a psicologia, como ciência e profissão, ocupa um lugar. Nesse sentido, para entendermos como a prática psicológica pode se inserir no contexto atual, vamos dialogar com alguns autores, principalmente Bauman⁷ (1925-), Giddens⁸ (1938-) e Agamben⁹ (1942-), que tratam da condição da modernidade/contemporaneidade e as diferentes formas como o humano a experiencia. A partir disso, procuraremos situar o contexto sociocultural no qual os usuários do serviço do plantão psicológico se encontram quando do seu atendimento. Em seguida buscaremos apontar que lugar a questão da violência contra a mulher ocupa e como se apresenta, no âmbito dessa configuração contemporânea.

⁷Zygmunt Bauman é sociólogo nascido em 1925 em uma família judia da Polônia. Desde cedo, conheceu as agruras da guerra e a discriminação que imperou na Europa no início do Século XX. Após lutar na Segunda Guerra Mundial, tornou-se professor em Londres (Universidade de Leeds-UK) e fez parte da chamada “Escola de Varsóvia” do pensamento sociológico

⁸Anthony Giddens é sociólogo e filósofo nascido em 1938, Londres-UK. É conhecido como um dos mais influentes pensadores da chamada “Terceira Via”, tem em sua história uma ligação com o trabalhismo britânico, tendo sido inclusive assessor do governo inglês por longo período

⁹Giorgio Agamben é filósofo nascido em Roma (1942). Participou de vários seminários promovidos por Heidegger, o que influenciou sua construção teórica. Atualmente, leciona em várias universidades da Europa e dos EUA

Faz-se necessário ressaltar que o propósito de nosso trabalho não é o de debater exaustivamente conceitos como modernidade, pós-modernidade e/ou contemporaneidade, ou mesmo situar quais desses são os mais abrangentes ou limitantes. Pelo contrário, tomamos por condição a tentativa de esclarecer alguns pontos que parecem convergentes entre esses temas. Para tanto, iremos primeiro trabalhar algumas reflexões sobre a condição moderna e, em seguida, a chamada contemporaneidade e/ou pós-modernidade.

A conceituação sobre modernidade e pós-modernidade passa por inúmeras discussões e debates, principalmente no campo da filosofia e das ciências humanas. Dentre os debates, um dos mais interessantes advém principalmente de Habermas (2002; 2007) e Lyotard (2010). Esses autores procuram explicitar as marcas deixadas no campo da produção do conhecimento que, singularmente, diferenciam esses conceitos em relação a outras épocas ou paradigmas de pensamento.

Assim, dentre as diversas definições que sofreram a influência do debate de Habermas e Lyotard sobre a modernidade, destaca-se, por sua abrangência, o conceito elaborado por Rocha (2001), visto que já delinea o que iremos aprofundar mais tarde em nosso trabalho. Nessa proposta, a modernidade corresponde a um projeto de emancipação do humano pelo próprio humano daquilo que sua natureza biológica e vicissitudes da vida lhe impõem.

O Projeto da Modernidade teve como objetivo decretar a „maioridade“ intelectual do homem em todos os campos da cultura. A razão „esclarecida“ libertá-lo-ia do medo e das superstições, resquícios do mundo mágico e mítico no qual viviam os antigos e os medievais, alienados e submetidos ao poder dos deuses e dos feiticeiros. Para conseguir este objetivo, dois caminhos foram abertos: a dessacralização da natureza, ou o desencantamento do mundo, e uma profunda modificação na compreensão do conceito e da linguagem da nova ciência regida pelo *logos* técnico. (p. 318)

Em linhas gerais, podemos dizer que há uma passagem da ordem mítico-filosófica para outra de cunho racionalizante, mais especificamente lógico-atemático. O humano, portanto, coloca-se como centro de doação de sentido para si, para a natureza e para o mundo social que o rodeia. É possível notarmos nessa posição conceitual uma marcante mudança, pois passamos da visão alicerçada na tradição e/ou religião, para sobrevalorizarmos a ciência como matriz geradora de um discurso produtor da verdade.

Nesse projeto moderno, principalmente por meio de alguns dispositivos culturais (ex: a ciência), foi-se construindo uma forma de razão voltada para o *factum*, ou seja, um modelo de racionalidade que visava desde o início à explicação de coisas, tendo na pragmática e empirismo suas bases fundantes. Houve uma tentativa de conhecer o substrato último do tecido da realidade, de forma objetiva e ao mesmo tempo social.

Ao nos voltarmos para pensar as implicações do projeto moderno para o campo do social, deparamo-nos com as obras de Anthony Giddens (1938-) e Zygmunt Bauman (1925-). Nos últimos anos, esses autores têm construído um vasto material (Bauman, 2009, 2008, 2004, 2002, 2001, 1999, 1997; Giddens, 2002, 1997, 1993, 1991) que serve de referência para os debates atuais no campo da modernidade e suas implicações.

Assim, Bauman (1997), refletindo sobre as implicações éticas da modernidade, lembra que foram duas as bandeiras centrais que possibilitaram a construção do mundo em que vivemos: a primeira diz respeito à *universalidade*; e a segunda refere-se à proposta constante de *fundamentação racional* sobre o mundo, uma forma hegemonicamente presente de privilegiar a ordenação e a não contradição da

vida. A ideia de natureza humana universal visava a uma proposta de construção de mundo no qual todos os humanos fossem iguais perante seus direitos.

A experiência de se viver num mundo moderno parece passar, invariavelmente, por uma sensação de intensa ambivalência, uma espécie de crise ou contradição radical que deixa o indivíduo num estado de alerta constante, tendo que lidar com o inesperado, sem quaisquer garantias de segurança. Bauman (2005), em uma de suas reflexões, afirma que, na “época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto nossas existências individuais falidas em uma sucessão de episódios fragilmente conectados” (p. 17).

Para os indivíduos modernos, o estar-no-mundo implica em uma sensação de busca constante por um lugar de pertencimento. Sente-se um “estar deslocado” em qualquer parte em que se venha estar. Podemos compreender que concomitantemente, por meio de recursos tecnológicos oriundos dessa mesma modernidade, pode-se fazer-se presente simultaneamente em lugares com milhares de quilômetros de distância.

A modernidade, a partir de infinitas possibilidades de ser e viver, sobretudo de forma fugaz e com a noção de insegurança vigente, parece instaurar formas de estar-no-mundo que encontram na crise um jeito fundamental de produzir modos de existir. Nessa configuração, não há muitos espaços para uma ideia de si rígida, universal, tal qual se via no período pré-moderno, uma vez que não se encontra respaldo algum em nossos cotidianos (Bauman, 2005):

O „pertencimento” e a „identidade” não têm solidez de uma rocha, não são garantidos por toda vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a

determinação de se manter firme a tudo isso são fatores cruciais tanto para o „pertencimento” quanto para „identidade”. (p. 17).

A experiência de ser moderno implica também em ser livre e, ao mesmo tempo, solitário. Há uma contínua construção, com seus próprios recursos (reflexivos), de uma ideia de si que possa tentar dar sentido à existência. A princípio, essa “total” autonomia prometida pelo projeto da modernidade parece que foi sentida, por um dado tempo, como uma realização do sonho de toda humanidade.

Giddens (1997) lança reflexões sobre a constituição da modernidade e seus desdobramentos que vão ao mesmo sentido daquelas levantadas por Bauman, contudo, com algumas contribuições próprias que as distinguem. O foco principal da obra de Giddens diz respeito à necessidade de se fazer uma releitura sobre instituições modernas, principalmente em sua capacidade de interferir na vida dos indivíduos. Parte da ideia de que a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social, mas, principalmente, a dimensão privada da existência.

Aprofundando essas reflexões, Giddens (2002, 1997, 1991), em vários momentos de sua construção teórica, versa sobre três conceitos matriciais que o auxiliam a compreender os contornos da modernidade. São os conceitos de *separação do tempo e espaço*; o conceito de *desencaixe das instituições sociais*; bem como, também, o conceito de *reflexividade*. Estes se encontram arraigados no cerne da vida moderna, podendo existir, inclusive, de forma simultânea, concorrente e complementar, ou seja, para Giddens (2002), “A reorganização do tempo e espaço, somada aos mecanismos de desencaixe, radicaliza e globaliza traços institucionais pré-estabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana.” (p.10).

A definição de modernidade proposta por Giddens (2002) implica a construção de uma ordem social pós-tradicional, na qual não foram substituídos de forma linear e absoluta as certezas e os hábitos da tradição pela “verdade” oriunda de um conhecimento racional, dito de outro modo, não foi meramente a capacidade reflexiva por uso de uma racionalização instrumental que, em uma sucessão natural, substituiu a dimensão tradicional. Socioculturalmente contextualizada, a modernidade pode ser compreendida a partir da emergência de instituições e dos modos de vida que foram se construindo na Europa no século XX e se ampliando de maneira a tomar dimensão planetária.

Além de sua reflexividade institucional, a vida social moderna é caracterizada por processos de reorganização do tempo e dos espaços associados à expansão de mecanismos de desencaixe – mecanismos que deslocam as relações sociais de seus lugares específicos, recombina-os através de grandes distâncias no tempo e espaço (Giddens, 2002, p. 10).

Portanto, a modernidade, nessa perspectiva, não foi de todo superada, como pensam alguns autores, pois, em nosso mundo, persistem, de forma ainda sistemática, os mesmos eixos axiais, os quais a transformam no que se chama de “alta modernidade” ou “modernidade tardia”, sem, contudo, perder suas características básicas.

Os principais contornos da modernidade tardia (Giddens, 2002), que terminam por configurar parâmetros nos quais se desenrolam as possibilidades de ser-no-mundo na modernidade, dizem respeito aos seguintes processos:

- O imperativo das condições sociais modernas, que determinam a todos os indivíduos terem que “encontrar-se a si mesmo”;

- A existência do perigo e da oportunidade como intrínsecos ao mundo moderno;
- A existência da ansiedade intensa como correlata natural da maturação dos perigos mundanos;
- A organização contumaz de uma biografia, reflexivamente organizada, sob a égide do que a própria modernidade dispõe sob a forma de possíveis modos de vida.

O tempo, no âmbito da modernidade, foi perdendo a âncora com relação ao espaço, principalmente no que diz respeito às culturas tradicionais, pois que tempo/espaço dispõem-se como pontos de apoio para identificação e simbolização dos indivíduos. Assim, a vida moderna foi perdendo possibilidades de ritualização. O rito justamente corresponde à marca que imprime ao tempo e ao lugar uma dada significância. As vivências dessa separação entre tempo e espaço foram possibilitando a emergência, cada vez mais intensa, de uma sensação de “vazio do tempo”. As tentativas de preenchimento se dão por meio de sistemas de tempo universais, concomitantemente, independentemente das distâncias envolvidas nos eventos.

Contudo, a própria necessidade de simbolização por parte dos indivíduos, sobrecarregados de uma significativa carga de informação em tempo real, demanda sempre, nesse mesmo processo de separação do tempo e espaço, um outro processo, contrário e concomitante, a saber: a reintegração do tempo e espaço. É justamente essa reintegração que torna universal a história singular de cada cultura ou comunidade. A história, única e globalizante, passa a ser sempre em tempo real,

sem interlocutores ou mediadores; nasce já pronta, inserindo a todos a um só clique ou aperto de controle remoto.

No âmbito das relações interpessoais, os indivíduos passaram a vivenciar uma crescente artificialidade nos modos de existir que parece se acentuar, desde os aspectos físicos até à necessidade da reflexão daquilo que é simbolizado nas relações de intimidade, uma superficialidade nos contatos e nas experiências com o mundo. Desse contexto, podemos considerar que o estar-no-mundo com outros indivíduos foi-se perdendo num estar-no-mundo com coisas. Dá-se, paulatinamente, uma sobrevalorização às formas de relação de objetificação, em detrimento às formas de constituição de alteridade, nas quais outros indivíduos são irreduzíveis à mera dimensão de objeto.

As consequências imediatas promovidas pela sobrevalorização da objetificação das relações se dão principalmente no âmbito da intimidade, sobretudo por meio do recrudescimento do narcisismo. Essa dimensão narcísica se transformou na faceta mais visível do processo de objetificação inter-relacional, na medida em que se busca uma autoimagem, um “eu” coerente e sem contradições, por uma sensação de estabilidade inexistente no campo da modernidade.

Nesse contexto, emerge o que Giddens (1997) chama de relações puras, que consistem em modelos de relações de intimidade nos quais há uma idealização do ser amado, cuja ênfase se dá na universalidade do amor, na naturalização dos vínculos afetivos e na eternidade da relação. Um exemplo dessa forma de relação pura é o chamado “amor romântico”. A dimensão do ciúme ou da construção de formas simbióticas de viver não são o que de mais destrutivo há nessas relações, mas sim a impossibilidade de retroalimentação desse amor.

Ao constituírem-se, as relações puras, alicerçadas em uma dimensão da exterioridade da experiência mundana dos indivíduos, ou seja, fora do campo das afetações do mundo, há apenas a existência de um mundo idealizado em que não se sofre das agruras e possibilidades advindas de ambivalência, incertezas e contradições. Dessa forma, as relações puras se tornam quase sempre fadadas ao fracasso, sendo este entendido como um sentimento de impotência, de desinvestimento de si frente ao outro, ao mundo e à sua própria vida.

A partir do mesmo campo de críticas às transformações acontecidas a partir do século XX, Agamben (2002) chamará de contemporaneidade o contexto sociocultural no qual nos encontramos. Diferentemente de Bauman e Giddens, que de alguma forma buscam explicações universalizantes e socialmente ancoradas sobre a constituição dos modelos de relações sociais, Agamben aponta, através de uma leitura heideggeriana, para a dificuldade ôntico-ontológica de situarmo-nos verdadeiramente como contemporâneos. Mas, afinal, o que Agamben (2009) chama por contemporâneo e que relação há com o conceito de modernidade trazido por Bauman e Giddens? Vejamos:

[...] verdadeiramente contemporâneo, é aquele que não coincide perfeitamente com este (tempo), nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo ele é capaz, mais do que outros, de aprender e apreender o seu tempo. (p. 59)

Agamben (*op. cit.*) continua contextualizando o humano contemporâneo da seguinte forma:

O contemporâneo é aquele que não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, sua íntima obscuridade... percebe o escuro de seu tempo como algo que ele concebe e não deixa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. O contemporâneo é o agente que recebe em pleno rosto o fecho de trevas que provém de seu tempo. (p. 64)

Apropostatrazido por este autorsinalizainicialmente que o contemporâneo não deve ser confundido com aquilo que é atual, aquilo que se instala no agora e que por si podemos acessar e conhecer como um todo. Pelo contrário, nesse conceito há uma fratura, uma anacroniainsuplantável na qual os indivíduos são jogados, e, por justamente se encontrarem nela, apreendem o desconforto e desamparo ontológicos

Na condição daquele que apreende o “escuro do presente” abre-se a possibilidade de se ter uma experiência de distanciamento da própria história e do tempo, fazendo dessa experiência algo inédito, inaugural. A partir desse contexto, faz-se instigante pensar, ainda a partir das reflexões advindas de Agamben, que nesse colocar-se de outro modo no tempo/espço é que podemos experimentar a ineficácia de nosso arbítrio humano. E é justamente nesse sentido que encontramos ressonâncias vindas da articulação entre a reflexão de Agamben e as propostas de Bauman e Giddens. Assim, o que nos parece comum em ambas as propostas é a impressão de que o homem se encontra em um estar lançado no mundo. Esse mesmo mundo parece ser apreendido como modos de experiência da vida, que tomam o homem por inteiro, fazendo-o, assim, experimentar sua própria impotência.

Desta feita, podemos compreender que, tanto para Bauman, quanto para Giddens e Agamben, parece haver, através da experiência da impotência, uma dimensão de violência no âmago das experiências vividas pelo humano a partir da configuração sociocultural contemporânea na qual ele se encontra. Pois, ao

percorreremos as veredas da sociedade líquida (Bauman, 2001), ou das relações puras (Giddens, 1993), ou ainda das configurações contemporâneas (Agamben, 2009), parece que levamos como parceiro constante um desassossego que vem acompanhado do “estreitamento” dos sentidos e significados das nossas experiências do mundo.

A partir desse contexto, podemos identificar a violência contra a mulher como um dos modos de expressão desse horizonte das experiências modernas/contemporâneas nas quais nos encontramos e que nos constitui. Entretanto, ao entendermos a existência de uma dimensão da violência na contemporaneidade, não queremos indicar que exista uma determinação natural, social ou cultural da violência como a marca essencial da cultura moderna, visto que em todas as épocas históricas sempre houve alguma forma de violência.

Assim, reconhecemos a violência e, mais especificamente, a violência contra a mulher como modo de expressão de um dado tempo histórico que necessita ser melhor circunscrito.

De acordo com o dicionário da língua portuguesa, em Ferreira (2009), a palavra violência diz respeito a todo ato de constrangimento físico ou moral; só da força ou coação. Indica, ainda, que a palavra violência possui uma raiz etimológica do latim *violentia*, que em sua origem significa profanar, transgredir. O termo *vis* remete à compreensão de força, vigor, potência, emprego de força física.

No mesmo sentido, Chauí (2003) indica que a violência pode ser compreendida como

Exercício da força física e do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu ser ou contra sua própria vontade. Por meio da força e da coação psíquica, obriga-se alguém a fazer algo contrário a si, aos seus interesses e desejos, ao seu corpo e à sua consciência, causando-lhe danos profundos e irreparáveis, como a morte, a loucura, a autoagressão ou a agressão aos outros. (p. 308)

Por outro lado, no âmbito da saúde, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e alguns autores definem a violência a partir da seguinte perspectiva:

Violência é o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (Krug, Dahlberg, Mercy, & Lozano, 2002, p. 28)

No mesmo relatório, a OMS (2002) ressalta que a natureza dos diversos tipos de violência contempla a possibilidade de atos que envolvam as dimensões: física; sexual; psicológica; além de privação ou negligência.

Faz-se, entretanto, necessário, ainda, esclarecer alguns termos, como, por exemplo: violência doméstica, intrafamiliar e física, que são muito usados, sobretudo na dimensão da violência entre parceiros íntimos. No âmbito da violência contra a mulher, distinguem-se ainda alguns conceitos que se foram construindo nos últimos trabalhos sobre o tema.

De acordo com Narvaz e Koller (2006), a **violência doméstica** caracteriza-se como todo tipo de violência que inclua membros de um mesmo grupo, sem função parental, que convivam no mesmo espaço doméstico, inclusive pessoas com convivência esporádica. Já a **violência intrafamiliar** ocorre quando há interferência, pela ação ou omissão, que cause danos ao bem-estar, à integridade física e psicológica e ao direito ao desenvolvimento pleno de um dos membros da família. E,

por fim, **violência física** vai se caracterizar por atos que inflijam práticas, tais como: socos, chutes, tapas etc.

Há pesquisas realizadas nos últimos anos que sinalizam a presença da violência contra a mulher em diversos níveis sociais, e que são fundamentais para termos uma noção da violência na realidade do Brasil.

A Fundação Perseu Abramo (2001) pesquisou mulheres brasileiras com idade igual ou superior a 15 anos. Essa pesquisa, cujo título foi *A mulher brasileira nos espaços público e privado*, ocorreu a partir da aplicação de questionários e entrevistas pessoais e domiciliares. Foram realizadas 2.502 entrevistas em áreas urbanas e rurais, distribuídas em 187 municípios de 24 estados das cinco macrorregiões (Norte, Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul).

O perfil dessas mulheres pesquisadas aponta que 26% são solteiras; 57% são casadas (com ou sem registro civil); 8% são separadas e 9% são viúvas. Quanto à maternidade, 75% possuem filhos, dessas, 55% com filhos de idade inferior a 18 anos. Já no que diz respeito ao grau de escolaridade, os dados indicam que 59% das mulheres não passaram do ensino fundamental (completo ou incompleto); 27% chegaram ao ensino médio (completo e incompleto); 6% chegaram ao ensino superior (completo e incompleto) e 7% nunca frequentaram a escola.

No que se refere às informações sobre os dados da violência contra a mulher, a situação mostrada indica que um terço das mulheres brasileiras (33%) admite já ter sofrido, em algum momento da sua vida, violência física; 27% que já sofreram violência psíquica e 11% que já sofreram assédio sexual. Dentre as mulheres que sofreram violência, destaca-se, nesta ordem, violência física (20%), violência psicológica (18%) e demais formas de violências (15%).

Dentre os dados, ressalta-se ainda que 11% das mulheres brasileiras informaram que já sofreram espancamento com corte, marcas ou fraturas. Isso, no universo investigado (61,5 milhões, de acordo com os dados do IBGE/2000), implica projeções que apontam para: 2,1 milhões de mulheres espancadas por ano; ou seja, são 175 mil mulheres/mês, 5,8 mil mulheres/dia, 243 mulheres/hora ou ainda a significativa marca de **15 mulheres/segundo**. Os dados mostram também que, no universo pesquisado, 15% das mulheres vítimas não sabem dizer a quantidade de vezes que foram agredidas, denotando um comportamento repetitivo por parte dos agressores. Outro estudo importante ocorreu em dez países, 2000-2003, incluindo o Brasil. Nesse estudo, utilizou-se um questionário padronizado construído especificamente para essa pesquisa. No sentido de compreender o contraste entre as grandes cidades e interior, essa pesquisa foi realizada na cidade de São Paulo e 15 municípios da Zona da Mata de Pernambuco. O público alvo foram mulheres entre 15 e 49 anos de idade, perfazendo uma mostra de 2.122 mulheres (940 mulheres na cidade de São Paulo e 1.188 mulheres da Zona da Mata de Pernambuco-PE).

Os resultados mostraram que as mulheres já sofreram algum tipo de violência pelo menos uma vez na vida, na proporção de: violência psicológica (41,8% em SP e 48,9% em PE), violência física (27,2% em SP e 33,7% em PE) e violência sexual (10,1% em SP e 14,3% em PE). Um dos resultados que mais chama atenção nesta pesquisa foi quanto à violência psicológica ter ficado em primeiro lugar, concomitantemente, nas duas regiões (41,8% em SP e 48,9% em PE). Isso corrobora com os estudos de Hirigoyen (2005), que versa sobre o ciclo da violência

contra a mulher que se inicia com violência psicológica e em muitos casos termina com a morte de mulheres.

De acordo com Waiselfisz (2012), o Brasil ocupa a 7ª colocação num total de 80 países, no que se refere ao feminicídio. O Estado do Espírito Santo é o primeiro colocado, com 9,4 mortes/100 mil habitantes. Os Estados da Bahia, com 5,6 mortes/100 habitantes, e Pernambuco, com 5,4 mortes/100 habitantes, ocupam a 8ª e a 10ª colocação respectivamente. Ainda nessa pesquisa, é possível compreender que os agressores, em sua maioria, são os cônjuges ou ex-cônjuges (35,4%), o que corrobora com o percentual de 68,8% dos casos de violência acontecendo dentro das residências.

A cidade de Petrolina ocupou, no triênio 2008 a 2010, o sétimo lugar em relação ao total (homens e mulheres) de CVLI de Pernambuco. No que diz respeito especificamente ao CVLI contra mulher, Petrolina ocupa o primeiro lugar, exatuando as cidades da região metropolitana da capital pernambucana.

A existência de estudos como esses da Fundação Perseu Abramo e de Schraiber (2007), desenvolvidos por pesquisadores e instituições de respeito com confiabilidade nacional e internacional, ajudam a explicitar a questão da violência contra a mulher em suas dimensões social e política. Os estudos da área de saúde contribuem para situar a discussão sobre a violência como um problema de saúde e de gênero. Assim, podemos compreender que a violência doméstica, além de ser um problema social e de saúde, também é uma questão de gênero (Giffin, 1994; Silva, Coelho, & Caponi, 2007; Schraiber et al., 2007; Lamoglia, & Minayo, 2009; Schraiber, Oliveira, Portela, & Menicucci, 2009).

O conceito de gênero tem sido utilizado como ferramenta importante para diversas áreas do conhecimento, pois nos possibilita conhecer aspectos relacionais envolvidos na produção e reprodução da violência. De acordo com Saffioti (1994), o conceito de gênero passa a ser discutido a partir do movimento feminista, sobretudo na década de 1970, sob a égide da perspectiva de que a sociedade é a transformadora da dimensão biológica em produtos da atividade social humana.

Nessa perspectiva, há a intenção clara no sentido da superação da dimensão biológica como marco fundamental das diferenças humanas, dito de outra forma, refletir sobre as **relações de gênero** é ter que discutir, necessariamente, as **características atribuídas** a cada sexo pela sociedade e sua cultura em dado contexto temporal. A partir dessa nova compreensão, o termo “gênero” passou a ser utilizado como marco para delimitar a inserção da dimensão cultural para se pensar as diferenças entre mulheres e homens.

Para Ramão & Meneguel (2005), o conceito de gênero compreende quatro dimensões principais: o aspecto relacional; as representações sociais do que é ser homem e ser mulher; a dimensão normativa que estabelece interpretações dos significados dos símbolos e, em último lugar, a identidade subjetiva. Dentre as nuances do conceito, o que se faz importante diz respeito enfocar a dimensão relacional, pois, ao descartar-se a noção de vitimização que impregnava os primeiros estudos sobre a violência contra a mulher, se insere o poder como um elemento constitutivo de toda relação de gênero. Portanto, a noção de gênero indica para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino nas quais esse conceito se configura como um modo primeiro de significar as relações de poder.

Por fim, ressaltamos que a dimensão essencial que se encontra na concepção do conceito de violência, principalmente na violência interpessoal, está no estabelecimento de uma relação em que uma das partes lida com a outra parte como coisa, objeto e não como *outrem*, ou seja, há uma negação do Outro, do diferente, frente a si mesmo. Essa negação implica a possibilidade de uma forma de relação utilitária – que estabelece a negação sobre o outro e o poder de decidir – e imperativa.

Portanto, a partir do conjunto de estudos e dados sobre a questão da violência contra a mulher, partimos para pensar a respeito do plantão psicológico na DEAM, tendo como norte as seguintes compreensões: a) as mulheres vítimas de violência se encontram em uma dada época histórica (modernidade/contemporaneidade) marcada pelo esvaziamento de sentido na forma de se relacionar, na qual parecem predominar relações de utensibilidade, com a intensificação de vivências angustiantes e dificuldades de produção de sentido e significado; b) a violência se faz presente no modo de relacionar, principalmente nas relações amorosas, como um atravessamento que se configura em produto de idealizações, ciúmes, dependências afetivas, etc.; c) os índices de violência contra a mulher no mundo, mais especificamente no Brasil, parecem se configurar como reverberação das formas de estar e relacionar dos indivíduos consigo mesmos, com os outros e com o próprio mundo; c) a violência contra a mulher se apresenta como uma violência muda, pois sofre discriminação por ser de gênero, mas também por se dar predominantemente no contexto doméstico, o qual se caracteriza pelo seu contexto privado.

Diante das possibilidades de enfrentamento a esse tipo de violência, a DEAM vem se tornando o *locus* fundamental para implementação de políticas públicas para o enfrentamento da violência contra a mulher.

A partir desse contexto, nosso estudo tem por objetivo compreender a prática do plantão psicológico realizado nas DEAM"s de Juazeiro-BA e Petrolina-PE. Para tanto, temos os objetivos específicos, que são: 1) descrever como se dá o plantão psicológico nas DEAM"s; 2) analisar como se foi dando a construção das ações desenvolvidas, sobretudo a partir da nossa implicação no campo de intervenção;

Para contemplarmos nosso propósito, organizamos este trabalho da seguinte forma: uma breve recapitulação de algumas bases fundamentais da filosofia fenomenológica existencial, acrescentando a contribuição da chamada produção tardia de Heidegger; em seguida, realizaremos uma revisão teórica sobre o plantão psicológico fenomenológico existencial, buscando situá-lo como modalidade da prática psicológica; já a metodologia, com uma breve introdução sobre a contribuição de Gadamer (1900-2002) para o campo da hermenêutica, sinalizará como trilhamos o caminho para a construção do *corpus* da pesquisa. Por fim, partiremos para análise e discussão do trabalho e seu respectivo fechamento.

1 FUNDAMENTOS FENOMENOLÓGICOS EXISTENCIAIS DO PLANTÃO PSICOLÓGICO: da Ontologia fundamental ao mundo da técnica

O estranho está em travessia. Sua errância não é, porém, de qualquer jeito, sem determinação, para lá e para cá. O estranho caminha em busca do lugar em que pode permanecer em travessia. „o estranho“ segue, sem quase dar-se conta, um apelo, o apelo de se encaminhar e pôr-se a caminho do que lhe é próprio.

(Heidegger, 2003, p. 31)

A prática do Plantão Psicológico pode ser implementada em uma variedade de espaços, principalmente em instituições de saúde, educação e segurança pública. A abertura para a inserção do plantão como modalidade de prática psicológica parece refletir, de alguma forma, as demandas da cultura contemporânea, com suas urgências, fragmentações e uso de tecnologias que implicam em uma experiência de desterritorialização do humano de suas bases espaço-temporais (Bauman, 2001).

A possibilidade de compreensão de uma prática passa pelo entendimento desta em relação ao seu aparecimento e à sua articulação com a cultura na qual se insere. Quando fazemos plantão, como podemos dizer algo sobre aquele ser humano, quando ele nos fala de si? Faremos, inicialmente, uma retomada das questões fundamentais que embasam a noção de humano para o Plantão

Psicológico fenomenológico existencial e, em seguida, articulá-lo com sua prática enquanto dimensão clínica.

A prática do Plantão Psicológico, a partir de uma perspectiva fenomenológica existencial, supõe uma compreensão de homem (*Dasein*) e de mundo, partindo da ontologia existencial. Desde já, faz-se importante ressaltarmos que, não consiste, esta leitura da prática, em uma tentativa de fazer da Psicologia uma Filosofia, ou, dito de outra forma, de fazer leituras filosóficas de questões clínicas, promovendo um mero aplicativismo filosófico às questões cotidianas referentes ao sofrimento do humano.

Antes de nos aprofundarmos na discussão sobre essa compreensão do plantão como ação clínica, faz-se necessário explicitar o que entendemos por Fenomenologia Existencial, poder transitar por alguns de seus conceitos e, em seguida, realizar uma aproximação mais consistente com o que tem sido fundamentado teoricamente sobre o Plantão Psicológico. Para tanto, faremos um recorte pontual nos estudos sobre a Fenomenologia, sobretudo na perspectiva de Martin Heidegger (1889-1976), ressaltando a sua proposta de Ontologia Fundamental e a questão da técnica: dimensões importantes tanto para a crítica do pensamento ocidental como para o propósito deste trabalho.

1.1 Da Ontologia fundamental

No início do século XX, houve, na Europa, uma crise do pensamento moderno, pois havia uma prevalência do racionalismo como perspectiva principal para tentar compreender os horrores da guerra e as incertezas do pós-guerra.

Nesse contexto, nasce a proposta de uma analítica existencial, elaborada pelo filósofo alemão Martin Heidegger, que se consolida, principalmente, a partir do livro *Ser e Tempo* (1927). O questionamento que deu origem a esse livro e acompanhou seu autor por tantos outros escritos consistiu em pensar o problema do Ser.

A leitura original realizada por Heidegger das obras de Parmênides e Aristóteles o fez se aproximar e refletir sobre as bases em que toda a filosofia ocidental se alicerçou, pois, desde Sócrates e Platão, o pensamento filosófico foi se constituindo como o que Heidegger denominou de “metafísica”, ou seja, sobre o ente¹⁰ como correspondência ao Ser das coisas. Heidegger, ao questionar o conhecimento metafísico, lançou-se no exercício de repensar o problema da existência a partir da perspectiva fenomenológica, principalmente por meio da analítica existencial.

Para melhor entendermos como a Fenomenologia Existencial – proposta por Heidegger – pode contribuir para outras compreensões que embasam a prática clínica do Plantão Psicológico, faz-se necessário recapitularmos alguns dos conceitos fundamentais desse autor, principalmente aqueles trazidos em *Ser e Tempo* (1999). Para tanto, primeiramente, vamos situar essa obra em termos de sua importância, descrevendo como foi estruturada e quais as principais partes que se relacionam com nosso interesse de pesquisa. Em um segundo momento, realizaremos um recorte sobre a noção de “cuidado”, fazendo uma tessitura com os elementos de nossa experiência enquanto plantonistas.

Ser e Tempo (1999), traz como questão fundamental a necessidade de desconstruir a metafísica como fundamento do pensar filosófico ocidental. Essa

¹⁰Ente diz respeito a tudo que existe no mundo. Entretanto, ressaltamos que esse será trabalhado mais abaixo neste mesmo texto

radical empreitada visava destronar a ontologia escolástico-tomista como fundamento da compreensão de verdade e conhecimento. Dito de outro modo, foi possível acertar um golpe contundente no coração da noção de conhecimento grego-cristão-moderno.

O foco fundamental da argumentação heideggeriana dá-se no sentido de acentuar a diferença ontológica entre Ser e ente, tão propagada e aceita na perspectiva da Metafísica, cujo fundamento situa-se na compreensão entre a possibilidade de existência sensível-temporal e suprassensível. Essas distinções levaram à concepção de humano como um animal eminentemente racional, ou seja, como possuidor de alma e corpo, razão e emoção, entre um humano, encapsulado por uma cognição por meio da representação das coisas, e o mundo como sinônimo de natureza, tudo aquilo que existe e se encontra disponível.

Nesse sentido, as narrativas, de acordo com Duarte (2009), que se organizam na modernidade, ensejam uma forma de estruturação em que todo discurso já vem carregado por uma episteme que o possibilita enquanto discurso e prática, por um algo para além do físico, portanto, metafísico. Assim, para Duarte (2006),

[...] A ciência moderna tem de ser pensada enquanto investigação que procede de maneira metódica e rigorosa segundo experiências pré-orientadas por leis, levada a cabo por cientistas que operam de maneira técnica e especializada em empresas institucionalizadas. (p. 99)

A partir da crítica de que a Metafísica teria esquecido o Ser das coisas, Heidegger propôs, a partir de *Ser e Tempo* (1999), um projeto que chamou de

Ontologia fundamental. Para MacDowell (1993), a Ontologia fundamental heideggeriana consistiu na tarefa de voltar-se à origem de um pensar que pudesse levar em consideração uma tríplice jornada filosófica: a) introdução da perspectiva da existência; b) revelação do fenômeno original do tempo como horizonte da compreensão do Ser; e, por fim, c) o caráter fundamental da Hermenêutica.

De acordo com Stein (2005), a forma como Heidegger estruturou sua obra *Ser e Tempo* se deu a partir da disposição de seis teses fundamentais, que são: a questão da ontologia fundamental, o apelo ao sentido do ser; o único ente que compreende o ser – (*Dasein*), o Ser-aí; o estar-aí é ser-no-mundo; ser-no-mundo é cuidado, cura (*Sorge*); o cuidado é temporal; temporalidade do cuidado é ekstática – distinção do tempo linear.

A diferença ontológica foi um dos pontos de partida da empreitada heideggeriana para realizar sua crítica radical à metafísica. O ente, de acordo com a perspectiva socrático-platônica, foi confundido com o Ser das coisas, e não entificar o ser foi a tarefa fundamental para a superação da metafísica.

Para os modernos (*metafísica*), o ser dos entes reside em seu caráter de objeto representado por um sujeito, ao mesmo tempo em que a essência da verdade passa a ser definida como certeza da representação. Para os modernos, pensar é re-presentar (*vor-stellen*), isto é, capturar e trazer o ser do ente para diante do sujeito que conhece, objetivando-o, de modo a que possa ser conhecido como certeza e permaneça sempre disponível para seu emprego calculado (Duarte, 2006. p. 100).

O ente diz respeito a tudo aquilo que existe e que possui uma substância, tudo aquilo que ocupa um lugar ¹¹. A forma como a metafísica operou para tornar próprio o conhecimento das coisas foi realiza-lo pela correspondência entre Ser e ente (Ser

¹¹Para Heidegger, há dois tipos de entes fundamentais: o que ele chama de “entes intramundanos”, que seriam todas as coisas que existem no mundo, p. ex.: árvore, vento, as casas etc. E o outro tipo de ente que é abertura ao Ser - *Dasein*

= ente). Ora, se o Ser e o ente se correspondem, isso se dá por meio da representação das coisas como coisas em si. Quem possibilita isso são as ideias via razão. Pelas ideias, Ser e ente se equivalem em uma possibilidade de representação que torna a subjetividade, que opera essa relação, o ponto de convergência e construção de todo tipo de conhecimento, conseqüentemente da Verdade¹². Portanto, nesse paradigma metafísico, o sujeito conhecedor se encontra apartado do mundo, operando e atuando sobre esse mundo.

O humano seria, então, nessa perspectiva, o sujeito que é *subjectum*, como aquilo que se confunde com a ideia de verdade e que preexiste a qualquer facticidade do existir. Dessa forma, reúne tudo que existe antes e após a sua possibilidade de existência. O homem é o fundamento para seu existir, constitui-se em substância e essência em ato de existir. O homem torna-se a partir da Metafísica, principalmente a partir da modernidade, todo o centro de referência da totalidade do ente, fundamento último do seu próprio existir.

Diferentemente da proposição metafísica, Heidegger (1999) vai, por outro lado, denominar de Dasein ou ser-aí, o ente especial que, antes de qualquer coisa, é um ente que se percebe de sua entidade em uma dada existência. A peculiaridade desse ente se dá pela possibilidade de constuir-se abertura para o desvelamento do Ser das coisas. Com isso, há uma diferença fundamental que, sem deixar de compreender o homem como estar no mundo, torna-se um lugar não naturalizado, mas sempre inospito para o humano, que, ao mesmo tempo, é um ente como qualquer outro, mas também por sua ambigüidade própria, é estranhamento fundamental frente ao mundo

¹²Verdade aqui é com letra maiúscula, para designar a verdade absoluta, metafísica

Todo ente, exceto o ser-aí, estando no mundo, é preenchido com o estar no mundo dado. Nenhum outro ente se depara com sua própria finitude como possibilidade de qualquer outra possibilidade. Retirar o homem de uma ideia de natureza dada e acabada é situá-lo como fundamento para a emergência do Ser. Essa foi uma das grandes contribuições da Fenomenologia Existencial. Só, e somente só, pela sua condição de ser abertura, é que o homem é possibilidade de vir a ser, ou seja, de poder-ser, de ser-aí. O homem passa a ser entendido, então, como aquele que percebe, que se dá conta do ser das coisas e de alguma forma corresponde a este. O dar-se conta do Ser se faz pela forma própria da emergência das coisas e não pela captação das ideias, ou seja, por meio da racionalização.

Por outro lado, o Ser das coisas não se dá de forma imediata e autoevidente; pelo contrário, o Ser dos entes só se mostra para os homens por meio dos modos de ser originários dos próprios entes. Então, se o homem é o único ente que, ontologicamente, se constitui possibilidade de abertura para o desvelamento do Ser, ele se mostra como modos de ser.

O mostrar-se do Ser por meio dos modos de ser dos entes só se dá a partir da relação de cooriginalidade que se tem com o mundo; o aí do ser-aí é o mundo que desde sempre se faz presente como fundamento de sua mostra do poder-ser. O *Dasein* estará, desde sempre, ocupando-se com o mundo, que lhe é tão originário quanto a própria existência. O Ser-aí, como ser-no-mundo, mostra-se em seu aí. Dito de outra forma, o *Dasein* é ontologicamente ser-no-mundo. Dessa forma, para a perspectiva fenomenológica existencial, o conhecimento apresenta-se na própria experiência do existir, revelando-se como compreensão e pré-compreensão.

Enquanto ser-no-mundo, o *Dasein* depara-se com outros *Dasein* e entes intramundanos, apresenta-se nessa relação em seu poder ser si mesmo, ou seja, o homem, sendo originariamente lançado ao mundo e tendo como tarefa cuidar de existir no mundo-com-os-outros, encontra-se no modo de abertura e, portanto, possibilidade de ser no mundo. Encontrar-se inexoravelmente lançado no mundo implica na facticidade como condição originária do *Dasein*; dito de outro modo, o homem corresponde às suas possibilidades. O humano, nesse contexto, há de se compreender a partir dessas possibilidades como forma de se dirigir à sua destinação de ser.

Heidegger (1999) irá chamar de existenciais as condições ontológicas de possibilidade de ser dos homens enquanto *Dasein*. De acordo com Barbosa (1998), há quatro existenciais fundamentais na proposta heideggeriana: **ocupação; disposição; compreensão e discurso.**

A **ocupação ou mundaneidade** corresponde a esta condição factual de cooriginalidade entre ser e mundo, não há uma prévia existência entre Ser e mundo. Na medida em que se encontra factualmente lançado no mundo, lida com este no modo de abertura e afetação, ou seja, ao estar sempre cooriginariamente no mundo, o homem existe enquanto modo de ser nesse mundo.

Heidegger (1999) vai localizar duas formas básicas de ocupar-se no mundo: ser-em (*Beinsein*) e ser-com (*Mitsein*¹³). Ao nos relacionarmos enquanto ser-em lidamos com o mundo a partir de uma relação de utensibilidade, o mundo apresenta-se como utensílio e nos dirigimos àquilo que nos apresenta como algo que está disponível. Na maior parte do tempo, lidamos com as coisas do mundo a

¹³De acordo com Inwood (2002), a palavra alemã *Besein* implica na ideia de “ser-em” na pre-sença de coisas ou acontecimentos. Já a palavra *Mitsein*, “Ser-com”, refere-se a estar com outras pessoas

partir da maneira ser-em, lidamos com as coisas como se essas, por estarem à disposição, fossem meros objetos a serem utilizados de forma objetiva.

Já na relação ser-com, há um relacionar-se com o outro *Dasein*, outro que é outro ser-aí, como condição de abertura e poder-ser. Essa relação, diferentemente da utensibilidade da relação ser-em, dá-se por convocação, chamamento por se reconhecer, no aberto, a própria abertura. O modo como os entes vêm ao encontro não é como algo dado que lhe chega fortuitamente; pelo contrário, é um encontrar-se com o próprio *Dasein*. Heidegger (1999) afirma que “na base desse ser-no-mundo determinado pelo com, o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O mundo da pre-sença (*Dasein*) é mundo compartilhado. O ser-em é ser-com os outros. O ser-em-si intramundano desses outros é copre-sença” (p.170).

Mais adiante, articularemos o conceito de ser-com construído pela Fenomenologia Existencial com a situação de Plantão Psicológico, pois será a partir da compreensão da relação ser-com que poderá se instituir uma forma de cuidado clínico na existencialidade do encontro.

Se ocupar-se com o mundo dá-se de modo originário, tendo o homem desde sempre que lidar com o aí de sua existência, esse ocupar-se também é acompanhado por um modo de ser do homem que se dá por afetar-se, de um sentir afetado no mundo. A essa condição ontológica Heidegger (1999) chamará de **disposição**. Esta diz respeito à condição de abertura e “afetação” num sentir que se desvela como possibilidade. O correlato ôntico para a disposição é o humor, pois desde que existimos, já estamos no humor, sentimos o mundo a partir de um afeto que jamais será neutro ou impessoal.

No estado de humor, a pre-sença (*Dasein*) já sempre se abriu em uma sintonia com o humor como o ente a cuja responsabilidade a pre-sença (*Dasein*) se entregou em seu ser e que, existindo, ela tem de ser. [...] Na disposição, a pre-sença (*Dasein*) já se colocou sempre diante de si mesma e já sempre se encontrou, não como percepção, mas como um dispor-se no humor (Heidegger, 1999, p.189).

A disposição enquanto condição ontológica coloca o homem diante de seu poder-ser mesmo antes de qualquer tematização ou sistematização que esse faça daquilo com o que se depara, isto é, abre-se como disposição que se desvela na existência. Assim, a disposição “é um modo existencial básico de abertura igualmente originária de mundo, de copresença e existência, pois também esse modo é em si mesmo ser-no-mundo” (Heidegger, 1999, p.191). Dessa forma, podemos indicar que, na disposição, há uma abertura fundamental; o que nos vem ao encontro é desvelado em uma determinada afinação.

A estrutura existencial da disposição afetiva propicia ao *Dasein* desvelar seu estar no mundo pela pré-compreensão, fazendo-se perceptível pelo seu correlato ôntico: os estados de humor.

Da mesma forma, tão originária quanto as estruturas existenciais da ocupação e disposição, a **compreensão** é constitutiva do existir humano. Dá-se como um modo fundamental do Ser do *Dasein*, visto que, se, na abertura de ser-aí, o Ser se mostra e se oculta, nesse movimento desocultação/ocultação, a própria compreensão se mostra como abertura. O *Dasein*, ao se referir a um aí que cooriginariamente o constitui, dá-se pela compreensão (abertura) que possibilita colocar-se em questão como apreensão-de-si enquanto leitura ressignificada.

Abertura da compreensão enquanto abertura de função e significância diz respeito, de maneira igualmente originária, a todo ser-no-mundo. Significância é a perspectiva em função da qual o mundo se abre como tal. Dizer que função e significância se abrem na presença significa que a presença é um ente em que, como ser-no-mundo, ele próprio está em jogo. (Heidegger, 1999, p.198)

Assim, se o *Dasein*, existindo, já é sua abertura, isso implica em se ter o mundo já existindo como possibilidade em uma relação ser-em. O mundo faz-se presente, e a abertura, enquanto poder-ser, como aquilo que, em função do que o *Dasein* é, diz da compreensão. Em outras palavras, a compreensão como abertura originária dá-se sempre em uma teia de possibilidades da qual já se tem apreensão como significância possível. O *Dasein*, enquanto compreensão, destina-se a ser possibilidade a partir de sua responsabilidade, como aquilo que responde, possibilidade lançada. A compreensão como condição do ser-aí, atendo-se à abertura, dá-se pela liberdade de ser para poder-ser mais próprio. Embora os modos impessoais de ser também lhe sejam próprios, encontram-se perdidos no modo do “a gente”.

Aqui, faz-se necessário pontuar as duas possibilidades com que a compreensão se apresenta como modo de ser do ser-aí: compreensão própria ou imprópria sendo que essas podem ser reconhecidas também como autênticas ou inautênticas, ambas constitutivas do modo de ser do *Dasein*. Ora, se a compreensão é sempre abertura para um todo em seu ser-no-mundo, essa pode se desvelar como todo ou partes dessa abertura.

Heidegger(1999) chama de transparência(*Durchichtigkeit*) compreensão que se refere à totalidade da existência, incluindo nesse aí (mundo) o “conhecimento de”.

Assim, “o ente que existe tem a visão de si”, somente na medida em que ele se faz, de modo igualmente originário, transparente em seu ser junto ao mundo, em seu ser-com os outros, momentos constitutivos de sua existência” (p.202).

A compreensão própria será, portanto, aquela que, na sua abertura originária, traz consigo um saber de si própria, um saber não tematizado, mas que fala do modo como o ser-aí encontra-se no mundo. A abertura originária do *Dasein* já é ela mesma um modo de poder-ser de si que, nesse projetar-se no mundo, carrega uma significância ou possibilidade de sentido; diante dessas possibilidades, já se antecipa uma compreensão do ser. O homem como ser-no-mundo possui a compreensão como uma possibilidade de seu poder-ser. Mesmo que não tematizado via razão, há um conhecimento do âmbito da experiência que nos diz do que e como o homem encontra-se no mundo. Mas como essa compreensão é comunicada? Como se dá essa troca?

A disposição e compreensão constituem-se em existenciais fundamentais que se referem à abertura ontológica do *Dasein* em seu ser-no-mundo. Dessa forma, ambas são tão igualmente originárias quanto a comunicação delas por meio de uma declaração, ou seja, enquanto linguagem. Essa também se dá enquanto abertura original, a forma em que se constitui como fundamento ontológico pelo **discurso**. Assim, Heidegger (1999) situa o discurso

[...] enquanto articulação da compreensibilidade do pré, o discurso é um existencial originário da abertura, constituído primordialmente pelo ser-no-mundo, ele também deve possuir, em sua essência, um modo de ser especificamente mundano. A compreensibilidade do ser-no-mundo trabalha por uma disposição, se pronuncia como discurso, a totalidade significativa da compreensibilidade vem à palavra. Das

significações brotam palavras. As palavras, porém, não são coisas dotadas de significados. A linguagem é o pronunciamento do discurso (Heidegger, 1999, p. 219).

O discurso é constitutivo do modo de ser do *Dasein* e, nessa articulação significativa em seu ser-no-mundo, revela a compreensividade do pré na abertura do *Dasein*. Há uma interpelação pelo discurso, esse sempre diz de algo a que discorre (*Geredetes*), fala daquilo que é para alguém ou além do que efetivamente é dito. Todo discurso é um pronunciamento ontológico do próprio *Dasein* que, ao se pronunciar no âmbito do modo ser-com, desvela a totalidade significativa, compreensiva da palavra.

Mas só se pode pensar nas dimensões da linguagem a partir do discurso se pensarmos também em fala e escuta. A fala é aquilo que o discurso diz a partir daquilo que não está ali no explícito do conteúdo. A fala diz respeito ao próprio movimento de emergência da compreensão como possibilidade de significação do ser do ente de forma originária. Mas a fala só se diz a um dado escutar que só se dá pela possibilidade de compreensão, caso contrário, seria ouvir, como acolher os sons que apenas chegam aos ouvidos. No escutar, lembra-nos Heidegger (1999), “como ser-no-mundo articulado em compreensões com os outros, a presença (*Dasein*) obedece na escuta à coexistência e a si própria, „pertencente” a essa obediência” (p.222). Pois, então, será pela escuta que o homem, ao escutar outro, se escuta e se elabora como ser-com em um estar com os outros.

Há, nesse contexto, possibilidades diversas de escuta que pode o ser acompanhar, dar destinação ou modos privativos da escuta que implicam também no não ouvir, resistir; mas que sempre serão um fazer frente a. Mesmo quando se

silencia, o silêncio pode se dar como uma escuta autêntica, pois o *Dasein* se cala por ter sido afetado e ter algo a dizer em uma relação original com a abertura.

Portanto, a ocupação, disposição, compreensão e o discurso, enquanto existenciais, perfazem a totalidade estrutural do *Dasein*. Este, por sua vez, como ser-no-mundo, é uma “estrutura” contínua originariamente total. Mas como o *Dasein*, em sua facticidade e existencialidade, se articula em uma totalidade estrutural?

Vejam se, tanto na disposição quanto na compreensão e no discurso, o *Dasein*, em sua abertura, possibilita um si mesmo. Haveria uma forma privilegiada para se ter acesso a essa totalidade estrutural? Para Heidegger, sim. Essa forma se dá pela disposição fundamental da **angústia**, pois, no encontrar-se compreendido no mundo como condição existencial, o *Dasein* tem como tarefa cuidar de ser seu poder-ser. Mas a angústia aqui em sua dimensão ontológica nada tem a ver com seu correlato ôntico, que é o medo. Esse último dá-se na medida em que o homem se depara com algo, ou alguma situação, em que, existindo o objeto fóbico, o põe em risco factualmente.

Já a angústia, não possui o objeto ao qual ela se refere, não há nada ou alguma situação que seja referência para que o homem se sinta angustiado, e isso faz com que ele tenha que lidar com seu ser-si-mesmo-no-mundo, cuidando de ser. Almeida (1995) afirma, nesse mesmo sentido, que “o fenômeno de base, portanto, ontológico, em que este cuidar de si se torna transparente a partir do próprio modo do homem existir, é a angústia” (p.18).

É pela angústia que o homem se depara com uma espécie de estranhamento da existência, pois, ao deparar-se consigo próprio, ao fugir de si mesmo para o modo do impessoal, evita estar diante de si; condição esta compreendida como

queda ou decadência. Na queda, o homem encontra-se distante, impossibilitado de apropriar-se do seu poder-ser si mesmo. Porém, mesmo na queda, há uma indicação de encontro com sua existencialidade.

Do ponto de vista existenciário, sem dúvida, a propriedade do ser-próprio se acha, na de-cadência, obstruído e fechado. Esse fechamento, no entanto, é apenas privação de uma abertura que se revela fenomenalmente no fato da fuga da presença (*Dasein*) ser fuga de si mesma. Decerto, tanto no desviar-se como no aviar-se, próprios da de-cadência, não se apreende aquilo de que se foge e nem se faz a sua experiência. No entanto, no desvio de si mesma, descortina-se o „pre” da presença. Em razão de seu caráter de abertura, o desvio ôntico-existenciário propicia fenomenalmente a possibilidade de se apreender aquilo de que se foge como tal, de forma ontológico-existencial. (Heidegger, 1999, p.248)

A angústia, portanto, configura-se como uma disposição fundamental para que o *Dasein* se apreenda como cuidado, visto que a angústia não é uma característica ou um fenômeno incidental, que deve ser extirpado do homem; pelo contrário, sendo uma disposição, é cooriginária e pode ser apreendida como uma abertura de acesso do homem a si mesmo em sua possibilidade mais própria.

1.2 O Mundo da técnica

Dentre as temáticas que foram trabalhadas no conjunto da obra de Heidegger, parece-nos que o tema da violência se fez presente a partir das discussões que deram origem ao seminário sobre a técnica. Ao indicar que a história da metafísica é a história do esquecimento do Ser a filosofia heideggeriana, incita-nos a pensar o apagamento, o aniquilamento, daquilo que de mais humanos

possuímos; a abertura fundamental do Dasein, a liberdade devir-a-ser em nosso poder ser próprio.

Antes de adentrarmos nos meandros da produção heideggeriana propriamente dita no que concerne à técnica, faz-se importante ressaltar que a obra completa de Heidegger, publicada em alemão, de acordo com Dubois (2004), aproxima-se de em torno cem escritos e ainda não se encontra finalizada por parte de seus editores. Nessas publicações, podem ser encontrados: livros, seminários, palestras, manuscritos. Para a língua portuguesa, principalmente na última década, houve um acréscimo considerável de publicações que versam, sobretudo, sobre a sua principal obra:

Ser e Tempo.

Consideramos necessário situar a amplitude e importância do conjunto da obra deixada por Heidegger para sinalizarmos que, no segundo momento deste trabalho de “fundamentação teórica” da prática psicológica do plantão, haverá um recorte específico na produção heideggeriana, no sentido de possibilitar uma aproximação dialógica entre a temática da violência, pois serão trabalhadas as conferências “A questão da técnica”, “A superação da metafísica” e “Alethéia”, todas encontradas em *Ensaio e Conferências* (Heidegger, 2002). A escolha desses escritos dá-se pela relevância que tiveram na construção da passagem que Heidegger realizou em sua filosofia, indo da *ontologia fundamental* (primeiro Heidegger) para a busca da *verdade do ser* (segundo Heidegger). Parece-nos fundamental refletirmos sobre esse trânsito na construção heideggeriana por justamente ser neste que entendemos ser possível pincelarmos questões que nos

ajudam a compreender como a violência poderá ser lida sob a ótica fenomenológica existencial.

Entretanto, é importante assinalar que, além do próprio autor, compreendemos ser também necessária, para uma melhor compreensão das construções teóricas de Heidegger após *Ser e Tempo* (1927), a mediação de alguns de seus principais comentadores, assim como das publicações mais recentes no meio acadêmico (Casanova, 2009; Critelli, 2002; Dubois, 2004; Duarte, 2006, 2009b; Ferreira, 2007; Ferreira Jr., 2000; Loparic, 1996, 2004; Safranski, 2000; Stein, 2005; Vattimo, 1989).

A partir desse contexto, questionamos: como e por que Heidegger se enveredou para discutir a questão da técnica moderna e suas implicações para o campo da Filosofia e do mundo cotidiano? Encontramos respostas quando reconhecemos que houve um cenário propício. Após a publicação de *Ser e Tempo* (1927), ele se transformou em um dos mais respeitados filósofos do mundo ocidental. O impacto provocado pela analítica da existência no campo da Filosofia e das ciências foi significativo, a ponto de ele ser comparado, assim como Nietzsche (1844-1900), a um dos arautos da era pós-moderna.

Em 1928, Heidegger assumiu como professor titular em Freiburg, substituindo o seu professor e mestre Husserl. Foram anos de intensa agitação intelectual e política, fazendo com que, em 1933, em pleno regime nazista, aceitasse e assumisse o cargo de reitor de Freiburg.

A breve passagem de nove meses à frente da reitoria fez com que Heidegger começasse a rever algumas de suas concepções sobre o papel da ciência. Esse período também o levaria a “pagar um preço” muito caro, pessoalmente, por ter aceitado essa empreitada. A forma mais visível foram os dez anos de autoexílio que

Heidegger se impôs na pequena aldeia de Todnauberg, bem no centro da chamada Floresta Negra, que ficava nos arredores de Freiburg. Em uma pequena cabana (conhecida como Hutte), recebia alguns poucos amigos e tomava conhecimento do que era por eles publicado.

A partir do ano de 1935, Heidegger começa a fazer os apontamentos do que viria a se transformar, em 1951, na conferência chamada “Superação da metafísica”, seguida em 1953 pela obra que se colocou contra a hegemonia metafísica: “A questão da técnica”.

Mas o que há nessas reformulações que promovem uma guinada no pensamento fenomenológico proposto por Heidegger?

Na Ontologia fundamental, em *Ser e Tempo*, Heidegger (1999) procurou, por meio da analítica da existência, promover o que ele chamou de diferença fundamental. Stein (2008) lembra-nos de que, em todos os momentos de sua obra, Heidegger manteve-se fiel à ideia de que há uma diferença fundamental entre ente e Ser. Além disso, buscou compreender quais seriam os existenciais que configurariam a diferença fundamental, visto que essa tarefa promoveria a desconstrução da ilusão metafísica que, desde Sócrates e Platão, defendia a equiparação entre ideia e as coisas em si.

Fica claro que, na ontologia de *Ser e Tempo*, apenas por meio das condições existenciais do *Dasein* é que o homem como ser-no-mundo se apresenta como existência a partir da temporalidade do existir; ou seja, a condição do *Dasein* se limita à própria noção de mundaneidade das possibilidades de existência.

A compreensão de modernidade heideggeriana foi, inicialmente delineada pela sensação de estranhamento. Esse estranhamento ficou visível em uma carta de 1965, endereçada ao amigo psiquiatra Merdard Boss (1903-1990):

Vivemos em uma época estranha, singular e inquietante. Quanto mais a quantidade de informações aumenta de modo desenfreado, tanto mais decididamente se ampliam o ofuscamento e a cegueira diante dos fenômenos. (Heidegger, 2001b, p.101)

O que, de início, era apenas estranhamento foi-se delineando e tomando outros contornos. Heidegger (2002, p. 11), já nos primeiros parágrafos de *A questão da técnica*, deixa bem evidente uma distinção fundamental que farátoda a diferença em sua abordagem sobre o tema a partir dessa conferência: “a técnica não é igual à essência da técnica”. Dessa forma, podemos compreender que sua análise não foi uma avaliação valorativa direcionada para os aparelhos da técnica em seus aspectos positivos ou negativos. Diferentemente, norteou suas inquietações no sentido daquilo que chamou de essência da técnica.

Sendo assim, Heidegger (*op. cit.*) realizou uma distinção necessária e fundamental para começar a abordar a questão da técnica: os produtos da técnica e sua essência. No âmbito do senso comum, a técnica é comumente pensada como algo neutro, pois seria primordialmente o meio para se chegar a um fim. Os produtos finais da técnica, a partir desse contexto, são de responsabilidade do humano que a utiliza; por isso, esse filósofo chamou essa compreensão da técnica de antropológica ou instrumental. Pois “ao homem caberia articular os meios

necessários para o alcance de fins previamente definidos, cabendo a ele julgar antecipadamente a natureza desses fins” (Duarte, 2009, p. 206).

Se pensarmos apenas a partir dessa noção de instrumentalidade, a técnica resolveria todos os problemas, pois bastaria desenvolvermos artefatos nos quais detivéssemos o absoluto controle e domínio para interferirmos no mundo e o modificarmos conforme nossa vontade. Contudo, diante da impossibilidade do controle e domínio total sobre o campo da técnica, resta-nos, ao final, a vontade do humano de cada vez tê-la (a técnica) como troféu representativo sobre o desenvolvimento frente às demandas e incertezas do mundo e de si. Heidegger nunca considerou essa compreensão instrumental da técnica de todo incorreta; pelo contrário, apenas acentuou que ela não consegue adentrar na questão referente à essência da técnica, ou seja, em sua verdade.

Para dar um passo a mais em direção à essência da técnica, Heidegger recorreu aos filósofos gregos na direção de pensar o caráter originário da causalidade das coisas. A partir da modernidade, a causa é entendida como algo que faz as coisas serem produzidas, um acontecer no mundo que provoca um efeito específico a partir daquilo que o desencadeou ¹⁴. Mas, por outro lado, Heidegger fez uma interpretação mais original da doutrina aristotélica, resgatando a etimologia da palavra *tékhne*¹⁵. Nessa forma de compreensão da técnica, há um modo fundante que opera todas as possibilidades de aparição das coisas: o produzir. Na produção,

¹⁴Heidegger (2002) assinala que há séculos a Filosofia metafísica compreende a existência de quatro causas que dão origem a tudo no mundo: causa *materialis*; causa *formalis*; causa *finalis*; e causa *efficiens*.

¹⁵ De acordo com Inwood (2002, p.181) a palavra *tékhne* em seu sentido original significa “arte, manufatura; uma arte ou modo regular de fazer algo; habilidade, destreza”. Está também relacionada com a palavra *tikteîn*, ou seja, “gerar, dar à luz; produzir”. Entretanto, Heidegger não usará a palavra *tékhne* em seu sentido comum, dessa forma, não deve ser vista fenomenologicamente como arte, “um fazer”, mas sim como “*wissen*”, que significa uma forma “saber” que orienta todas as formas que lidamos na *physys* (natureza/mundo).

a forma de viger as coisas, como elas se apresentam, dá-se necessariamente pela instrumentalidade com o ente. É uma forma de aparecer na qual as causas se apresentam sempre como imperativo. Portanto, “eles[os modos de deixar-vinger] deixam chegar à vigência aquilo que ainda não vige. Com isso, são regidos e atravessados, de maneira uniforme, por uma condução que conduz o vigente a aparecer. (HEIDEGGER, 2002, p.16)

É justamente nesse aparecer que Heidegger fará sua diferenciação quanto à perspectiva da técnica na modernidade.

A produção conduz do encobrimento para o desencobrimento. Só se dá no sentido próprio de uma produção, enquanto e na medida em que alguma coisa encoberta chega ao desencobrir-se. Este chegar repousa e oscila no processo que chamamos de desencobrimento. Para tal, os gregos possuíam a palavra *alethéia*. Os romanos a traduziram por *veritas*. Nós na „verdade“ a entendemos geralmente como o correto de uma representação (Heidegger, 2002, p.16).

Assim, para Heidegger (2002, pp.17-18), “técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento”. Continua, ainda, apontando que esse desencobrimento se dá como um viger que reúne e põe adiante uma verdade, pois “Técnica é uma forma de desencobrimento. A técnica vige e vigora no âmbito onde se dá descobrimento e desencobrimento onde acontece *alethéia*, verdade”.

Aqui se faz necessária uma diferenciação entre a noção de *alethéia* e o conceito de verdade, que se estabelece, sobretudo, a partir da metafísica. Heidegger usa o verbo *veranlassen* que, em alemão, implica ocasionar, mas, ao colocar hífen (*ver-na-lassen*), esse filósofo procura enfatizar a dimensão do deixar.

[Heidegger] nos conduz a uma concepção da causalidade ou do ocasionar em que o efeito ativo de trazer algo à existência é pensado como deixar vir à presença. A ideia é que a causalidade não pode ser pensada como imposição violenta ou arbitrária de meios para gerar resultados, mas como uma conformação, uma adequação entre o que vem à luz e os procedimentos pelos quais isto pode vir a ser. (Duarte, 2009, p.207)

Por outro lado, Heidegger vai resgatar também dos gregos a ideia de *poiésis*, uma compreensão do produzir como na palavra alemã *her-vor-bringen*, ou seja, um “trazer-à-frente”. Assim, “Heidegger quer ressaltar é que todo produzir é um deixar trazer aquilo que foi produzido, arrancando-o, do velamento (*Verborgenheit*) para o desvelamento” (*Unverborgenheit*)” (*op. cit.*, p.208).

Ao procurar dar ênfase à ideia de *poiésis* como aquilo que se movimenta Do oculto para o desoculto, faz-se a descentração da ideia de meio (instrumentos) como elemento principal nessa passagem. Aqui reside a diferenciação principal entre *alethéia*, entendida na Grécia como verdade enquanto desocultamento das coisas, tal qual como estas se apresentam, e o termo latino *véritas*, ou seja, verdade como sinônimo de *ratio*, ou razão calculante, termo amplamente utilizado na época moderna.

Para Heidegger, desvelamento, entendido como o processo de desocultar, é o termo que melhor e mais fielmente traduziria o antigo termo grego *alethéia*, não-velamento, que os romanos, séculos depois, traduziram por *veritas* e que nós concebemos como verdade, pensado tal verdade como conformidade ou exatidão da representação em relação à coisa representada (Duarte, 2009, p. 208)

Ora, se a técnica implica no processo de desvelamento, e se este acontece na modernidade como verdade, quais as formas de relações que ele pode manter com o que chamamos de técnica moderna? A resposta para essa questão passa pelo reconhecimento de que a técnica moderna é também uma técnica no sentido grego do termo, ou seja, um modo de desencobrimento.

Entretanto, de forma diferente, pois “o desencobrimento, que rege a técnica moderna, é uma **exploração** que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada” (Heidegger, 2002, p.19).

Heidegger se utiliza do exemplo do moinho de vento e da agricultura moderna para esclarecer a questão acima discutida. Lembra-nos que a relação do moinho de vento pode até ser de geração de energia, contudo, o vento e as “pás” que continuam rodando não procuram a extração de energias das correntes de ar para retê-las, contê-las, controlá-las. Já a agricultura industrial se relaciona com o campo no sentido de retirar ao máximo sua energia, armazenando seus frutos e transformando-os em “lucros” para o homem, bem diferentemente da relação do lavrador que, ao provocar a terra, também cuidava e tratava dessa terra para o porvir.

Ao identificar a forma de relação fundamental do homem com o mundo a partir de uma vigência de exploração para o controle e dominação, Heidegger nos leva a uma confirmação ainda mais difícil de lidar: o homem desaparece no campo da técnica. Nem mesmo a ideia de humano trazida por Descartes (1596-1650) e exacerbada na modernidade por meio de um subjetivismo extremo, o famoso *cogito ergo sum*, no qual é a subjetividade que, por fim, se instalará como lugar de inteligibilidade do mundo, consegue resistir ao homem como fundo de reserva a

essa forma de desocultação em que ele se transforma em um produto a ser explorado e descartado (quando exauridas suas utensibilidades).

O homem pode, certamente, representar, elaborar ou realizar qualquer coisa, dessa ou daquela maneira. O homem não tem, contudo, em seu poder o desencobrimento em que o real cada vez se mostra ou se trai e se esconde. [...] somente à medida que o homem já foi desafiado a explorar as energias da natureza é que se pode dar e acontecer o desencobrimento da dis-posição. Se o homem é, porém, desafiado e disposto, não será, então, que mais originariamente do que a natureza, ele, o homem pertence à disponibilidade? [...] o homem nunca se reduz a uma mera disponibilidade. (Heidegger, 2002, p. 21)

Diferentemente do que se dava na Grécia, em que a *tékhne* era um saber enquanto *poiésis*¹⁶; ou seja, um processo de desocultação onde o produzir é compreendido como um levar-a-diante. Já na técnica moderna, há uma imperativa forma de processar em que o homem desafia e provoca a natureza, transformando-a na única via de energia e armazenamento. O que se estabelece como perene nessa forma moderna da técnica é o controle, o domínio, o planejamento calculado de tudo aquilo que se desoculta.

A essência da técnica para Heidegger será apresentada pela palavra alemã *Gestell*. A tradução desse termo não possui consenso entre os estudiosos da Fenomenologia.

Inwood (2002), em seu livro *Dicionário Heidegger*, assinala que a palavra *Gestell* em seu sentido usual significa “uma posição, algo que foi formado depois de

¹⁶O termo *poiésis* será daqui em diante adotado neste trabalho no sentido atribuído por Heidegger. De acordo com Duarte (2009, p. 208), “*poiésis* é, portanto, um modo de fazer aparecer, de trazer o que antes se encontrava oculto à luz do dia, é um fazer que deve ser entendido como um desocultar”. Assim, no âmbito do fazer do plantão da DEAM, *poiésis* indicará uma forma de desvelamento de desocultação com sentido de criação, de desocultação, do novo

uma estrutura, armação, suporte, moldura” (p.181). Já o sentido empregado por Heidegger implica entender *Ge-stell* (com hífen) como “armação”. Isso “significa (tudo) aquilo que reúne este localizar [*stellesns*] que localiza [*stell*], isto é, requisita, desafia, provoca o homem para desvelar o real de modo a dele dispor enquanto dispositivo” (Inwood, 2002, p.182). Essa compreensão também é partilhada por outros autores como Lorapic e Werle (ins Duarte, 2009).

Embora o termo armação seja amplamente utilizado, aqui, tomaremos a interpretação do termo dado pela tradução de Leão, Fogel e Schuback (2002), que indicam *Ge-stell* por “composição”¹⁷, ou seja, procuram dar ideia de técnica moderna como uma moldura que enquadra o ente previamente em uma dada totalidade.

Com-posição, „Gestell“, significa a força de reunião daquele por que põe, ou seja, desafia o homem a des-encobrir o real no modo da dis-posição, como dis-ponibilidade. Composição (Gestell) denomina, portanto, o tipo de descobrimento que rege a técnica moderna, mas que, em si mesmo, não é nada técnico. (Heidegger, 2002, p. 24)

Nesse sentido, a força da técnica, que, no caso da modernidade, se apresenta como essência da técnica, está em pôr o desencobrimento em disponibilidade, na forma em que o humano se dá a perceber desse desvelar. Faz-se necessário ressaltar que disponibilidade, ou estar-disposto, implica estar-no-mundo como uma pre-para-ação (preparação), ou seja, é estar aberto para tudo que se apresenta. Mas não é qualquer desvelar que se mostra, será uma forma de desvelar que se destina ou que reúne em um movimento permanente. Assim, como assinala Heidegger (2002): “O destino do desencobrimento sempre rege o homem em todo o seu ser,

¹⁷Alguns autores, como Ernildo Stein, traduzem composição também como arrazoamento, permanecendo com o mesmo sentido de composição

mas nunca é fatalidade de uma coação. Pois o homem só se torna livre em um envio, fazendo-se ouvinte e não escravo do destino.” (p. 27).

O que se faz como produção, sem se sucumbir ao imperativo da essência da técnica, só se faz em uma dimensão poética, ou seja, como abertura da *alethéia*.

Essa dimensão de liberdade é ontológica, pois o homem contemporâneo, ao se colocar subserviente aos desígnios da técnica, torna-se uma espécie de escravo, o que poderá ser compreendido a partir de Heidegger como violência. Contudo, Heidegger nos faz entender que o homem não pode controlar a técnica nem por ela ser completamente controlado, pois essa passa a ser entendida como uma espécie de abertura ontológica na qual os entes se apresentam em nosso tempo histórico.

O dispositivo (composição) demarca o modo como nosso presente assume seu contorno *historial*, isto é, seu caráter ontológico enquanto época histórica determinada, distinta de outras épocas passadas. Essas épocas históricas não são determinadas como momentos cronológicos sucessivos ao longo do tempo, mas como modalidades distintas da *abertura* ou da *clareira* na qual os entes vêm a ser o que são e como são a cada vez na história. [...] Cada época histórica se constitui como a resposta humana, diferentemente a cada vez, a um „envio do destino“ (*SchickungdesGeschickes*), isto é, a um determinado modo de desocultamento dos entes em seu ser. Assim, o dispositivo (composição) é a determinação filosófica da clareira que regula previamente o modo como atualmente nos relacionamos conosco, com os demais homens e com tudo o mais que há na modernidade. (Duarte, 2009, p. 215)

Duarte(2009, p. 215),ao afirmar que “épocas históricas não são determinadas como momentos cronológicos sucessivos ao longo do tempo, mas como modalidades distintas da *abertura* ou da *clareira* na qual os entes vêm a ser o que são e como são a cada vez na história”, está enfocando a mudança de compreensão

sobre o fenômeno do desvelamento do ser do primeiro para o segundo Heidegger.

Casanova(2009),nesse mesmo contexto da viragem, mostra a importância que a historicidade assume para essa perspectiva, ao sinalizar:

A determinação fundamental daquilo que o próprio Heidegger chama de viragem implica um esforço em colocar em questão o acontecimento mesmo do aí enquanto abertura do ente na totalidade a partir dos elementos constitutivos desse elemento. Falar aqui em historicidade não significa mais focalizar as *ektases* do ser-aí e buscar através delas uma via de acesso à temporalidade do ser, mas antes muito mais se articular diretamente com tal temporalidade (Casanova, 2009, p. 163).

Mais adiante, no mesmo texto, esse autor ainda complementa:

No período posterior à viragem, por outro lado, como o ser-aí humano depende das interpelações da história, o primado passa a recair no que foi e continua sendo, sobre aquilo no passado que realmente foi, para o poder inicial das ontologias históricas. Ora, mas se as decisões históricas que dão lugar ao surgimento das ontologias, se os acontecimentos históricos de mundo determinam em certa medida as possibilidades de desdobramentos do porvir do instante, e se não dependem mais das crises do ser-aí singular as rearticulações possíveis de tais acontecimentos, então todo acento passa a ser colocado aqui sobre o poder mesmo da história e sobre a necessidade de se estar incessantemente à espera das indicações oriundas de sua dinâmica sempre pronta a se rearticular. A questão é que uma tal rearticulação traz consigo necessariamente um horizonte compartilhado por todos os seres-aí em uma época, o que entrega ao ser aí capaz de se colocar no lugar para o qual a história pode enviar os seus acenos um papel decisivo na constituição dos destinos dos homens em geral (Casanova, 2009, p. 169).

Vimos, na introdução deste trabalho, sobretudo a partir das discussões de autores como Baumam e Giddens, o *status quo* do como onticamente se vive na

contemporaneidade o “tempo histórico” em que nos encontramos. Para o homem contemporâneo, mais do que racionalizar e produzir tentativas de explicações que busquem restabelecer uma “meta-narrativa” que o faça se sentir mais seguro ou pertencente a algo, a própria forma como se abre ontologicamente frente ao mundo (clareira) já é constituída por um apelo que o afasta de sua condição mistério.

A vigência da técnica ameaça o desencobrimento e o ameaça com a possibilidade de todo des-encobrir desaparecer na disposição e tudo apresentar apenas no des-encobrimento da disponibilidade. Nenhuma ação humana jamais poderá fazer frente a esse perigo. Mas a consideração do sentido próprio do homem pode pensar que toda força salvadora deve ser essência superior, mas, ao mesmo tempo, aparentada com o que está ameaçado e em perigo (Heidegger, 2002, p. 36).

Em outra conferência, Heidegger (2009) atribui à técnica uma dimensão de violência, ao afirmar que:

O arrazoamento¹⁸ nos agride em toda parte. O arrazoamento é, caso nos seja permitido falar assim, mais real ente que todas as energias atômicas e toda a maquinaria, mais real ente que a violência da organização da informação e automatização [...] o arrazoamento não mais nos aborda como algo presente, é ele algo estranho. (Heidegger, 2009, p. 48)

Portanto, o perigo fundamental da *Ges-tell*, na perspectiva heideggeriana, não está na técnica em si (enquanto instrumento), mas sim na dimensão que a técnica assume com historicidade de que, de alguma forma, delineia a possibilidade de

¹⁸Para Heidegger (2009), a palavra arrazoamento “exprime o império da razão que tudo invade pela técnica, que caracteriza uma época em que o homem busca as razões, os fundamentos de tudo, calculando a natureza, e em que a natureza provoca a razão do homem a explorá-la como fundo de reserva sobre o qual dispõe.” (p. 47).

abertura para o humano. A relação do humano e a técnica se torna absolutamente singular, pois para Heidegger (2009), o elemento distintivo modo de ser homem consiste no fato de que ele, enquanto ser pensante, aberto para o Ser, está posto em face Dele, permanece relacionado com o Ser e assim lhe corresponde... homem e Ser estão entregues reciprocamente um ao outro como propriedade (p. 44).

Heidegger (2002) torna-se mais enfático a respeito da objetificação do humano com relação à técnica quando em sua conferência “A superação da metafísica”, faz a seguinte afirmação:

O homem é a „matéria-prima mais importante” porque permanece sujeito de todo e qualquer uso e abuso. Isso é de tal modo que, nesse processo, deixa sua vontade emergir incondicionalmente, tornando-se, desse modo, o „objeto” desse deixar ser (Heidegger, 2002, p. 80).

Assim, a partir da perspectiva heideggeriana tardia, a violência não compreende uma condição ontológica, embora esteja presente a partir da modernidade na forma como o ser-aí humano se relaciona com sua condição própria de ser abertura. Há um desvelamento do Ser pela “força” da técnica como condição historial da contemporaneidade¹⁹. A meditação heideggeriana nos lembra de que o humano, como condição de abertura no mundo, lida com o comum-pertencer (ser e ser-aí como clareira). Entretanto, a partir da leitura da técnica moderna, essa

¹⁹Heidegger (2009b) concedeu uma entrevista à revista alemã *Der Spiegel*, dez anos antes de sua morte (1966), mas, conforme sua vontade, só poderia ser publicada postumamente. Essa entrevista se tornou importante para compreender melhor sua relação com o nazismo e entender o lugar que a Filosofia poderia ocupar na segunda metade do século XX. Aproveitamos uma de suas últimas construções sobre o seu conceito de técnica para refletirmos a relação com a dimensão de violência que esse conceito traz. Vejamos: “A técnica, na sua essência, é algo que o homem por si mesmo não domina... É precisamente isso que é inquietante: tudo funciona, e o funcionar arrasta sempre consigo o continuar a funcionar, e a técnica arranca o homem da terra e desenraiza-o cada vez mais. Eu não sei se não os assusta ou seja, como for, a mim assusta-me – ver agora as fotografias da Terra feitas da lua. Não é preciso nenhuma bomba atômica: o desenraizamento do homem está aí” (p. 28).

possibilidade se torna um imperativo, pois, pela técnica enquanto *Ges-tell* (essência da técnica), o humano se desvela em sua relação com o Ser por meio da coerção de um horizonte em que reina a exploração ao máximo do encontro com o desconhecido, reduzindo este ao âmbito de coisa, ou como um mero objeto.

Dessa forma, há uma imposição no desvelar, que torna o homem concomitantemente mero objeto de si mesmo, um explorador que leva a cabo sua tarefa até a última reserva, aquele que se transforma também em reserva, ou seja, violenta-se ao submeter-se a mero objeto da técnica. Haveria alguma saída para o humano arrazoadado pela técnica? A resposta para essa pergunta foi dada pelo próprio Heidegger (2002), inspirado no poeta Hölderlin, quando se recusa a ter que fundar outra metafísica para “resgatar” o humano de sua condição de perigo a partir da modernidade. Pelo contrário de uma nova metafísica, foi enxergando dentro da própria condição do humano que sinaliza a possibilidade, não da superação, mas do início de uma virada (*khere*) em que se inaugura **outra** forma de relação entre Ser e homem, pois “onde mora o perigo, é lá que também cresce o que salva” (p. 31).

Há uma sinalização implícita na produção heideggeriana que nos indica “pistas” a respeito dos modos de desvelamento pela violência (a partir da compreensão da *Ges-tell*) enquanto destinação de época do humano. Na conferência “A questão da técnica”, Heidegger ainda não tinha respostas para como o homem poderia se salvar diante de tal perigo impetrado pelo advento da técnica. As primeiras indicações de superação se dão a partir de outro ensaio intitulado “Identidade e diferença” (Heidegger, 2009) e são mais aprofundadas em “Serenidade” (Heidegger, 2001) e “A caminho da linguagem” (Heidegger, 2003).

A mudança singular que Heidegger opera em sua compreensão sobre a questão da técnica, como abertura ontológica/histórica, ocorre pela leitura de um trecho da obra de Parmênides em que reconhece o *comum-pertencer* originário entre ser e pensamento.

[...] Ser somente é e permanece enquanto aborda o homem pelo apelo. Pois somente o homem, aberto para o ser, propicia-lhe o advento enquanto apresentar. Tal apresentar necessita o aberto de uma clareira e permanece assim, por esta necessidade, entregue ao ser humano, como propriedade. Homem e ser estão entregues reciprocamente um ao outro como propriedade (Heidegger, 2009, p.45).

Nesse sentido, o homem se apresenta como essa forma de relação com o Ser que o escuta, sempre sensível aos seus apelos, pois está entregue em uma relação de comum-pertença como propriedade. Abre-se uma clareira (*Lichtung*), na qual o ser não se mostra como esclarecimento, mas por uma relação de clarear. A clareira não é produzida pelo Ser, pois já existe, mas, por outro lado, o Ser depende dela para se desocultar e nessa relação há o clarear como apropriação entre homem e Ser.

Aqui reside uma distinção fundamental que se dá no campo da técnica. Ser e homem se relacionam com a violência frente ao humano, solicitando deste “a decisão de entre tornar-se escravo de seu plano ou permanecer senhor dele” (Ferreira Jr., 2000, p. 130). Já enquanto comum-pertencer, implica um desocultar em que, em uma relação de co-pertinência, ambos se desvelam enquanto possibilidades essenciais de cada um. Nesse contexto, Heidegger (2009) irá chamar

de *Ereignis* essa relação de co-respondência ontológica no momento de desvelamento atual do ser.

Ereignis significa, em alemão, acontecimento. Ele é o acontecimento no qual ser e homem ocorrem, essenciam-se (*wesen*), no qual é exigido que o homem, a cada vez, experiencie o ser e lhe corresponda de uma determinada forma. O agir próprio consiste em corresponder ao apelo do ser no *Ereignis* (Oliveira, 2007, p. 141).

Assim, será a partir da época atual, sob o domínio da técnica ou em meio ao seu perigo, que emergirá a possibilidade do momento de apropriação do ente (via pensamento) e do Ser (via clareira), ou seja, por um dar-se como acontecer mútuo. Segundo Oliveira (2007), “para penetrarmos no *Ereignis*, devemos escutar o apelo do Ser tal qual nos é transmitido pela nossa época [...] suportar a ditadura da técnica, pondo-a a serviço de um acontecer mais originário” (p. 143).

Mas o que tem a ver esse questionamento radical que Heidegger faz com relação à técnica e sua possibilidade de ressonância para pensar a prática do Plantão Psicológico em uma perspectiva fenomenológica existencial? Estaria o plantão, nessa perspectiva, comprometido com que dimensão do humano: a violência da técnica ou a apropriação da possibilidade da diferença ontológica de poder-ser-si-mesmo?

2 - Plantão Psicológico como modalidade da prática clínica: o trânsito entre o ôntico e o ontológico

*Nenhuma coisa que seja onde a palavra
faltar.*

Stefan George

(in Heidegger, 2003, p.122)

A possibilidade de se deparar com a prática, em qualquer profissão, torna-se um dos momentos mais esperados do processo formativo. Isso não é diferente quando nos referimos à psicologia e, mais especificamente, à prática do Plantão Psicológico. Geralmente, os primeiros contatos se dão após anos de estudos teóricos e discussões sistemáticas a respeito da condição humana, suas formas de expressão, seus limites e desafios.

No âmbito da formação em psicologia, a prática do plantão psicológico vem sendo desenvolvida por inúmeras instituições inseridas no campo da saúde (clínicas-escola etc.), bem como na área da assistência social (CRAS, CREAS, etc.). Sousa & Sousa (2011) realizaram um levantamento sobre a produção científica em bases eletrônicas de dados usando como descritor a palavra “Plantão Psicológico”, tendo por base o período que compreendeu a década de 1999 a 2009. Destacam-se nesse estudo os dados que mostraram que 71% dos trabalhos foram desenvolvidos na região Sudeste, tendo como protagonistas institucionais principais, no âmbito da formação e pesquisa, a Universidade de São Paulo (USP) e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

Há um grupo de pesquisadores, ligados ao Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica Existencial - LEFE-USP (Aun, 2005; Oliveira, 2005;

Braga, 2005; Nunes, 2006; Almeida, 2008; Duarte, 2008; Mosqueira, 2008), que procuram, dentre outras questões, tematizar o plantão como prática psicológica em contexto institucional. Existe também outro grupo importante de pesquisadores ligados à PUC-Campinas (Furigo, 2006; Zanoni, 2008; Perches, 2009; Moneza, 2009) que realizam uma leitura do plantão como prática clínica a partir do enfoque da Abordagem Centrada na Pessoa. Dentre os trabalhos realizados nessas instituições, 70,05% na forma de teses e dissertações.

No que se refere a outras modalidades de publicação, especificamente em periódicos sobre o Plantão Psicológico, Sousa & Sousa (2011) nos apontam ainda que existe uma preocupação principal em tematizar a dimensão da prática do plantão. A atenção maior centra-se no fazer do plantão e suas interfaces com outras práticas em Psicologia (Yenia, 2004; Schmidt, 2004; Palmieri & Cury, 2006; Papareli & Nogueira-Martins, 2007; Furigo et al., 2008; Chaves & Henriques, 2008; Mota & Goto, 2009).

No entanto, se realizarmos um movimento de aproximação mais atento a essa temática, veremos que há duas palavras que pedem, de início, um pouco mais de cuidado, são elas: prática e psicológica(o). Para tanto, inicialmente, nos aproximamos do que chamamos por prática psicológica, contextualizando-a no campo da Psicologia e, em especial, da Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial. Em seguida, trabalharemos com o que o grupo do LEFE vem construindo por plantão e quais as implicações nessa forma de atuação clínica. Por fim, sinalizaremos o que entrevemos do plantão a partir da contribuição filosófica do segundo Heidegger, ou seja, os escritos após *Ser e Tempo* (1927).

Vale ressaltar que não é nossa intenção realizar qualquer tentativa de limitar a ideia de plantão a partir de conceitos universais e/ou absolutos. Pelo contrário, o cuidado será tomado fundamentalmente a partir de uma articulação com a dimensão ontológica. Para não adentrarmos em uma seara na qual o esforço por um encaixe teoria/prática seja o foco, procuramos pensar sobre e a partir da prática. Ou seja, não promovemos um ajustamento entre prática do plantão e teoria/conceito. Nosso desafio consiste na tentativa de clarear um pouco mais a respeito do que compreendemos por plantão, visto que nossas reflexões são alicerçadas nas experiências realizadas a partir da prática, bem como no diálogo de diferentes matrizes conceituais de campos de saber diferentes (Ex: Filosofia, Psicologia, Sociologia, dentre outros).

Essa forma de aproximação com o Plantão Psicológico nos parece mais coerente e compatível com o modo com o qual norteamos a construção do nosso percurso por este tema. Nesse sentido, a questão fundamental do plantão não é esclarecer (explicar), pois nisso residiria uma demanda de representação, uma necessidade de controle e simbolização reificando uma posição tecnicista a qual criticamos mais adiante neste trabalho.

Por outro lado, compreendemos que o plantão envolve a possibilidade de clarear, tornar visível, trazer à luz, desvelar. Não se restringe ao esclarecimento/representação, mas se aproxima daquilo que os gregos chamaram de *logos*, de um dizer, de um mostrar-se na linguagem como clareira. Nesse contexto, o plantão dá-se como um fazer, uma ação que ocorre na medida em que se coloca em discussão o que emerge em situação de crise.

Para situarmos a prática do plantão, como um dizer que se dá na relação, organizamos este capítulo da seguinte forma: primeiramente, realizamos uma leitura do plantão a partir do que já vem sendo desenvolvido na área, sobretudo no que se refere ao seu percurso junto às práticas institucionais; em seguida, buscamos, a partir de uma reflexão da noção de linguagem e acontecimento apropriativo de Heidegger, olhar para a ação clínica do plantão como clareira e desvelamento.

2.1 A prática do Plantão Psicológico: de um saber-fazer a um fazer-saber

A história da Psicologia, enquanto ciência e profissão, passa por uma série de mudanças que a aproxima e a torna mais implicada com os fenômenos sociais. Em termos de desenvolvimento, desde sua emergência na Alemanha, no final do século XIX, a Psicologia busca se organizar de forma a ter uma sistematização paradigmática que a situe como um campo científico bem delimitado e com parâmetros teóricos e metodológicos que respondam a uma posição cada vez mais precisa sobre o que é o mundo e, conseqüentemente, sobre o que é a verdade.

Vale lembrar que a Psicologia nasce na modernidade e, enquanto tal, filia-se à proposta de ciência que se compromete na busca pelo controle, pela sistematização, pelo predomínio do método, engajando-se no projeto iluminista moderno de legitimação de um saber técnico-racional como polo fundante sobre a compreensão do humano. Embora tenha sido criada com a perspectiva de poder ter uma fundação homogênea, não foi assim que efetivamente se constituiu. Nesse sentido, para

Figueiredo (2004), a Psicologia, como campo de conhecimento e espaço profissional, caracteriza-se por uma dispersão teórica e prática que resguarda certa unidade, sobretudo ao acolher em seu interior uma diversidade teórico-metodológica significativa que, muitas vezes, apresenta-se antagonicamente. Essa diversidade implica também na multiplicidade de perspectivas sobre o conceito de humano, pois, num campo dispersivo, se torna difícil encontrar parâmetros universais que possam servir de base para teorias e técnicas que norteiam as ações psicológicas.

Apesar da ressalva trazida por Figueiredo (*op. cit.*), a noção de humano moderno, que busca no conhecimento científico disciplinar a fonte de libertação de seus sofrimentos, orientou e ainda continua orientando muitas das teorias e práticas na Psicologia, mesmo que tantas outras não respondam a esses anseios.

A noção de homem moderno está aqui sendo entendida como resultado de uma ciência que o legitima como um sujeito epistêmico integral, ou seja,

“[...] um sujeito capaz de trazer o mundo para diante de si (de representá-lo), de forma a poder contemplá-lo com toda a isenção e sem qualquer mediação interposta, livre, portanto, de qualquer risco de ilusão”. (Figueiredo, 2004, p.37).

As práticas psicológicas, na mesma direção que a construção teórica, começaram a se organizar a partir da ideia de um sujeito da razão cujo estatuto fundamental, no âmbito da ciência, seria descobrir os processos e mecanismos subjacentes ao seu existir no mundo para melhor adaptá-lo à vida em sociedade. Essa perspectiva reducionista de ciência e homem poderia ser coerente se não fosse por algumas questões importantes: O que fazer com a complexidade desse “objeto” de estudo (o humano), ou seja, sua dimensão biológica, social, cultural, religiosa etc.? O que fazer com tudo aquilo que parece “faltar e/ou exceder” nesse

homem? O que pensar sobre sua condição de inacabamento, de abertura enquanto seu estar no mundo? A prática do psicólogo também se dá como algo em aberto, inacabado, em que essas e outras questões se fazem presentes pedindo respostas. Então, chegamos à pergunta que nos parece fundamental: o que podemos chamar por prática psicológica a partir de uma perspectiva fenomenológica existencial?

Pensar a prática psicológica como um fazer da Psicologia Fenomenológica Existencial diz respeito a inseri-la no âmbito do conhecimento psicológico no qual se estudam os fenômenos a partir do trânsito entre suas dimensões ônticas e ontológicas (Barreto, 2009). Essa perspectiva remete-nos à necessidade de contextualizar o lugar a partir do qual estamos olhando para esses fenômenos e qual noção de humano norteia nossas compreensões e ações enquanto profissionais.

De acordo com Morato (2006), a etimologia da palavra prática vem do grego *práxis*, que remete a passar através, atravessar, ou seja, fazer uma experiência em ação; faz-se a experiência na medida em que a vive, a realiza. A partir disso, podemos compreender a prática como experiência em ação que implica também em reconhecermos sua dimensão de mundaneidade; sua condição ontológica de estar inserida originalmente no mundo. Essa condição torna-se pré-requisito para o conhecimento e transformação dessa ação, ou seja, um fazer-saber que se dá como experiência no mundo, tendo que lidar com aquilo que o afeta e, ao mesmo tempo, responder a essa afetação como criação, como *poiésis*. Nesse sentido, podemos entender que a prática (no singular) nos remete a toda ação que se dá a partir da dimensão ontológica do Ser-aí (Morato, 2011), como abertura que se desoculta, solicitando um agir-sobre, ação que se dá em experiência. O segundo termo,

“psicológica”, que acompanha a prática do psicólogo, também nos pede um pensar sobre o mesmo. O que seria esse psicológico que se torna o objeto dessa prática?

O „psicológico“ constitui-se, portanto, como um metafenomenal que detém o segredo das condições e dos outros sentidos daquilo que se dá e se configura na experiência. Por metafenomenal estou designando, então, aqueles aspectos que, embora constitutivos da experiência, não se mostram na própria experiência e nem devem ser buscados a partir da experiência ... Cabe a nós psicólogos, em primeiro lugar, ter os olhos para ver e, no caso da clínica, os ouvidos para escutar este interdito (Figueiredo, 2004, p.51).

Dessa forma, o psicológico não se constitui como o que está encapsulado no interior dos sujeitos em sua experiência no mundo, pelo contrário, se dá como tudo aquilo que “excede” ou que “falta” no seu estar-no-mundo. O psicológico diz daquilo que, de alguma forma, vem ao encontro da condição de abertura ontológica do humano e do qual o humano, mesmo sentindo sua presença, não consegue co-responder apenas por meio da representação, do simbólico que possui. Dito de outra forma, em uma linguagem fenomenológica, o “metafenomenal” que Figueiredo (*op. cit.*) cita, talvez para ele queira dizer o inconsciente; entretanto, pode também ser lido como “experiência com o mundo”, a qual nos chega a partir das mais diversas matizes.

Assim, a partir do exposto acima, talvez possamos nos encaminhar para uma compreensão da prática psicológica como a ação criativa (singular e, ao mesmo tempo, coletiva) que se dá a partir de uma experiência, daquilo que não se encontra no campo exclusivamente das representações.

Portanto, o lugar dessa prática implicada na experiência que nos possibilita entender a Psicologia, enquanto ciência e profissão, a partir de um *lócus* mais

próprio, de um fazer-saber que se fundamenta na ética de seus discursos e práticas e não mais no método asséptico de uma ciência dura.

Morato (2011, p. 03) vai nos indicar a relação entre prática psicológica (singular) e modalidades de prática (plural), ou seja, a relação entre o singular e o coletivo no fazer do psicólogo. Essa autora nos afirma que “da prática eu vou para modalidade, essa por sua vez nos fala da prática, é o mesmo da relação entre o ôntico e o ontológico”. As modalidades correspondem às formas plurais às quais essa prática se apresenta, ou seja, de como, onticamente, factualmente, remetemo-nos àquilo a que a prática responde (ontológico) como apelo. Dentre as modalidades da prática, destacamos: a psicoterapia, o acompanhamento terapêutico, o aconselhamento psicológico, as oficinas terapêuticas, o psicodiagnóstico, e, também, o Plantão Psicológico, dentre outras.

Entretanto, antes de darmos continuidade à questão da prática do plantão, faz-se importante situar melhor como essa prática se desenvolveu até o momento. Anteriormente já indicamos que, nos últimos anos, no âmbito da Academia, há uma proliferação positiva de trabalhos de dissertações e teses que nos mostram uma intensa preocupação em sistematizar e compreender melhor esse fenômeno. (Yenia, 2004; Schmidt, 2004; Palmieri & Cury, 2006; Papareli & Nogueira-Martins, 2007; Furigo et al., 2008; Chaves & Henriques, 2008; Mota & Goto, 2009; Aun, 2005; Oliveira, 2005; Braga, 2005; Nunes, 2006; Almeida, 2008; Duarte, 2008; Mosqueira, 2008; Furigo, 2006; Zanoni, 2008; Perches, 2009; Moneza, 2009).

De acordo com Morato (2006, p.48), “a prática psicológica como ação humana contempla a necessidade do vivido”. Essa afirmativa pode nos servir de bússola

para compreender o delinear histórico do Plantão Psicológico como uma modalidade da prática em Psicologia.

O Plantão Psicológico está relacionado ao Aconselhamento Psicológico desenvolvido pelo grupo do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), mais especificamente por meio do Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. Desde já, faz-se necessário ressaltar que o Plantão Psicológico, como uma modalidade do aconselhamento psicológico, situa-se como uma forma de intervenção clínico-investigativa que se defronta com o excluído da experiência, mas só, e somente só, na e pela experiência é que se pode compreender o homem, aquele que se situa frente a suas próprias condições de humanidade. Mas o que estamos chamando por Aconselhamento Psicológico?

Schmidt (1999) aponta-nos para a origem do campo do Aconselhamento Psicológico a partir dos Estados Unidos da América. A América, a partir da década de 1950, em um período pós-guerra, demandava das instituições de saúde e educação novas formas de intervenção que pudessem responder aos desafios que ali se apresentavam. De modo fundamentalmente marcado pela perspectiva positivista, o Aconselhamento Psicológico encontrou na Teoria Traço e Fator os principais conceitos que lhe dariam base necessária. A orientação vocacional e a orientação educacional baseadas em instrumentos, como a psicometria, popularizaram-se, sobretudo por promover uma possibilidade de ajustamento no âmbito profissional e educacional.

Em meio a esse contexto, surgem as pesquisas de Carl Rogers (1902-1987),

Alimentada pela observação clínica e por pesquisas empíricas, deriva a equação básica segundo a qual a presença de determinadas atitudes – empatia, congruência e aceitação incondicional positiva – no ambiente psicossocial, é condição necessária e suficiente para o desenrolar de processo de aprendizagem subjacente ao crescimento e à mudança (Schmidt, 1999, p. 92).

Assim, marcado por um movimento de partir e voltar para a prática, que Rogers (1977) constrói novos conceitos como o de psicoterapia e de relação de ajuda, nos quais desloca sistematicamente o foco da técnica para o processo experiencial, que se dá nas relações interpessoais. A noção de aprendizagem significativa se torna fundamental, ou seja, “uma aprendizagem que integra aspectos cognitivos e afetivos, uma „verdadeira” aprendizagem ou, ainda, uma aprendizagem „quente”” (Schmidt, 1999, p. 93). Esse conceito torna-se um dos mais importantes no sentido de conseguir promover a ampliação do aconselhamento para outros âmbitos da visão social.

O Plantão Psicológico, inicialmente, emerge no contexto brasileiro como modalidade prática do Serviço de Psicologia (SAP – IP-USP). Fortemente influenciado pela perspectiva da Psicologia humanista de Carl Rogers (1902-1987), que trouxe para o campo da Psicologia, e mais especificamente do aconselhamento psicológico, a possibilidade da prática da psicoterapia e do aconselhamento psicológico em si. A psicoterapia esteve mais atrelada à dimensão das questões da saúde e “doença mental”; já o aconselhamento, atrelado às dimensões adaptativas do sujeito em sociedade.

No âmbito do SAP, a experiência do aconselhamento psicológico, em sua pluralidade, levou-o a ser compreendido como, a partir de uma definição de

Morato (1999), região de fronteira, ou seja, “fronteira das práticas que tradicionalmente são identificadas como clínico-psicológicas e educacionais e fronteiras de recursos teórico-práticos de diversas disciplinas” (Schmidt, 1999, p.97).

Entendido dessa forma, o aconselhamento foi-se constituindo em um campo de intervenção da Psicologia que tem como base a abertura teórica de relacionar diversos conceitos da Psicologia, que auxiliam na compreensão dos fenômenos, que são colocados como desafios práticos a serem enfrentados, mesmo que esses conceitos sejam de campos teóricos distintos. Promove o diálogo sistemático com o diferente que demanda diferentes formas de lidar com o desconhecido, constantemente demanda uma postura transdisciplinar no que concerne à construção de conhecimento sobre os fenômenos.

Para Schmidt (1999, p. 97), o aconselhamento psicológico se constitui “como o campo de intervenções das práticas que, em situações consideradas em suas singularidades, propiciem aos seus participantes uma experiência de exploração cognitivo-afetiva de suas vivências pessoais e coletivas”. Essa compreensão nos mostra o percurso que o aconselhamento psicológico realizou desde a perspectiva de um **saber-fazer**, em que se enfocava a dimensão mais técnica, racionalista do especialista, para uma perspectiva mais aberta em que se privilegia o **fazer-saber**, em uma apropriação maior por parte das experiências vivenciadas como pontos fundamentais para construção de conhecimento e de intervenção conjuntamente com o outro, que demanda algo.

Nesse contexto mais amplo, o Plantão Psicológico no SAP, inicialmente, constituiu-se como porta de entrada para a comunidade, que buscava ajuda no serviço de Psicologia da USP. A possibilidade de responder, de alguma forma, à

demanda singularizada que procura o serviço foi-se caracterizando como marca fundamental do plantão em seu início; partia-se da ideia de que “todo cliente será ouvido no momento de sua procura e que responderemos, através dos recursos disponíveis a cada momento, à sua interpelação” (Schmidt, 1999, p. 98).

Assim, uma das primeiras definições de Plantão Psicológico foi elaborada por Mahfoud (in Schmidt, 1999, p.99), que remete à prática do Plantão Psicológico, sendo:

[...] o exercício por profissionais que se mantêm à disposição de quaisquer pessoas que deles necessitem, em períodos de tempo previamente determinados e ininterruptos. Do ponto de vista da instituição, o atendimento de plantão pede uma sistematicidade do serviço oferecido. Do profissional, esse sistema pede uma disponibilidade para se defrontar com o não planejado e com a possibilidade (nem um pouco remota) de que o encontro com o cliente seja único.

Essa compreensão do Plantão Psicológico se construiu a partir dos primeiros atendimentos, que se deram no próprio serviço do SAP. Em sua origem, os atendimentos eram realizados por estagiários em horários pré-determinados para demandas individuais.

A diversidade de demandas foi-se caracterizando por ter que lidar com o inesperado, o não planejado, o que se foi apresentando como uma demanda também para plantonistas, que tiveram que desenvolver habilidades para o encontro (afetivo e afetado) com o cliente. Aqui ressaltamos que é justamente nesse encontro de afetação com o inesperado da relação com o cliente que o plantonista inicia seu adentrar de forma privilegiada ao campo próprio do fazer do psicólogo.

Nesse sentido, Figueiredo (1993) define, inclusive de forma mais ampla, a profissão do psicólogo como profissional que tem em sua própria forma de ser no mundo o seu “instrumento principal”, ou seja, é sendo sua condição de abertura ontológica que o profissional da Psicologia desenvolve novas formas de estar-no-mundo e, com isso, novas possibilidades de subjetivações. Assim, fazer um encontro não é reconhecer o mesmo no diferente, mas, antes de tudo, é fundamentar, na diferença, a condição de entrar em contato com um ser si mesmo, que sempre permanecerá como dimensão de mistério para cada um de nós.

[...] começarei sugerindo que pensemos como „profissional do encontro“ [...] quando proponho caracterizar o psicólogo, em qualquer contexto em que trabalhe, como „profissional do encontro“ estou apenas assinalando o fato de que o lidar com o outro (indivíduo, grupo ou instituição) na sua **alteridade faz parte de nossa atividade cotidiana**. Mesmo que cheguemos a este encontro com a relativa e muito precária de nossas teorias e técnicas, o que sempre importa é a nossa disponibilidade para alteridade nas suas dimensões de algo **desconhecido, desafiante ediferente**; algo que no outro nos obriga a um trabalho afetivo e intelectual; algo que no outro nos alcança e nos pro-pulsiona; algo que do outro se impõe a nós e nos contesta, fazendo-nos de nós efetivamente outros de nós mesmos (Figueiredo, 1993. p. 15).

A partir dessa afirmação de Figueiredo (*op. cit.*), podemos reconhecer que a condição de realização do Plantão Psicológico situa-se também na perspectiva do profissional psicólogo como profissional do encontro. Se pensarmos por meio de uma reflexão fenomenológica, podemos sinalizar que o humano diz de um ente como qualquer outro que existe no mundo; por outro lado, no sentido ontológico existencial, este mesmo humano também é abertura, como diz Heidegger, um

Dasein ou ser-aí. Desta forma, será justamente nessa condição que o homem terá que responder àquilo que lhe vem ao encontro.

O encontro pode se constituir em uma relação de objetificação (ser-em) e/ou em uma relação de convocação, de apelo e chamamento do outro ser-aí em sua abertura (ser-com). Essa condição ontológica de fundaneidade, em que o homem constitucionalmente se encontra, torna-se uma das questões fundamentais do plantão.

Assim, Morato(2011b) parece sinalizar para a importância dessa dimensão ontológica no plantão, quando afirma que “- Prática também diz de ato transhumanar. Atravessar a terra acompanhando e cuidando do rebanho em suas andanças em outras pastagens... nós somos abertos ao mundo e esse mundo que nos chama precisa ser compreendido porque nós sempre damos sentido aquilo que nos afeta... é próprio nosso compreender e dá um sentido para essa afetação que me vem e me toma. ” (p.02.).

Portanto, podemos nos aproximar da perspectiva trazida por Morato (2006) na qual se define, operacionalmente, o Plantão Psicológico como uma modalidade prática psicológica do campo do aconselhamento psicológico que se situa como uma forma de atentar para a condição ontológica de cuidar de ser de cada um de nós.

Plantão Psicológico corresponde a uma ação que, em sua matriz, é essencialmente *clínico-investigativa*, pois busca esclarecer junto àquele que sofre uma demanda a partir dele mesmo, na tentativa de abrir possibilidades para que ele se responsabilize pelo seu próprio cuidado. É um proceder que, a todo o momento, se coloca em discussão, avaliando o que ocorre a cada encontro entre plantonista e aquele que sofre, para, através dessa avaliação, possibilitar que a demanda

apresentada se esclareça como necessidade e urgência (Morato, 2006, p. 39).

O plantão foi-se constituindo, então, como uma relação que se inicia a partir da procura daqueles que se dirigem à instituição. Geralmente, inicia-se o atendimento do plantão a partir de uma questão factual daquele que está em situação de sofrimento. Essa modalidade de prática passa a fazer sentido a partir de uma noção de existência em que o sofrimento é compreendido como condição ontológica e não evento fortuito de um existir.

O plantão enquanto ação pensa o ser-no-mundo como condição existencial, pois viver, labutar, dar sentido às experiências, enfim, ao próprio existir, deve ser considerado a partir de um certo *páthos* diante dessa condição de abertura (*ek-sistere*). O plantão dá-se em um encontro que, sendo espaço de experiência, se constitui tanto como singular como coletivo, tanto ôntico como também ontológico. Heidegger (1996), em *Ser e Tempo*, nos lembra de que, em seu estar-no-mundo, a condição existencial é de se ocupar com esse mundo desde sempre. Um estar em um modo ser-em, ao mesmo passo em que lhe é solicitada uma forma de relação ser-com. Uma das tarefas mais importantes no Plantão Psicológico corresponde à de ficar alerta para não nos deixar capturar pelas formas de relação com os outros e com o mundo em que prevaleça a dimensão ser-em. Mesmo que, em sua narrativa inicial, a necessidade de uma resposta, um norte (sentido), chegue-nos de várias formas, o movimento de desvelamento pode e deve ser o foco de nossa intervenção; esse desvelar-se, por su vez, parece estar intimamente relacionado com a condição ontológica, de abertura à experiência, por parte daquele que se encontra em sofrimento.

A tarefa a que o plantão nos impõe a todo instante diz respeito à de sermos abertura no contato com o outro, pois, nessa forma de estar-no-mundo, nos permitimos ser atravessados pela angústia constitutiva. Essa, por sua vez, torna-se uma espécie de sinalizador da emergência de novos sentidos que ali se desvelam. Dessa forma, o plantão também se constitui como uma forma de atenção psicológica.

Atenção psicológica remete etimologicamente a que compreendamos o termo atenção. Atenção vem do grego, que significa: dirigir-se a algo, sustentar, estar dirigido a, ou seja, atentar como verbo transitivo, precisar de algo. Atentar é um verbo transitivo, pois atende refere-se a dirigir-se a, dirigir atenção, escutar, dar destaque, cuidar de, olhar por, esperar por, aguardar por, ir ou estar com companheiro, cuidador ou servente, visitar profissionalmente como médico, prestar atenção, perceber, compreender, dirigir o olhar para escutar a, estar presente ou perto, esta à mão para algo necessário, estar disponível para servir. Esperar, ficar, demorar-se para, dirigir cuidados a (Morato, 2011b, p.04).

O Plantão Psicológico também é entendido como um modo de viver a temporalidade que emerge do/no encontro, isso faz com que compreendamos nossa condição de sermos seres eminentemente relacionais, pois nascemos de/em relação, crescemos em relação, vivemos em relação conosco, com os outros e o mundo, e, ao morreremos, ainda sim, nos relacionamos com a possibilidade de todas as possibilidades (a finitude). A maneira como nos colocamos, sustentando ou não nossa condição de abertura, é que nos faz constituir o que somos em detrimento de todas as outras infinitas possibilidades de sermos. Entretanto, nessa condição do humano, entendido como ser-aí, há uma: o cuidado como nossa única tarefa existencial.

Conforme nos mostra Morato (*op.cit.*), o Plantão Psicológico se apresenta como modalidade da prática psicológica que se configura como forma de cuidar para que cuidemos de ser. Para melhor compreendermos essa dimensão essencial do plantão, faz-se necessário resgatarmos a fábula de Higino sobre o cuidado.

Angústia, ao atravessar o rio, viu uma massa de argila e, mergulhada nos seus pensamentos, apanhou-a e começou a modelar uma figura. Quando deliberava sobre o que fizera, Júpiter apareceu. Angústia pediu que ele desse uma alma à figura que modelara, e, facilmente, conseguiu o que pediu. Como Angústia quisesse, de si própria, dar um nome à figura que modelara, Júpiter proibiu e prescreveu que lhe fosse dado o seu. Enquanto Angústia e Júpiter discutiam, Terra apareceu e quis que fosse dado o seu nome a quem ela fornecera o corpo. Saturno foi escolhido como árbitro. E este, equitativamente, assim julgou a questão: „Tu, Júpiter, porque lhe deste a alma, tu a terás depois da morte. E tu, Terra, porque lhe deste o corpo, tu a receberás após a morte. Todavia, porque foi Angústia quem primeiramente a modelou, que ela a tenha, enquanto viver. Mas, uma vez que existe entre vós uma controvérsia sobre o nome, que seja chamada homem, porque feita de *húmus* (Rocha, 2000, p.160).

A partir dessa fábula, podemos refletir o sentido que tem o tempo na dimensão do plantão, pois o que nos chega na temporalidade do encontro do plantão, tendo como temporalidade o instante do acontecimento, é o debruçar-se sobre a condição de desamparo, de abertura ontológica mediante o sofrimento humano. Voltar-se para o sofrimento, atenciosamente, é cuidar do ente a partir da angústia existencial. De acordo com Heidegger (1999), o termo “angústia” em alemão pode ser entendido

como *angst* ou como *sorge*²⁰. A primeira diz da sensação de falta de sentido da existência, que se apresenta como forma de sensação de sufocamento, sentido, muitas vezes, corporalmente, como dor no peito, nó na garganta, sem correlato factual que legitime essa sensação. Pode-se pensar no estreitamento da própria existência diante de suas infinitas possibilidades. A angústia é aqui entendida como *Sorge*, diz de cuidado, de um voltar-se para seu próprio estar em existência, atentar-se para sua abertura, aproximar-se de si em sua solidão existencial *com-vivendo* com os outros.

Se compreendermos o Plantão Psicológico como uma ação de cuidado, podemos entender que a escuta se faz presente pela *com-versa*, dito de outra forma, pelo versar-com-o-outro a partir de seu estar-com. Mas toda *com-versa* também é um *com-vergir* (viger), um estar presente pelo modo próprio.

Na dimensão da prática, isso ocorre pelo escutar o apelo do Ser, a partir do outro humano (*Dasein*), em um diálogo que transcende ao mero tagarelar sobre coisas ou eventos. Por isso, a escuta, como um dos fazeres do plantão, se dá em

²⁰Borges-Duarte (2010, p.118) faz uma análise sistemática do termo cuidado transitando em suas diversas dimensões semânticas e etimológicas. Inicia sua análise pela configuração de cuidado que “guarda, no português atual, o sentido original de uma etimológica inesperada de: no latim *cogitare*, pensar. Na forma transitiva, „cuidar” é pensar: atender a, refletir sobre – e, por isso, interessar-se por, tratar de, preocupar-se por, ter cautela com. Cuidamos de nós e dos outros, quanto, solícitos, tratamos de assistir-lhes as suas necessidades ou padecimento, quanto nos ocupamos deles... ter cuidado é ser diligentes, mas também cautelosos: é *pensarsentindo*, atendendo ao encontro futuro e ao imediato presente, tendo em conta o que já deantemão sabemos. O *cuidar* é, nesse sentido, uma forma activa e pensante de estar ocupadono mundo da vida... em latim, também possui duas raízes: *cura* e *sollicitudo*... *cura* vem de *quaero*(procurar), integrando, pois, o sentido do buscar com empenho alguma coisa. *Sollicitudo*, em contrapartida, emprega-se de maneira mais precisa: é „cuidado” no sentido de „estar movido” ou comovido por inteiro, nisto é, sentir inquietude, moléstia, pena. É solícito, portanto, quem se aflige por algo ou alguém. Em grego encontramos também dois termos para essa acepção: o „cuidado” de algo ou alguém diz-se *epimeleia*, que corresponde à *curalatina*.a acepção de preocupação e inquietude, ligada aos padecimentos e aflições, é recolhida no vocábulo *mérimna*, usado, sobretudo, na poesia e na tragédia. Em alemão, voltamos a encontrar um termo (*Sorge* ou *Sorgen*) que, com todos os seus derivativos (*Fursorge*, *Bersorgen*, *Bersorgnis*, *Versorgen*, *Sorglosigkeit*etc.), engloba os dois sentidos fundamentais do cuidado: *inquietude* ou *angústia*, por um lado, e *esforço por ou empenho em ajudar*, por outro.”

todo momento, desde os primeiros instantes do estar no local da prática, independentemente do *lócusem* que esse possa se dar, ou seja, se em uma sala, em um corredor, em um pátio, enfim, em qualquer lugar.

A partir dessa compreensão sobre com-vers-ação no plantão, emergem, ao menos, duas questões que nos parecem fundamentais: Qual é o papel da escuta no Plantão Psicológico? E ainda, o Plantão pode ser entendido como uma atitude clínica?

[o Plantão Psicológico] [...] se propõe a, junto ao cliente, resgatar dimensões da sua condição humana, compreendo-as como ontológicas e não como obstáculos a serem transpostos ou adaptados a uma norma. Como atitude clínica, refere-se ao modo como o plantonista escuta o sofrer, e sofrimento para Heidegger é ontológico. Ou seja, faz parte do ser dos homens como algo que lhes é próprio. Isso posto, é somente através dessa compreensão que a escuta pode comprometer o sujeito em relação ao seu sofrimento, pode fazer com que este se torne uma questão para o sujeito mesmo. Para tanto, o fazer do plantonista ancora-se na linguagem, ou seja, uma ação que se propõe (MORATO, 2006, p. 39).

Nesse contexto, torna-se compreensível que, como atitude clínica, o plantão se destine à ação de cuidar do homem para que este se destine àquilo que lhe é próprio, cuidar de ser.

De acordo com Lima (2002), a escuta pode ser tomada como dispositivo de cuidado que termina por implicar aquele que fala naquilo que é dito. Esse dispositivo, diferentemente do mero ouvir, ou seja, afetação sonora do que é dito, abre condições para outra forma de se relacionar com a linguagem. Não se tem uma escuta sem estar possuído por um dizer próprio que é diferente do ouvir. Esse dizer se presentifica sempre que se tem um falar, mesmo que este nada diga. O que

parece estar sempre em jogo na escuta é o movimento existencial de abertura àquilo que se dá como um apelo: responder à verdade do Ser em um acontecimento-apropriação, em uma vivência de desocultamento da verdade do Ser.

A escuta do plantão recolhe o que está próximo; por isso mesmo, o menos visível e reconhecível; procura clarear a partir do diálogo com vários autores (o mundo, o si mesmo e os outros que o afetam) os sentidos que vão se constituindo na relação. O objetivo, portanto, do plantão, no que diz respeito à sua “teleologia”, não é adequar o homem ao mundo, mas, se possível, contribuir para fundar novos mundos (horizontes hermenêuticos) a partir de suas compreensões – uma *poiésis*. Será, portanto, a escuta que compromete o sujeito com relação ao seu sofrimento.

É interessante ressaltar que a ideia de responsabilidade trazida por Morato (*op. cit.*), alicerçada na perspectiva fenomenológica existencial, diz de um responder a, não em um sentido de tomar como algo a mais para ser carregado, ou por outro lado, entender responsabilidade como um peso. Responsabilizar-se pode, nesse contexto, ser entendida como uma forma de responder às afetações do mundo a partir de um modo implicado nesse mesmo mundo. A noção de cuidado está justamente nesse modo de cuidar e responder ao mundo que nos chega como abertura (*ek-sistere*), como estar-junto-a, uma forma de pro-cura por sentidos para uma condição de não sentido, do nada.

Contudo, se adentrarmos um pouco mais nessa reflexão sobre a prática do plantão, poderemos ainda nos perguntar: se o plantão é atitude, e essa fala for compreendida como um posicionar-se frente ao mundo, o plantão como cuidado ainda estaria em uma dependência do plantonista como vontade? Corresponderia a uma forma de vontade de saber-poder técnico em que o plantonista se direciona?

Ou podemos pensar a prática do plantão iluminada a partir das contribuições do segundo Heidegger (2002), nas quais se situaria como *poiésis*, na linguagem como clareira de desvelamento para o Ser?

2.2 Plantão Psicológico como acontecimento apropriativo: a linguagem como clareira e o cuidado a partir da linguagem

Em seu cotidiano, o fazer-saber do plantão, conforme foi assinalado anteriormente, pode ocorrer em qualquer espaço da instituição à qual está vinculado, da mesma forma que as mais diversas queixas são direcionadas para os plantonistas, desde uma informação básica sobre o funcionamento da instituição até a linguagem própria desveladora de sentidos e significados.

Um desafio a ser enfrentado no plantão constitui em colocarmo-nos em aberto para o encontro com o sofrente, mas, sobretudo, podermos fazer uma experiência com a linguagem em nossa relação clínica. Figueiredo (1994, p.122), a partir de uma perspectiva heideggeriana, lembra-nos de que fazer uma experiência com a linguagem não corresponde ao processo de acúmulo de informações ou formulação de conceitos, mas sim “em ser **afetado**, e em ser **transformado**, deixando a coisa vir sobre nós, para que caia em cima e nos faça outro”.

Nesse mesmo sentido, Amatuzzi (1989), enfatizando a dimensão relacional em que se dá a linguagem, também aponta para o caráter de desvelamento da palavra na situação clínica, pois indica que “é na palavra existindo na relação que se toca o mais íntimo do outro e que se revela o mais íntimo de si mesmo [...] é enquanto mistura de ser e não-ser, que o homem aparece” (p. 61).

Portanto, será justamente a disposição em acolher essa fala como desvelamento que nos possibilita ser atravessado por ela, deixando-a livre para seu dizer outro. Ou, dito de outra forma, fazer uma experiência com a linguagem é ser atravessado e transformado em outro de si mesmo. Esse fazer só se dá no âmbito de uma ação, de um agir no/sobre o mundo; por isso é que o plantão enquanto prática profissional se constitui em uma forma de ação no mundo.

De certo que, ao nos referirmos à linguagem, não estamos nos remetendo a essa como um instrumento disponível para o homem como animal racional, ou seja, linguagem como espelho da natureza, como representação do sujeito frente ao mundo, linguagem como metafísica. Não será dessa compreensão de linguagem que iremos nos debruçar nesse trabalho. Pelo contrário, partiremos em busca de uma compreensão da linguagem como abertura, pensada como clareira na qual habitam pensadores e poetas, mas principalmente cuidadores, que podem pensar, dizer e agir poeticamente (*poiésis*).

Novamente nos deixamos engendrar pela proposição heideggeriana em que a linguagem dá-se como um dizer, um *logos* heraclitiano, um mostrar, um desocultar o próprio do Ser.

Falar um com o outro significa: dizer algo para o outro, mostrar um para o outro alguma coisa e confiar-se mutuamente ao que se mostra. Conversar significa: juntos, dizer algo, mostrar um para o outro o que se aclama no que se proclama, o que a partir de si mesmo chega a aparecer... a linguagem fala dizendo, ou seja, mostrando. Seu dizer surge da saga de há muito já dita e, não obstante, ainda não dita, que perpassa a rasgadura do vigor da linguagem. (Heidegger, 2003, pp. 202-203).

Ora, se partirmos da perspectiva sinalizada por Morato (1999), em que a prática pode ser entendida como lugar de fronteira, lugar de encontro, sobretudo com o diferente, com aquilo que nos desaloja, podemos, com certa confiança, afirmar que, no plantão, há uma experiência pela linguagem de aproximação e acolhimento do outro de si, um estranhamento que engendra criação.

A prática do plantão é lugar de luz, dá-se como clareira na qual se está no meio de uma floresta. Nessa, pode haver um facho de luz e pode dar-se uma possibilidade de visão, mais ou menos, a que ponto podemos nos dirigir. (Morato, 2011b, p. 05).

Para melhor compreendermos a qual clareira estamos nos referindo, Heidegger (2001), no “Seminário de Zollikon”, define clareira como o âmbito em que o próprio fenômeno se retira, dá-se e esconde-se, ou seja, “clareira do esconder-se quer dizer, em sentido apropriado: que o inacessível mostra-se em sua inacessibilidade, torna-se evidente... o evidenciar-se como algo inacessível o mistério” (p. 200).

O acolhimento no plantão passa pela dimensão do tácito da linguagem, pois não apenas a queixa é trabalhada e trazida à luz, mas, principalmente, aquilo que a fala não revela pelo dizer outro. A escuta/fala faz uma experiência do dizer, pela desocultação de uma verdade, que se faz no pré-verbal, na ponta da língua daquele que fala, um desocultar como *alethéia*. Nessa perspectiva, não é a linguagem um instrumento do plantão, uma técnica a ser manejada, mas sim o plantonista está na linguagem, ela é que nos tem, pois “fazer uma experiência é percorrer um caminho” (Heidegger, 2003, p.131).

Uma consequência imediata do Plantão Psicológico, nesse âmbito de um fazer ético pós-metafísico, diz respeito a entendê-lo como uma ação realizada a partir de uma presunção de não eficiência, de abrir mão de qualquer ação direcionada, principalmente da escuta, como forma de instrumentalização do técnico. A questão fundamental está na postura existencial em abrir-se-para-o- outro-com, no sentido de possibilitar nessa relação ao outro o experimentar próprio, um deixar-ser-si-mesmo-na-relação. Diz de um acompanhar o que se avizinha (próximo), aquilo que não encontra guarida no falar cotidiano, mas que encontra brechas na linguagem como dizer, um recolher ao que simplesmente se dá em um acontecimento-apropriativo (*Ereignis*).

De acordo com Duarte (2005), a leitura heideggeriana ajuda-nos a compreender a linguagem como acolhimento do diferente, em uma dimensão ética, um movimento de afirmação da morada essencial em nosso estar-no- mundo, uma condição ético-política, pois, ao afirmar um *ethos*, uma morada, a linguagem se publiciza e se torna visível.

Pensada em sua essência, a linguagem não é uma mera capacidade que especifica o animal humano e o capacita a comunicar mensagens, mas é o próprio abrigo (*Behausung*) da essência humana, é a morada ou lar em que habita o *ek-sistente*, o ente aberto à verdade epocal do ser [...] A linguagem fala na medida em que abarca toda a dimensão do que se apresenta (*GegendendesAnwesens*) e, a partir daí, deixa que algo se apresente ao aparecer ou desaparecer na clareira epocal do ser. O autêntico falar que diga algo significativo só pode fazê-lo se já se encontrar previamente aberto e perpassado pela escuta do caráter mostrador da linguagem, isto é, na medida em que deixa o som do silêncio (*das Gelaute der Stille*) ou o rio do silêncio (*Strom der Stille*), que nada exprimem, mas que possibilitam toda expressão, tanto a que revela quanto a que oculta. (Duarte, 2005, p. 84)

No âmbito da ação do plantão, colocamo-nos na posição na qual se reitera a inexistência da certeza e o controle absoluto dessa ação; ou seja, no instante de intervenção, há uma implicação direta que não resguarda a garantia sobre o correto ou não da ação, apenas instala a possibilidade de, a partir do encontro, abrir espaços para o outro ser si próprio.

Na situação da escuta do plantão, há um fazer-saber, que não se encontra na ordem do teórico, nem do prático, entendido com vontade de saber (controle) por meio de mensuração. Pelo contrário, constitui-se como dizer, recolher, pensar meditante em que promove, ou não, o acolhimento do outro; simplesmente dá-se apenas pela escuta de um apelo em um acolhimento ontológico (original) do outro.

Podemos distinguir duas questões decorrentes dessa perspectiva do Plantão Psicológico como clareira: a primeira diz da não necessidade de uma queixa específica para que se possa justificar a intervenção do plantão; a segunda compreende que não há uma restrição específica à temporalidade cronológica do agora do atendimento, mas sim uma temporalização da própria abertura epocal daquele que sofre como ente.

Se o plantão se dá a partir da perspectiva de homem como *Dasein* (abertura ontológica), sobretudo no encontro em que se dá o contato com o estrangeiro, com o desconhecido, a prática do plantão se apresenta como ação clínica, ou seja, como trânsito entre o ôntico e o ontológico (Barreto, 2006).

Dessa forma, não há o que se curar, ou mesmo verdade última à qual se chegar, basta a pro-cura e a disposição para que se dê o plantão como acontecimento-apropriação. Esse se dá a partir da dimensão de urgência existente na intervenção do plantão. Existem questões/situações importantes que vivemos

como: lidar com a morte, a violência e outras situações-limite; nessas, encontramos a indicação da necessidade de uma ação imediata, um chamamento ontológico à nossa própria condição de humanos. Não há, em contextos de crise e urgência, mediadores, apenas somos chamados (com-vocados) a existirmos como modos de ser-no-mundo mais próprios. Portanto, para realizarmos o plantão, parece que nos encontramos no modo ontológico de estar-com, em situação de abertura; para que seja possível o acontecimento que aponta para o desvelamento do Ser, mesmo que nunca consigamos tê-lo em si, mas ao menos ao seu sentido de Ser.

Outra dimensão importante, nesse contexto da prática do plantão, corresponde à ideia de que apenas um único encontro, o que ocorre na maioria das vezes, não seja suficiente para engendrar mudanças naqueles que dispõem dele. Argumentos como esse remetem à dimensão da temporalidade da intervenção em situações de crise. O tempo do encontro será o tempo do plantão, uma temporalidade em que não compete à cronologia (sucessão ininterrupta dos segundos) como demarcação do encontro. Temporalidade aqui compreende a condição de afirmar a existencialidade do encontro como abertura, ou seja, não é o tempo do relógio que conta no plantão, mas sim o tempo da constituição do sentido. O que parece estar em jogo corresponde ao tempo do sentido, o instante em que esse é produzido na e a partir da linguagem como clareira.

Assim, no âmbito da relação que se estabelece no encontro do plantão, a questão do tempo da intervenção se torna fundo no qual a figura compreende a linguagem como clareira. Nessa dimensão, a duração do encontro dar-se-á a partir da possibilidade de suportarmos a duração desse habitar, nos fazermos presentes

nesse lugar em que a angústia se apresenta pela confrontação de nos depararmos com o estranho de nós mesmos, do outro e do próprio mundo.

Portanto, o acontecimento da intervenção se dá em um tempo como abertura, uma espécie de diacronia, na qual o contato com nossa condição de desamparo faz ressaltar as marcas do vivido. No plantão podemos abrir outras possibilidades de ser-no-mundo trazendo o historial (Gadamer, 2002), dito de outra forma, não há como zerarmos o que somos, mas há como fazermos desse modo de ser um *outro*, permitir a emergência de um acontecimento apropriativo.

Aqui encontramos, de acordo com Casanova (2002), a possibilidade de vislumbrarmos a instauração de *outro início*, não de um novo início, para nos relacionamos com o horizonte hermenêutico no qual nos inserimos. Pois, pela possibilidade da vivência do acontecimento apropriativo tendo a linguagem como morada do Ser, podemos instaurar outro sentido para aquilo que ali se faz presente como vivido. Falamos em outro e não de novo início porque o plantão não poderá zerar as marcas de experiências anteriores (tradição), mas na vivência do aberto do acontecimento apropriativo torna-se apreensível a negatividade do aberto, a qual pela emergência de uma linguagem nova pode nortear a emergência de um outro sentido.

Portanto, o plantão psicológico como modalidade da prática psicológica pode ser vislumbrado como espaço de acontecimento apropriativo, sobretudo pelo acolhimento da linguagem como clareira que institui nossa tarefa de cuidar para emergência do Ser, em outros termos, cuidar para que na apreensão do seu sentido o outro cuide de ser-si-mesmo.

3 METODOLOGIA

A ciência Pós-moderna, ao sensocumincar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em autoconhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida.

(Santos, 2009, p.08)

A prática da pesquisa em psicologia, na contemporaneidade, parece apresentar uma dificuldade crescente em lidar com a tensão existente entre dois desafios importantes: por um lado, a força do paradigma hegemônico da ciência clássica (arraigada por um amplo desenvolvimento nos campos da técnica); por outro lado, encontram-se as exigências éticas de se atrelar os avanços científicos às reflexões sobre problemas (sociais, ambientais, culturais e tecnológicos) criados pela própria ciência.

A discussão proposta por alguns autores contemporâneos (Santos, 2009; Morin, 2002, 2005) nos remete à ideia de uma ciência pós-moderna, que promove seu próprio movimento de produção de saber a partir da manutenção de uma abertura para emergência do desconhecido; isso costuma ocorrer, principalmente, a partir de uma postura ética instauradora de diálogo com diversas outras formas de conhecimento. Nesse sentido, fazer ciência diz respeito a assumir a prudência como marco norteador da produção do

conhecimento, ou seja, “a prudência é a insegurança assumida e controlada” (Santos, 2009, p. 91).

No âmbito da ciência psicológica, esses questionamentos também possuem importância, pois, como nos lembra Penna (1997), a Psicologia se constitui, dentre outras coisas, por ter como uma de suas características principais a dispersão de saberes. Ela tornou-se, com o passar do tempo, um campo híbrido e multirreferenciado a partir da coexistência de vários paradigmas. Assim, o fazer pesquisa em psicologia nos pede, necessariamente, que tomemos prudência, pois nos deparamos com questões que remetem às implicações éticas, inclusive da subjetividade do pesquisador, no âmbito da pesquisa.

No âmbito da prática psicológica, na modalidade do Plantão, conforme assinalamos em outros momentos deste trabalho, há como inerente à construção do conhecimento a apropriação da **experiência**, em nosso caso também, da experiência de pesquisa. A esse respeito, as autoras abaixo nos lembram:

Recuperar o valor da experiência em sua função provocativa ao pensamento faz-se importante para não se cair no eterno ciclo ilusório das classificações abstratas ou das racionalizações universais. A experiência, quando somente vivida, é imaginativa e errante, buscando encontrar universais que a decepcionarão em outro momento; porém, ao mesmo tempo, suscita a necessidade de alcançar o conhecimento das causas daquilo que se apresenta. (Andrade, Morato, & Schmidt, 2007, p. 200)

Dessa forma, o Plantão Psicológico corresponde também a uma maneira de construir conhecimento em que é demandada outra abordagem de aproximação com o que chamamos comumente de “realidade”; isto é, uma aproximação mais

experencial, inexoravelmente implicada, em que a promessa da neutralidade, tão importante para perspectivas científicas modernas, termina por perder seu sentido de existir.

Faz-se necessário demarcarmos, como nos afirma Andrade, Morato e Schmidt (2007), a dimensão desse tipo de pesquisa qualitativa que, dentre outras coisas, caracteriza-se por acentuar a dimensão “intrusiva” e modificadora do estar do pesquisador em um campo de relações. Essa presença forma uma espécie de anel recursivo em que tanto pesquisador, quanto campo de intervenção se coconstituem e se modificam mutuamente, dando-se a conhecer a partir de uma experiência singular.

Na busca de algo para sustentar-se e proteger-se, o ato primeiro do pesquisador encontra a referência do próprio olhar a si mesmo, permanecendo atento a cada uma de suas sensações para poder olhar para fora, caminhar, estranhar, surpreender-se, percorrer cada vestígio, *in-vestigar*. (Andrade, Morato, & Schmidt, 2007, p. 202)

Para Cabral e Morato (2003), na forma de pesquisa interventiva, faz-se necessário um implicar-se na busca pela compreensão, que se dá via experientiação. Assim, “Implica em inclinar-se ao fenômeno, permitindo-se marcar pelo estranhamento (interrogação) que ele pro-voca, para que, desse momento/situação entre fenômeno e pesquisador, brote uma possibilidade de revelação como questão” (p. 172). Dessa forma, o que se desvela toma dimensão de tema, uma forma de compreensão que se constitui na temperança da relação experencial, que ali se estabelece no âmbito da pesquisa qualitativa entre pesquisado e campo de afetação.

Morato (1999, p.67) lembra-nos de que a etimologia da palavra conhecer remete à ideia de **fusão para dar nascimento**, ou seja, “implica em uma relação de conhecimento com penetrabilidade”. Assim, a prática do Plantão constituir-se-á por uma relação de cooriginalidade em que se faz presente o modo de ser-no-mundo do plantonista em tudo o que ele faz e como apreende suas ações. Aquilo que lhe vem ao encontro o pro-voca, chama-o em uma afetação que lhe indaga por um sentido. O ato de conhecer se faz como uma ação que busca por tecer um sentido àquilo que lhe vem ao encontro como pergunta, inquietação e afetação, portanto, o conhecimento se torna o produto de toda essa tessitura.

Ao considerarmos que nosso objetivo diz respeito a compreender a prática do Plantão Psicológico nas DEAMs de Petrolina e Juazeiro, optamos por tomar como matriz metodológica a abordagem qualitativa fenomenológica hermenêutica, alicerçada na proposta fenomenológica de Heidegger (1999) e da Hermenêutica filosófica de Gadamer (1900-2002).

A escolha por esses autores teve como critério a possibilidade de coerência teórico-metodológica. Optamos por uma forma de compreensão de construção de conhecimento que se afastasse da proposta moderna de ciência e se aproximasse da ideia de humano como possibilidade de vir a ser, como condição ontológica que, via abertura originária²¹, se situa por meio das compreensões de suas experiências no mundo.

Antes, porém, de adentrarmos a discussão especificamente da pesquisa fenomenológica hermenêutica, faz-se necessário situarmos o que chamamos por pesquisa qualitativa. De acordo com Stake (2011,p.30), há um diferencial

²¹A noção de humano, aqui, será orientada principalmente pelas ideias do livro *Ser e Tempo* de Martin Heidegger, já trabalhadas no capítulo anterior.

fundamental entre uma pesquisa qualitativa e quantitativa que se encontra no lugar ocupado pelo pesquisador em relação à constituição do conhecimento sobre os fenômenos, pois “talvez as diferenças metodológicas mais importantes entre qualitativo e quantitativo sejam duplas: a diferença entre tentar explicar e tentar compreender [...], ou dito de outro a forma, “ os métodos de pesquisa qualitativa são embasados na compreensão experiencial” . Essa afirmação, mesmo que não contemplando a totalidade da complexidade do tema, leva-nos a refletir que a noção de compreensão dos fenômenos ocupa lugar de importância na construção do conhecimento na pesquisa científica. Mas, afinal, o que estamos chamando por compreensão? Qual sua importância para constituição daquilo que estamos chamando de saber dos fenômenos?

Para tentar responder a essas e outras questões que emergem e se avizinham, buscaremos contextualizar a proposta de Fenomenologia desenvolvida por Heidegger (1999; 2002; 2003), como também a contribuição dada pelo filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1999; 2002), pois nos ajudam, semeando algumas reflexões importantes a partir do campo da Hermenêutica filosófica.

De acordo com Stein (2001), o conceito de Fenomenologia desenvolvido por Heidegger possui de forma significativa dois momentos bem delimitados. O primeiro corresponde ao conceito de Fenomenologia encontrado em *Ser e Tempo* correspondente aos anos de 1926-1927; bem como, após o *Kehre* (viravolta), o segundo Heidegger, após os anos 1930.

No primeiro momento, Heidegger(1999)irá afastar-se do projeto desenvolvido por Husserl sobre Fenomenologia, o qual a situa como uma proposta de um positivismo superior(Dartigues,2005).Na perspectiva heideggeriana,

há uma preocupação constante em acentuar a diferença fundamental(ontológica),pois não há condições desse compreender os fenômenos por meio de uma consciência transcendental que, pela atitude fenomenológica, colocaria em suspenso o mundo e chegaria à essência mesma das coisas.

Para Heidegger (1999), não há possibilidade de uma intencionalidade da consciência, uma vez que homem e mundo são cooriginários. Dessa forma, a noção de Fenomenologia se centralizará nas estruturas ontológicas do humano como *Dasein*.

A etimologia da palavra Fenomenologia, para Heidegger, possui sua origem na língua grega,que já lhe indica o sentido em que deve ser compreendida:

Pode-se formular em grego a expressão Fenomenologia com as palavras: *legein taphainomena*, porém, significa *apophanainesthai*. Fenomenologia significa, então, *apophanainesthaitaphainomena*: deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo. É este o sentido formal da pesquisa que traz o nome de Fenomenologia. Com isso, porém, não se faz outra coisa do que exprimir a máxima formulada anteriormente: „para as coisas elas mesmas“. (Heidegger, 1999, p. 65)

Portanto, para Heidegger, a Fenomenologia compreende o método de apreensão do fenômeno (aquilo que aparece) por meio do seu movimento próprio de desvelamento e ocultação. Nesse primeiro conceito, há uma clara ênfase na noção de estruturas ontológicas que possibilitam por meio da temporalidade da emergência dos fenômenos que estes se desvelam, ou seja, a Fenomenologia corresponderia às

relações que o ser estabelece, como possibilidade de desvelamento, com as estruturas ontológico-temporais.

Entretanto, para nossa pesquisa, alicerçamo-nos na contribuição que Heidegger deu ao campo da Fenomenologia a partir do seu segundo momento de produção intelectual. Para o segundo Heidegger, há uma mudança na relação do fenômeno com o *Dasein*, tendo em vista que há uma centralização maior no próprio Ser que imprime ao homem a tarefa de ser mensageiro, em uma relação Hermenêutica com desvelamento do Ser.

A noção de Fenomenologia que tomamos para sustentar nossa proposta de pesquisa centra-se na própria abertura como clareira que, ao mesmo tempo em que acolhe, desvela *o que* o Ser manifesta e *como* se manifesta.

A palavra „hermenêutico“ vem do grego *hermeneuin*. Refere-se ao substantivo *hermeneus* que se pode articular com o nome do deus Hermes. Hermes é o mensageiro dos deuses. Traz a mensagem do destino. *Hermeneuin* é a exposição que dá notícia, à medida que se consegue escutar uma mensagem. (Heidegger, 2003, p. 96).

A partir desse contexto, a proposta de Fenomenologia do segundo Heidegger implica entender o hermenêutico não como explicação, ou mesmo a interpretação, de um dado texto, diálogo, ou situação; pelo contrário, o hermenêutico diz do movimento de trazer uma mensagem e ao mesmo tempo comunicá-la através de um movimento ininterrupto de desvelamento/ocultação.

No mesmo sentido, Gadamer (1999), em consonância com a Filosofia heideggeriana, parte para construir seu próprio caminho filosófico sob a égide da Hermenêutica. Dentre suas obras, iremos alicerçar nossos argumentos

principalmente em uma de suas mais importantes contribuições: o tratado chamado de *Verdade e Método*, v. I e II (Gadamer, 1999; 2002), ainda no sentido de nos auxiliar na tarefa complexa de transitar nas construções desse autor, buscamos também dialogar com alguns dos seus comentadores (Law, 2010; Domingues, 2009).

Entretanto, ao nos posicionarmos no sentido de assumir a Hermenêutica filosófica como fundamento do nosso modelo metodológico, sentimos a necessidade de aprofundarmos alguns pontos, que serão essenciais para compreendermos melhor essa trilha metodológica.

Assim, tratamos a construção dos conceitos de compreensão e diálogo desenvolvidos por Gadamer para situarmos essa investigação como um encontro que possibilita uma fusão de horizontes entre nós e aqueles que participaram dessa experiência chamada Plantão Psicológico nas DEAMs.

Conforme seu professor (Heidegger, 1999), Gadamer (1999) faz uma crítica ao modelo metafísico de produção de conhecimento tanto na Filosofia, quanto na ciência. O modelo metafísico se torna hegemônico, sobretudo a partir da modernidade, como uma forma de legitimar uma visão de humano em que o fundamento da racionalização instrumental apresenta-se como centro de valor e moral para os indivíduos dessa época. A sobrevalorização do método e da verdade como correspondência da representação ganha na perspectiva gadameriana praticamente as mesmas críticas que a analítica existencial procurou desconstruir.

Para Law (2010, p. 84), uma das contribuições fundamentais de Gadamer encontra-se na crítica que opera sobre o conceito de verdade, pois “uma das principais reivindicações de Gadamer é que o método obstrui a verdade, ou, ao

invés disso, um encontro básico e fundamental com a verdade é perdido quando recorreremos à dependência do método”. A partir desta visão, Gadamer irá sinalizar que a verdade deve ser entendida como experiência, ou seja, diferentemente da metafísica, que enfatiza a experiência como aquilo que se repete e se confirma como coisa empírica, a verdade se dá no não perceptível, na dimensão do único, do singular.

Portanto, a ideia de experiência para a metafísica estaria próxima do sentido dado à palavra alemã *Erfahrung*, que significa “pura experiência”. Essa diz respeito ao que, na tradição socrático-platônica, seria o *eidos* (ideia), ou o correspondente à verdade. Nessa perspectiva, é por meio das ideias que teríamos acesso às coisas em si, ou melhor, ao mundo verdadeiro das essências. Já na hermenêutica, a experiência seria entendida a partir do sentido advindo de outra palavra alemã, denominada de *Ereignis*, que corresponde à “experiência vivida”. Nessa última, dá-se o encontro com sua própria condição de humanidade, o encontrar-se com a abertura originária.

[...] a pessoa que chamamos experimentada não é somente alguém que se fez o que é *através* das experiências e aprendido graças a tantas experiências, mas alguém que está aberto a experiências. [...] o homem experimentado é sempre o mais radicalmente não dogmático, que, precisamente por ter feito tantas experiências e aprendido graças a tantas experiências, está particularmente capacitado para voltar a fazer experiências e delas aprender. A dialética da experiência tem sua própria consumação não em um saber concludente, mas nessa abertura à experiência que é posta em funcionamento pela própria experiência. (Gadamer, 1999, p. 525)

A experiência, nesse contexto, torna-se o solo fértil no qual é tecida a dimensão constitutiva do homem. Portanto, será também considerada uma experiência histórica, pois, conforme afirma Gadamer (1999,p.525),“a experiência é algo que faz parte da essência histórica do homem”. Vale ressaltar que a noção de história aqui não deve ser confundida como ciência histórica que se dá por acumulação dos fatos históricos. Pelo contrário, história aqui compreende a apreensão daquilo que se dá pelo contato com a dimensão ontológica do humano, ou seja, sua própria finitude.

Experiência é, pois, experiência da finitude humana... Quem está e atua na história faz constantemente a experiência de que nada retorna. Reconhecer não quer dizer aqui conhecer o que há no momento, mas perceber os limites dentro dos quais ainda há possibilidade de futuro para as expectativas e os planos; ou, mais fundamentalmente, que toda expectativa e toda planificação dos seres finitos é, por sua vez, finita e limitada. A verdadeira experiência é assim experiência da própria historicidade. (Gadamer, 1999, p. 529)

Para Gadamer, a ideia de experiência parte da proposição ontológica de Heidegger(1999), do *Dasein* como ser-no-mundo ligado à facticidade e temporalidade de sua existência. O diferencial, nesse contexto, para Gadamer, está na inclusão da ideia de historicidade como também constituinte da noção de experiência. Ou seja, em seu estar-no-mundo, o *Dasein*, cuidando de ser com-os-outros,lida também com sua própria possibilidade de ser como resultado das escolhas realizada sem sua história. A essas condições próprias, Gadamer dará o nome de *tradição*. Esta não deve ser tomada como uma contecimento que deve/ou

pode ser tomado pela experiência (objetivável), pelo contrário, dá-se como uma linguagem.

A experiência pela linguagem permite que essa se constitua como relação fundamental na qual nos deparamos com as coisas e os outros *Dasein* que nos vêm ao encontro no mundo. Responder à afetação da tradição diz de uma possibilidade de estabelecer uma compreensão do outro com-o-outro sem significar reduzi-lo a uma mera coisa. Dessa forma, como nos aponta Gadamer, a tradição se constitui como um tu em nossa relação. A apreensão desta não se dá de forma imediata, mas, principalmente, de forma reflexiva. Disso resulta que a consciência que emerge do nosso encontro com o mundo será por meio de uma consciência histórica.

Dispor da consciência histórica como constitutiva na relação do horizonte de possibilidade de compreensão do *Dasein* no mundo implica que uma dimensão do diferente, do indizível, da alteridade do outro é experienciada como tal. Podemos afirmar aqui que a compreensão que se constitui no encontro com o outro engloba a tradição naquilo que a torna irreduzível, ou seja, trazemos no campo de horizonte de compreensão resquícios que se dão como pré-conceitos que não podem ser desconsiderados. Esses são rechaçados pela ciência modelar, visto que, em nome de uma suposta neutralidade científica, parece haver uma tentativa de exclusão da condição ontológica do homem de se deparar com sua abertura e temporalidade existencial.

Nesse sentido, Gadamer (1999) nos lembra de que aquele que se crê seguro na sua falta de preconceitos, porque se apoia na objetividade de seu procedimento e nega seu próprio condicionamento histórico, experimenta o poder dos

preconceitos que o dominam incontroladamente como um *vis a tergo*. (p. 531)

Portanto, a ênfase na constituição do conhecimento do homem no mundo, aqui mais especificamente no âmbito da pesquisa, não se dá sob a égide de algo externo ao processo de experientiação no mundo. Diferentemente de outras formas de se fazer pesquisa metafísica, a emergência da “verdade” não se dará pela confirmação do método (ou qualquer técnica específica que venha a ser utilizada), mas pela possibilidade de compreensão como experiência histórica. Pois será pela condição de deixar a tradição falar na e pela consciência histórica que os sentidos se constituem a partir da compreensão dos horizontes históricos temporais em que nos encontramos. Dessa forma, podemos concluir que “a consciência hermenêutica tem sua consumação não na certeza metodológica sobre si mesma, mas na pronta disposição à experiência que caracteriza o homem experimentado face ao que está preso dogmaticamente.” (Gadamer, 1999, p. 533).

A possibilidade de entender a constituição de consciência histórica como sendo sistematicamente organizada a partir de sua ligação em uma dimensão ontológica do homem no mundo ajuda-nos a trilhar a construção de uma metodologia de pesquisa baseada na ideia de diálogo gadameriano. Para tanto, faz-se importante nos aproximar de outro conceito desse autor, que servirá de base para entendermos o que chama por diálogo. A *fusão de horizontes* torna-se conceito fundamental, pois constituirá dentro da perspectiva Hermenêutica gadameriana a noção que possibilita a emergência de novas compreensões sobre a experiência.

De acordo com Law (2010, p. 91), “Gadamer considera a tradição como sendo, assim como o preconceito, parte de um plano de fundo para nosso engajamento no

mundo”. A partir desse contexto, emerge o que chama de “horizontes”, pois a tradição dimensionada como linguagem que se apresenta nos dispõe um panorama, horizonte de visão circundante que possibilita um situar-se-no-mundo.

Assim, com o desenvolvimento da prática de utilizar a linguagem, vamos, concomitantemente, desenvolvendo também um horizonte, uma perspectiva de mundo. Podemos entender que, dessa forma, a linguagem (tradição), ao mesmo tempo em que dispõe um horizonte para o homem, também o delimita. A fusão de horizontes dá-se como intermediação entre o texto (mundo, outro, situação) e o intérprete. Um horizonte, ao ser disposto em contato com outros horizontes, não se sucumbe nessa relação, pelo contrário, amplia-se pela fusão de horizontes.

Para Gadamer (in Law, 2010, p. 91), “o entendimento é sempre a fusão dos horizontes”. Essa fusão passa a fazer sentido quando passamos a entendê-la como produto de um processo de diacronia e sincronia, dito de outra forma, como um movimento de afirmação do passado, sem o reificar, ao mesmo tempo, movimento de afirmação de uma possibilidade de futuro, no presente. O que se efetiva no entendimento a partir da fusão de horizonte é um movimento de reconhecimento e transposição do já conhecido por meio de um diálogo. Mas o que a Hermenêutica filosófica chama por diálogo?

Gadamer (2002), em um texto intitulado “A incapacidade para o diálogo”, de 1972, faz uma análise do que compreende por diálogo a partir de sua impossibilidade, ou seja, pelo não diálogo. Primeiramente, podemos pensar que seriam problemas de ordem das dificuldades fisiológicas ou comunicacionais que levariam ao não diálogo; mas são questões ontológicas mais importantes. Na perspectiva de Gadamer (2002), há uma sinalização de que “a questão da

incapacidade para o diálogo refere-se, antes, à possibilidade de alguém abrir-se para o outro e encontrar nesse outro uma abertura para que o „fio da conversa“ possa fluir livremente” (p. 244). Portanto, situa como condição principal para efetivação do diálogo a abertura para relação com o outro, supondo que este também se encontra em aberto. Tal abertura como disposição de criação de vínculo acolhedor e de espontaneidade se realiza por meio das perguntas e respostas que possam emergir e se desenvolver.

No encontro com o outro, um texto, uma obra, uma situação, o movimento de ir e voltar como de abertura para se confrontar e acolher o diferente fazem-se presentes no diálogo e, quando isso se concretiza, há um significativo potencial transformador vivenciado.

Um diálogo é, para nós, aquilo que deixou uma marca. [...] o que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo. [...] o diálogo possui uma força transformadora. Onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós e em nós que nos transformou. (Gadamer, 2002, p. 247)

No âmbito da modalidade do plantão psicológico a perspectiva do diálogo gadameriano se torna fundamental para constituir os espaços de possíveis transformações para todos que dele participa. Há não apenas a possibilidade do diálogo numa relação frente a frente, mas também dos registros dessa experiência, dos textos de autores que reflitam sobre o tema, ou ainda, do próprio contexto institucional no qual o plantão está inserido.

3.1 Contextualizando nossa trajetória no plantão psicológico

3.1.1 O desafio da compreensão da prática: a experiência nas DEAMs de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE)

A experiência do Plantão Psicológico na cidade de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE) deu-se a partir de uma mudança em nossa vida profissional no ano de 2005. A entrada do Plantão Psicológico na DEAM, nessas cidades, configurou-se de forma distinta em momentos distintos. Para melhor situarmos o que compreendemos dessa experiência em sua totalidade dividiremos, apenas para finalidade didática, nossas experiências no Plantão Psicológico em dois momentos: em um primeiro momento, procuraremos descrever como se deu nossa participação na DEAM de Juazeiro-BA, por ter sido também cronologicamente a primeira. Nesse relato, situaremos o contexto a partir do local: de quais atores sociais envolvidos e de como se foi construindo efetivamente a prática do Plantão Psicológico; em um segundo momento, nós nos basearemos no mesmo roteiro de apresentação do plantão em Juazeiro para mostrar como se deu o plantão em Petrolina. Por fim, faremos uma contextualização do plantão nas duas cidades, ressaltando a situação atual dos trabalhos realizados.

A proposta de se fazer o Plantão Psicológico na cidade de Juazeiro (BA) nasceu da nossa necessidade de encontrar um campo de estágio para os alunos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), como também de possibilitar a continuidade das atividades que já se havia realizado

na cidade de Manaus. Assim, procuramos a DEAM de Juazeiro e fizemos a proposta de implantação do Plantão Psicológico, a qual imediatamente foi aceita.

A DEAM de Juazeiro se situa em um bairro próximo ao centro da cidade. Localizada em uma rua próxima à Univasf, ocupa uma edificação alugada pela prefeitura para seu funcionamento. Fisicamente, a delegacia é composta por dois pisos: o piso inferior possui uma sala de recepção/espera, uma sala equipada com três computadores colocados lado a lado para registro de queixa-crime; possui ainda mais três cômodos, que são utilizados como cartório de registros, sala de atendimento e um terceiro, que é utilizado como carceragem, mesmo que não tenha qualquer mecanismo de segurança para desempenhar tal finalidade. Ainda possui uma copa e uma sala de estar que também são utilizadas para realização de audiências. No piso superior, ficam as duas salas usadas pelas delegadas e uma antessala usada para reunião dos funcionários da delegacia.

No que diz respeito ao período desta pesquisa, mais especificamente de colheita dos dados, as atividades do Plantão Psicológico foram realizadas por 07 alunos, sendo 06 alunas e 01 aluno, concluintes do curso de Psicologia da Univasf no período de julho de 2010 até março de 2011.

A sistemática de atuação do serviço do plantão obedeceu à seguinte organização: todas as semanas, nas segundas e terças-feiras, em horário comercial, os alunos exerciam a prática do plantão. A carga horária prevista foi um total de 16 horas semanais, sendo oito horas em cada delegacia. A DEAM, portanto, constituiu-se no lugar em que o plantão foi-se consolidando como espaço fundamental de aprendizagem do estágio.

As informações gerais sobre as duas DEAMs se encontram esquematicamente organizadas da seguinte forma:

Quadro esquemático sobre as DEAMs pesquisadas:

A DEAM de Juazeiro (BA):	A DEAM de Petrolina (PE):
Inaugurada em 22 de novembro de 2006. Equipe atual: duas (02) delegadas (01 titular e 01 adjunta), uma (01) escrivã e seis (06) agentes.	Inaugurada em 30 de novembro de 2001. Equipe atual: (02) delegados (uma mulher e um homem); (03) escrivãs, três (03) comissários e quatro (04) agentes.

A DEAM de Juazeiro possui uma **equipe de profissionais** composta por duas delegadas, uma titular e outra substituta, uma escrivã e cerca de seis agentes de polícia compostos por dois homens, sendo as demais mulheres. Essa equipe se divide nas atividades cotidianas que compreendem: registro de boletins de ocorrência; levantamento de informações sobre casos de violência; entrega de convocatória para depoimento e as demais atividades administrativas da instituição.

Apesar de estar em uma cidade de cerca de 250 mil habitantes, a DEAM de Juazeiro não funciona por 24 horas, ou seja, o horário de funcionamento para o público é da segunda à sexta-feira no horário comercial (das 07h00 às 18h00), sem fechar para o almoço. Quanto às ocorrências de violência aos finais de semanas, a assistência é prestada por meio das delegacias comuns, sendo remetidos, no início

da semana, os registros de ocorrências para DEAM, salvo os casos de flagrante delito.

Esse momento inicial de contato com a prática do Plantão Psicológico na DEAM de Juazeiro foi intermediado por nossa **atuação híbrida como professor/supervisor** local.

A sistemática de atendimento do Plantão Psicológico foi constituída pelo encaminhamento por parte dos profissionais da delegacia e das demandas das mulheres diretamente para o plantão. Esse período foi importante para consolidarmos o plantão na delegacia como um serviço que vinha a acrescentar ao que já era realizado pelos profissionais que ali trabalhavam. A relação com a equipe da delegacia foi gradativamente se estabelecendo e foi possível deixar claro qual o nosso papel junto àquelas mulheres, ou seja, nosso propósito desde o início foi de criar um espaço de escuta/acolhimento para as mulheres em situação de violência.

As atividades do plantão se foram constituindo por meio de um conjunto de ações que emergiram a partir das características da própria delegacia, como também das demandas referentes ao sofrimento que as mulheres nos traziam.

Entre as ações do Plantão Psicológico, destacamos:

- Atendimento individual às mulheres que sofram violência;
- Atendimento de casal e família;
- Pequenas palestras intituladas: “Enquanto isso, na sala de espera”;
- Acompanhamento à rede de apoio;

- Escuta/acolhimento das queixas;
- Acompanhamento de audiências dos homens acusados de agredir as mulheres conjuntamente com as delegadas;
- Atendimento aos profissionais da DEAM.

O atendimento individual no Plantão Psicológico geralmente ocorreu por meio de um encaminhamento realizado pelos profissionais (agentes de polícia) que registravam a queixa-crime. Com o passar do tempo, foi possível entendermos quais os critérios de encaminhamento das mulheres para o plantão pelos funcionários da instituição. O principal critério teve a ver com o estado emocional da mulher que estava denunciando. Pois aqueles casos em que as mulheres estavam ainda muito afetadas, mobilizadas emocionalmente ou ainda desorientadas, em termos de tempo-espaço, possuíam grandes chances de ser encaminhados. O encaminhamento geralmente era precedido por uma conversa na qual o policial nos passava rapidamente breves informações sobre o caso e consultava se podíamos atendê-lo.

O segundo critério de encaminhamento dizia respeito à incapacidade de compreensão do caso por parte do policial. Os casos que mobilizavam os policiais a ponto de eles se perguntarem o porquê daquela violência e não encontrarem uma resposta pronta faziam com que eles o considerassem como “coisa para psicólogo”.

O local da escuta da mulher não era fixo; a sala que estivesse desocupada, após a devida autorização, era utilizada como ambiente de acolhimento e

intervenção, mas, por diversas vezes, o plantão se deu nos corredores, na sala de espera, no lado de fora da casa, até mesmo na calçada em frente à DEAM.

Nesse contexto, o Plantão Psicológico foi-se delineando como prática psicológica que se diversifica em ações passíveis de emprego em vários momentos da instituição, bem como com diversas matrizes clínico-pedagógicas. Assim, por exemplo, em um dado momento, os plantonistas estavam ministrando na sala de espera uma pequena palestra (de, em média, dez minutos), que trata de questões referentes à Lei Maria da Penha, ou seja, o que é violência, cidadania, cuidado etc.; já em outro momento, encontravam-se em um canto da delegacia promovendo uma escuta atenciosa, promovendo concretamente atenção psicológica a este outro. Enfim, havia uma mobilidade efetiva de papéis no plantão.

Os atendimentos de casal, embora não tão habituais quanto os atendimentos individuais, foram-se constituindo no Plantão também como espaço de intervenção e criação. Os casais, frente aos plantonistas, geralmente desvelavam suas queixas, de forma geral, baseadas em uma idealização do que é o amor (romântico), aquele amor eterno, baseado em papéis predefinidos pela cultura patriarcal. Há, claramente, uma generalização em uma espécie de fala naturalizada sobre o que é família, sexo, papéis do homem, mulher; enfim, a partir de uma cosmovisão perturbadoramente segura e fixa. Quanto aos plantonistas, coube a eles questionar esse mundo já naturalizado que lhes chega pela linguagem cotidiana das mulheres em situação de sofrimento.

Quanto às atividades das **pequenas palestras** na sala de espera, o Plantão Psicológico foi-se delineando como espaço de cuidado. Como inicialmente os encaminhamentos eram realizados apenas pelos profissionais da delegacia, os

plantonistas sentiram a necessidade de se dirigir diretamente às mulheres sem intermediários ou qualquer viés preconcebido do que seria necessidade de ajuda para aquelas mulheres.

Então, a **função pedagógica** de dispor informações sobre os assuntos relevantes àquelas mulheres na sala de espera parece ter-se agregado à **função clínica** de também dispor o serviço de acolhimento e experimentação propiciada pelo Plantão. Sistemáticamente, ao final das pequenas palestras, tornou-se comum que as mulheres se colocassem disponíveis para usufruir do plantão. Essa ação também parece ter ajudado a esclarecer e tornar mais próximos os profissionais da delegacia (agentes, escrivã, delegadas etc.) do serviço ali disponível.

Outra ação importante no Plantão Psicológico foi a de **acompanhamento das queixas** durante o registro destas, realizada pelos profissionais da delegacia. Estar próximo das narrativas das mulheres, quando essas fizeram os primeiros contatos com os policiais, trouxe uma espécie de confiança, que se foi construindo entre mulheres e plantonistas. Isso se converteu na procura pelo Plantão Psicológico após realizarem as queixas. Dar continuidade àquilo que, de forma sucinta e pontual, era tratado com o policial parece ter sido libertador para as mulheres. Esse momento foi carregado de um clima de segurança que propiciou a objetividade das informações, pois os policiais estavam ali apenas para coletar informações e transformá-las em um inquérito policial, quando esse fosse o caso. Não há, assim, naquele instante importante da queixa, para a mulher, qualquer tipo de cuidado naquilo que esta fala e como esta fala.

Essa abertura por parte dos profissionais para atuação dos plantonistas na delegacia se apresentou também na forma de **acompanhamento de audiências**

com as delegadas. A audiência diz respeito ao instante em que há apresentação do denunciado, após a convocação judicial, à delegada para ser interrogado sobre a veracidade ou não das denúncias que lhe são imputadas. Os plantonistas participavam desse momento, observando o andamento do interrogatório e, eventualmente, eram solicitados a acompanhar as mulheres quando estas se encontravam mais sensíveis à situação. **Acolher a mulher** que expressa seu sofrimento por meio de choro, ou outra situação, **estando ao lado e apoiando** o enfrentamento dessa situação, foi o mais habitual em termos de prática por parte dos plantonistas.

O Plantão Psicológico foi-se incorporando ao cotidiano da delegacia como mais um serviço disponível para os usuários. A equipe de profissionais da delegacia parecia já ter compreendido esse serviço como mais um recurso de que dispunha para lidar com as mulheres em situação de sofrimento que a ela chegavam todos os dias. Contudo, foi interessante observar que os próprios funcionários, aos poucos, foram, também, sendo usuários do plantão. O atendimento do plantão aos funcionários da DEAM foi-se tornando uma atividade cada vez mais solicitada aos plantonistas.

Foi possível, a partir dessa abertura do Plantão Psicológico para os policiais, compreender como esses profissionais cotidianamente são expostos às situações de extrema violência, tais como morte (encontro com a finitude), estupro (violência sexual), inclusive de menores, sem disporem de tantos recursos para trabalhar com tais questões. A lógica que norteia os trabalhos de uma delegacia parte ainda da ideia tradicional de que o profissional de polícia deve, fundamentalmente, promover a repressão. Assim, a violência deve ser relacionada a algo natural e comum no seu

fazer profissional. Esses profissionais cotidianamente têm como missão acompanhar, por exemplo, casos de violência sexual com crianças, adolescentes e mulheres. Isso parece torná-los prisioneiros de estratégias sempre falhas em ter que se confrontar com o trágico, com a angústia de um ato irracional e brutal para os padrões da nossa sociedade. Com isso, parecem também realizar o inexorável encontro consigo mesmos.

Na **cidade de Petrolina, o Plantão Psicológico** se iniciou um pouco depois de se terem dado os primeiros passos em Juazeiro-BA, em função de questões burocráticas. Os primeiros atendimentos em Petrolina se deram em agosto de 2010 com a mesma equipe de alunos que já fazia o plantão em Juazeiro.

A DEAM de Petrolina foi uma das primeiras delegacias inauguradas em Pernambuco. Localiza-se na região central da cidade e está situada em uma casa alugada, com oito cômodos divididos entre sala de estar, cartório, sala dos profissionais, copa e banheiro. Atualmente, é composta por uma equipe formada por uma delegada titular e um delegado adjunto; possui, ainda, três escrivãs e quatro agentes de polícia.

As atividades realizadas nesse plantão foram praticamente as mesmas desenvolvidas na DEAM de Juazeiro. Houve a necessidade de adaptação do plantão quanto ao espaço físico, haja vista que esta DEAM é menor que a DEAM de Juazeiro, na qual os alunos já se encontravam ambientados.

No que diz respeito à forma de intervenção do plantão, a principal inovação foi o atendimento que chamamos de **clube da escuta**. Este disse respeito a um atendimento que os alunos disponibilizaram na sala de entrada da DEAM. Percebendo que as mulheres chegavam e, enquanto esperavam, ficavam

conversando entre si, surgiu a ideia de se apresentar como plantonistas e começar uma “conversa despretensiosa”. Disto surgiu a necessidade de esta experiência vivida ser acolhida e receber nome. Constituiu-se, assim, um tipo de atendimento em grupo. Cada uma, ao seu tempo, e da forma que lhe conviesse, começava a falar e se colocar diante da violência. Os plantonistas, ao mesmo tempo em que ajudavam tirando dúvidas sobre a lei ou algo mais específico, também faziam intervenções por meio de perguntas que as remetessem às suas próprias escolhas.

O clube da escuta foi uma forma nova de fazermos o plantão até então, pois começou a se constituir como espaço coletivo no qual todos possuíam a mesma oportunidade para se colocar, fazendo-se dizer e, ao mesmo tempo, escutar. Mesmo para aquelas mulheres que ficavam em silêncio, foi possível percebermos que estavam refletindo sobre suas situações.

Durante o tempo em que o clube da escuta se dava, algumas vezes, as mulheres eram chamadas a prestar queixas e outras chegavam à delegacia, de maneira que parecia haver sincronização, os espaços e falas eram respeitados, ao passo que o movimento de ir e vir de mulheres se dava ininterruptamente. Havia a impressão de que um sentido coletivo estava sempre em construção diante da situação singular que cada uma delas vivenciava. Diferentemente de um simples grupo de autoajuda, o clube da escuta pareceu se colocar como um espaço coletivo em que algo se dava como apropriação de sentimentos, muito mais do que simplesmente “fazer uma catarse”, chorar ou se colocar como vítima.

As ideias que surgiam no clube da escuta e a forma como foram sendo respeitadas envolviam em muitos momentos um silêncio denunciador de reflexão, de

elaboração do que se estava vivenciando. Ao final, quando saiam das salas de queixa-crime, os olhares se entrecruzavam, ou mesmo um obrigado bem sonoro.

Portanto, desvelou-se, ao nosso compreender, que ali algo foi colocado em andamento, uma mobilização foi efetuada como possibilidade de construção de novo sentido e significado para o que se vivenciou como violência.

3.2 Os colaboradores da pesquisa

Os colaboradores desta pesquisa foram os alunos que cursavam a disciplina de Estágio Profissionalizante. Essa se divide em Estágio I e II com atividades de Plantão Psicológico previstas como obrigatórias. Vale ressaltar que essas disciplinas se encontram respectivamente no último ano do curso, ou seja, nos 9º e 10º períodos. A escolha dos alunos para o estágio deu-se por score, ou seja, os alunos com a maior média geral do curso tinham o direito de optar por qual tipo de estágio iriam cursar. O critério de participação nesta pesquisa foi por meio de convite, ou seja, os 07 alunos que aceitaram participar como colaboradores foram selecionados.

3.3 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Faz-se necessário ressaltar que todos os atores que aceitaram fazer parte deste estudo tiveram seus nomes modificados por questões de sigilo, tendo que assinar um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), a fim de tornarem-se cientes do que tratava a pesquisa, bem como posterior publicação das informações obtidas para fins de estudo, resguardados os princípios contidos na resolução 196/96 do Ministério da Saúde. No mesmo sentido, foram apresentadas cartas de

anuência para os dirigentes das DEAMs para que tivessem ciência sobre a pesquisa, bem como para que autorizassem a implementação da investigação nessas instituições.

Em seguida, o projeto foi encaminhado para a avaliação de um Comitê de Ética numero 0005/290411 CEEHA/UNIVASF. Após sua aprovação nesse comitê, deu-se início à colheita dos dados para posterior análise.

Antes de adentrarmos nos procedimentos propriamente ditos, consideramos necessário contextualizar como se deu nosso percurso nesse tipo de intervenção psicológica, pois, enquanto prática interventiva, o plantão também se constitui como um método de construção de conhecimento.

3.3.1 Nosso “lugar” na pesquisa

Nosso “lugar”, nesta pesquisa, pode ser considerado como híbrido, pois, enquanto professor-supervisor, ocupamos, ao mesmo tempo, duas funções distintas: nas supervisões, institucionalmente era esperado que nos colocássemos como professor-supervisor acadêmico. Essa função estava relacionada com a dimensão institucional da proposta pedagógica do curso, na qual se deviam acompanhar as atividades dos alunos, tais como: a carga horária do estagiário, as leituras previstas, a adequação do local às necessidades dos alunos e se, por fim, havia uma adequação das intervenções dos alunos àquilo que é visto em sala de aula em termos de teoria.

A outra posição que ocupamos foi a de supervisor local, pois, nessa, tínhamos como foco principal a função de acompanhar e apoiar os alunos nas intervenções *in loco*, fazer uma supervisão, sempre que possível, imediatamente após as

intervenções e, quando necessário, realizarmos a própria intervenção do plantão na DEAM.

3.3.2 Atividades envolvidas no Plantão Psicológico

A sistemática de atuação do serviço do plantão obedeceu à seguinte organização: todas as semanas, desde seu início, nas segundas e terças-feiras, em horário comercial, os alunos exerciam a prática do plantão. A carga horária prevista era um total de 16 horas semanais, sendo oito horas em cada delegacia. A partir do momento em que as duas delegacias foram atendidas pelo plantão simultaneamente, houve um revezamento entre os alunos, de forma que todos atuassem nas duas delegacias.

3.3.2.1 Da intervenção e supervisão: modos e lugares diferentes.... Ao final, uma mesma compreensão

- Da intervenção

A palavra intervenção aqui deve ser entendida como inter-(in)venção, ou seja, o que se cria entre algo, aqui, mais especificamente, na relação entre os participantes do plantão (plantonistas, usuários, profissionais da delegacia). Conforme foi delineado na sessão acima, as ações (Atendimento individual às mulheres que sofreram violência; Atendimento de casal e família; Pequenas palestras; Escuta/acolhimento das queixas; Acompanhamento de audiências dos

homens acusados de agredir mulheres; Atendimento aos profissionais da DEAM) se foram delineando na experiência do plantão à medida que se dava a experiência, ou seja, não foram ações previamente planejadas ou calculadas, deu-se a partir da experiência da prática toda a construção das intervenções.

Assim, vale a pena pontuar descritivamente como se efetivava cada uma dessas ações:

Atendimento individual –correspondeu à maior parte das intervenções. Diz respeito a uma intervenção dual (terapeuta e usuário da DEAM) que geralmente se iniciava com a apresentação do plantonista. Por exemplo: “Meu nome é Darlindo Ferreira, sou psicólogo (ou „fulano de tal“, estudante de Psicologia), e estou aqui para divulgar o Plantão Psicológico que fazemos na DEAM. Caso queira falar comigo, é só dizer”. O atendimento preferencialmente era realizado em dupla, um plantonista mais experiente com um menos experiente. Este último ficava em uma postura mais próxima de observador da intervenção, podendo também fazer intervenções no diálogo quando considerasse necessário.

Para facilitar nosso trânsito na DEAM, usávamos um crachá de identificação da universidade com nosso nome. Essa forma de intervenção dava-se primordialmente como um diálogo, em muitos casos iniciava-se com a pergunta: “Como você está se sentindo?”. Não havia um roteiro predefinido, nem previsão de tempo determinado; em média, levávamos de 30 a 40 minutos, porém houve atendimentos de até 4h.

Atendimento de casal –Basicamente, consistia na mesma rotina do atendimento individual, com a diferença de ter que ser necessariamente com dois plantonistas, de preferência de sexos diferentes, pois percebemos que essa configuração de casal parecia favorecer abertura para a fala dos usuários em

atendimento. Em média, esse tipo de atendimento levava mais tempo que o individual, cerca de 1h a 2h. Nesse diálogo, algumas vezes foi possível reviver aspectos da violência original, que legitimou suas presenças na DEAM, como gritos, xingamentos etc., tudo bem à nossa frente. Boa parte do tempo era gasto na tentativa de que ambos pudessem se escutar, apenas sair do lugar previamente estabelecido (vítima, agressor) para deixar o outro dizer o que tinha a falar. Éramos, por vezes, confundidos com um mediador ou mesmo julgador, mas fazíamos questão de desconstruir essa impressão rapidamente. Geralmente, ao final dos atendimentos, os casais aparentavam-se reflexivos, questionando um pouco mais suas “verdades absolutas” que os trouxeram até ali.

Pequenas palestras –Corresponderam a apresentações previamente elaboradas pelo grupo de estagiários com duração de 10 minutos. Foram confeccionados alguns cartazes, em folhas de cartolina e colagem de fotos de revistas, nos quais traziam informações concisas sobre: o que é violência contra mulher; quais os tipos de violência; o que é a lei Maria da Penha e, por fim, o anúncio do serviço do Plantão Psicológico na DEAM, inclusive com os horários e objetivos previstos. Essas palestras eram ministradas duas vezes em cada plantão na sala de espera, sobretudo quando esta se encontrava repleta de pessoas esperando para serem atendidas.

Acompanhamento de audiências dos homens acusados de agredir mulheres –compreendeu o acompanhamento do procedimento administrativo da DEAM de audiência entre os agressores, as mulheres (vítimas) e a delegada. Nossa participação consistiu em acompanhar o diálogo e fazer algumas intervenções no

sentido de esclarecer a todos que participam desse momento administrativo suas compreensões sobre o fato discutido.

Atendimento aos profissionais da DEAM –correspondeu ao atendimento individual do plantão, envolvendo os profissionais da DEAM, desde a delegada até o pessoal dos serviços gerais. Inicialmente, os funcionários se apresentavam desconfiados sobre o que exatamente iríamos fazer no ambiente de trabalho deles, mas, com o tempo, foi sendo possível construir uma relação de confiança. O que nos foi desvelado com o tempo dizia da necessidade de acolhimento ao sofrimento que esses profissionais sofriam ao lidarem cotidianamente com a violência. Os profissionais da DEAM passaram a procurar o plantão com uma necessidade urgente de falar, dar algum sentido ao cotidiano fragmentado, repleto de dor, morte, injustiça.

- Da supervisão

Faz-se necessário situarmos melhor o que chamamos por supervisão. Esta se dava na própria DEAM e na universidade, sendo esta última uma vez por semana com horário previamente agendado (fixo). A primeira era realizada logo ao término do atendimento do plantonista. Já na universidade, com a presença dos outros estagiários, era mais demorada, com a possibilidade de um distanciamento maior sobre a vivência das ocorrências do plantão. Dessa forma, a supervisão foi-se constituindo como o lugar de trabalhar com o plantonista suas experiências vivenciadas no plantão, o que se configurou também como espaço de confirmação, de legitimação da prática.

De acordo com Bacchi (1999), esse tipo de supervisão se diferencia do que comumente é chamado de supervisão técnica, ou seja, a supervisão que tem por objetivo ajustar e acompanhar a utilização da adequação das teorias e técnicas realizadas pelos alunos frente às demandas de seu fazer de estágio. Pelo contrário, a supervisão de apoio psicológico vai-se configurar como um espaço privilegiado na formação, amplamente utilizado pelo grupo de pesquisadores do LEFE, principalmente nas áreas de saúde e educação com vistas à implicação dos sujeitos em uma construção de conhecimento alicerçado na experiência de aprendizagens significativas.

A supervisão é o momento onde é possível retomar e traduzir a experiência vivida, gerando sentidos. Sendo assim, torna-se claro que profissionais de saúde e educação se beneficiam de um espaço que lhes garanta a reflexão sobre sua prática e sobre tudo aquilo que esta desperta, para, assim, ressignificá-la, ampliá-la e torná-la comunicável. Para, assim, tornar viável a intervenção, o diagnóstico, a aprendizagem e o apossar-se de si mesmo em que implicam esses processos (Bacchi, 1999, p. 213).

Portanto, a supervisão se transformou também em um espaço de ressonância das vivências de todos que participavam do plantão, lugar de testemunhar e comunicar o *como* fazia e o *que* se fazia em termos de intervenções no dia de estágio.

3.4 Os instrumentos de colheita das informações da pesquisa

O *corpus* dessa pesquisa será composto por um conjunto diversificado de fontes de informações. Os procedimentos de colheita de informações se deram da seguinte forma:

Participação nas atividades do Plantão e ações realizadas pelos alunos

–houve a observação das ações dos plantonistas em situação de atendimento, ou seja, observamos como se deram essas intervenções e quais eram as implicações no contexto da DEAM;

Supervisão de apoio psicológico –que ocorria no local do estágio, como também uma vez por semana na universidade. Os atendimentos realizados pelos alunos no plantão foram trabalhados de forma a produzir uma aprendizagem significativa para os envolvidos no estágio. A supervisão se realizava de forma coletiva com todos os plantonistas/estagiários participando ao mesmo tempo, pois se delineou por meio de intervenções dialógicas em que tanto o supervisor, quanto os demais plantonistas faziam questionamentos sobre a prática do estudante, facilitando assim que se processassem o acolhimento e a reflexão das experiências de atendimento no plantão.

No que diz respeito aos instrumentos, foram utilizados na colheita²² das informações os seguintes: a) Diários de bordo dos alunos; b) Anotações das observações de campo; c) Anotações das supervisões.

²²A pesquisa fenomenológica utiliza a palavra colheita e não coleta de dados por compreender que essa dimensão da metodologia não se dá de forma passiva como é amplamente utilizada pelas pesquisas metafísicas, ou seja, os dados estariam ali disponíveis e caberia aos pesquisadores apenas coletá-los. Isso, além de refletir uma relação sujeito-objeto (própria do pensamento metafísico), inviabiliza a compreensão de que o mundo se constitui para o *Dasein* (homem) como um fenômeno que se desvela em um processo cooriginário de produção de sentido e significado. Colher implica em uma relação de afetação mútua por uma possibilidade de desvelamento com aquilo que se deseja colher.

3.4.1 Diários de bordo

Os diários de bordo são comumente conhecidos e chamados pelas pesquisas etnográficas como diários de campo. Optamos por chamar de diário de bordo por intencionalmente quisermos dar uma maior ênfase ao seu aspecto experiencial, visto que não há separação entre sujeito e mundo, ou seja, de alguma forma, o pesquisador encontra-se a bordo da própria experiência na qual procura investigar aspectos singulares.

Nesses diários, foram relatadas as experiências de cada dia de estágio na DEAM, podendo esses conter trechos de intervenções, descrições sobre as ações ocorridas, mas, principalmente, podendo conter registros das afetações dos pesquisadores, sendo estes incentivados a amplamente registrar os aspectos que revelassem **como** (medos, angústias, alegrias, questionamentos etc.) se sentiam e como apreendiam essa experiência.

3.4.2 Anotações de observações de campo

As **anotações de observações de campo** dizem respeito aos registros de qualquer evento, palavra ou comportamento em específico, que ocorra na DEAM, que chame a atenção do pesquisador e que mereça uma anotação especial. As anotações, em comparação com os diários de campo, podem ser compreendidas como fotografias do que foi vivido, enquanto os diários seriam os filmes das experiências.

3.4.3 Anotações das supervisões

As **anotações das supervisões** possuem a mesma característica e finalidade das anotações de campo, porém se referem à supervisão de apoio psicológico. Por se darem em mais tempo do que as supervisões locais, reralmente essas anotações eram mais frequentes, pois auxiliavam na construção dos diários de bordo que a essas se sucediam.

Acompanhamos alguns atendimentos realizados pelos alunos estagiários e também realizamos alguns atendimentos com as mulheres usuárias das DEAMs. Logo em seguida aos atendimentos, foram realizadas anotações dos atendimentos dessas intervenções, procurando registrar o conteúdo das intervenções, bem como as nossas implicações no nosso atendimento.

3.5 A organização para análise e discussão dos achados da pesquisa

A **análise dos achados da pesquisa** se deu a partir da proposta metodológica Hermenêutica de Gadamer (1999,2002) e da fenomenológica da *Analítica do Sentido* proposta por Critelli (1996). Essa autora, partindo dos fundamentos ontológicos de Martin Heidegger e de Hanna Arendt (1906-1975), propõe, como uma orientação fundamental para a compreensão dos fenômenos, conhecer fundamentalmente o que constitui o próprio “olhar do pesquisador”. Dito de outra forma, “a analítica do sentido põe em andamento o que ela mesma tem que compreender [...] o movimento fenomênico do aparecer, o movimento de realização do real e o movimento de objetivação desse mesmo real” (Critelli, 1996, p. 135).

Nossa possibilidade de construção de conhecimento, a partir da analítica do sentido, passou pela abertura de nos colocarmos como mais um elemento constitutivo daquilo que é compreendido por fenômeno. Uma postura a ser considerada, nos vários momentos da pesquisa, foi a de interrogação sobre nossas próprias construções do que chamamos por realidade, pois essa só possui chance de se constituir pela relação cooriginária de nossa presença no mundo.

De acordo com Critelli (1996), há um movimento que deve ser considerado nos diversos momentos da pesquisa e passa pela manutenção dos seguintes eixos norteadores:

- Deve-se permitir a busca do sentido e significado que se faz/tem para os homens em seu estar-no-mundo-com-os-outros.
 - O sentido deve ser compreendido como um rumo, uma destinação, em que a estrutural fundamental do humano pode se desvelar (cuidado).
 - A partir do seu cuidar de ser, os homens vão constituindo uma trama do mundo por meio da qual se vão constituindo naquilo que efetivamente são.
 - Toda trama do mundo possui uma tessitura composta por uma arquitetura do mundo; os efeitos, gestos e discursos dos indivíduos em seu se relacionar com o mundo; e, por fim, uma forma de falar do mundo e de si (linguagem).
 - O real objetivado é aquilo que aparece como trama do mundo por meio do trabalho do homem em seu estar-no-mundo.

- O movimento de realização do real dá-se por meio de um movimento circular de emergência e desconstrução dos sentidos que surgem do cuidar de ser.
- A analítica do sentido volta sua atenção principalmente para aquilo de que se cuida; o modo como se cuida dele; o modo como se cuida desse cuidar.
- Deve ser uma especial atenção aos estados de ânimo dos homens no mundo.

A partir da proposta acima de descrição, compreensão e interpretação dos fenômenos, para Critelli (1996), tomamos as anotações de campo como um registro de nossa experiência da prática do plantão.

Assim, procuramos realizar a construção de um panorama das atividades do Plantão Psicológico desenvolvido nas DEAMs de Petrolina e Juazeiro, como possibilidade de compreensão de nossa experiência nesse serviço, articulando-a com as experiências dos alunos estagiários (diários de bordo e anotações de campo). Deu-se, por fim, um diálogo com autores que fundamentam a prática do plantão a partir da perspectiva da Psicologia clínica fenomenológica existencial, sendo construído um texto final.

O diálogo com diários de campo e demais registros se efetivou por meio de suas leituras sistemáticas. A partir dessas leituras, foram-se constituindo algumas compreensões sobre a prática do plantão. Essas compreensões foram sendo testemunhadas através de perguntas com os estagiários sobre o que eles achavam do que havia emergido no processo de compreensão das experiências. Os alunos

concordavam ou discordavam, principalmente nos momentos de supervisão, nos quais se foi delineando uma fusão de horizontes na qual o produto final, a compreensão sobre a ação clínica, foi-se configurando de forma consensual.

4 PLANTÃO PSICOLÓGICO NA DEAM: A EXPERIÊNCIA DE SER NA CLAREIRA E ACONTECÊNCIA DO CUIDADO

A partir da análise hermenêutica do *corpus* da pesquisa, lançamo-nos na perspectiva de tentar construir, por meio de um contexto dialógico, novas compreensões sobre a prática do Plantão Psicológico desenvolvida nas DEAMs de Juazeiro e Petrolina.

A partir desse contexto, a prática do plantão se deu como experiência única e indissociável. Porém, para nos ajudar na comunicação daquela, iremos trabalhar três temáticas que emergiram como pontos convergentes da fusão de horizontes, ou seja, em nossa interpretação foram-se delineando três dimensões do plantão: 1) Plantão Psicológico na DEAM: uma práxis para além da técnica; 2) Linguagem e plantão: na clareira e desvelamento do ser-no-mundo; e 3) Uma planta grande: um *ethos* na acontecência do cuidado. Essas dimensões se desvelaram como matrizes aglutinadoras das diversas facetas do plantão.

Nosso diálogo inicia-se em cada uma das matrizes com um diário de bordo na íntegra contendo elementos significativos que serão articulados com alguns teóricos que nos ajudam a promover uma tessitura sob a forma de novos horizontes compreensivos.

4.1 Plantão Psicológico na DEAM: uma práxis para além da técnica

Acabo de chegar da delegacia... Ainda estou me sentindo tensa e vim refletindo sobre essa sensação no caminho até minha casa. Acho que não são as histórias exatamente que mexem comigo a ponto de me deixarem com esse peso que estou sentindo, mas sim o clima existente no momento dos atendimentos. É um clima pesado, tenso, meio angustiante. Hoje teve um momento em que me segurei para não chorar, pois a mulher estava tão mobilizada... É difícil explicar, acho que tem muito a ver com a questão da afetação mesmo... Sem querer, acabo de certa forma sofrendo junto com a pessoa, sentindo o que ela está sentindo. Procuo não absorver, penso e repenso sobre a questão da reserva, da presença reservada, do movimento pendular de ausência e presença. Já não tenho mais o desejo de fazer algo pela pessoa que não seja acolhê-la, escutá-la e propiciar a ela um momento de produção de sentido e significado. No entanto, o que escuto ainda mexe comigo, me deixa um pouco triste, faz eu me sentir tensa, com dor nos ombros e nas costas, como se no momento em que eu escutasse aquelas pessoas, eu passasse a carregar o peso da vida delas em minhas costas também. São muitas histórias, e eu, tão nova, não consigo deixar de me perguntar por que o mundo é assim... por que tantas injustiças, tanta crueldade.... Por que uma cultura tão perversa e machista.... Por que mulheres tão arredias e submissas? Por que homens tão cheios de si e violentos? Por que crianças inocentes precisam em seus primeiros momentos de existência no mundo já vivenciarem tantos conflitos... Eu sei que não vou encontrar resposta para isso e nem vou mudar a vida de ninguém, tampouco modificar de uma hora para outra essa cultura. Também venho pensando que a "reserva" não é aprendida em textos ou em aulas teóricas. E o que quero agora é construí-la paulatinamente, tendo consciência do que sinto ao atender aquelas pessoas, sem vergonha ou

medo de expor o que está se passando em mim nesse momento. Sei que estou quase me formando e que eu já deveria ter uma postura mais amadurecida diante da prática, mas acho que só agora estou tendo a oportunidade de a partir de uma vivência concreta da prática, amadurecer. E não passa pela minha cabeça desistir, recuar, me esconder sob falsas ilusões, nem nada do tipo como uma técnica milagrosa. Eu vou passar por tudo isso sabendo que estou aprendendo e que, por enquanto, é natural sentir o que estou sentindo agora. Não estou prestes a surtar, nem deprimida ou algo do tipo, apenas tocada pela experiência dos outros. (Plantonista 3)

O momento de estágio nos diversos campos de atuação da Psicologia se constitui geralmente como momento de expectativas e descobrimentos. No caso do Plantão Psicológico, com sua dinâmica própria de atendimento em situação de crise, parece remeter aos plantonistas uma vivência intensa do inusitado, do novo, pois ter que lidar com o novo passa a ser a regra geral encontrada no cotidiano institucional.

O Plantão Psicológico, enquanto lugar de emergência do novo, foi trabalhado por Chaves e Henriques (2008), principalmente no âmbito das clínicas-escola. A potencialidade do plantão como uma nova prática que auxilia na democratização do acesso ao cuidado em saúde mental é ressaltada como uma de suas singularidades.

No mesmo sentido, Papareli e Nogueira-Martins (2007) fazem uma reflexão sobre os impactos do plantão psicológico na formação dos alunos estagiários de Psicologia. Indicam em suas pesquisas que os plantonistas iniciantes descrevem experiências nas quais se encontram sensações como ansiedade, medos, satisfação e crítica. Nota-se mais claramente que, mesmo em contextos diferentes, a prática do plantão remete inexoravelmente ao inusitado; há a presença do novo

como algo constante demandando ao plantonista outras formas de atuação frente ao desconhecido.

Entretanto, em nossa experiência, além da presença do inusitado, há uma singularidade com relação ao *locus* de acontecimento do plantão que parece fazer uma diferença fundamental, a saber: a violência. Parece-nos que, por ser DEAM e estar imersa em um contexto em que a violência encontra-se presente, promove diferenciações com relação a outras práticas já realizadas (a exemplo de clínica-escola, Batalhão de polícia etc.).

Faz-se necessário salientar que, apesar de ser a compreensão da experiência da prática do plantão nosso foco de análise, a violência atravessa todas as formas de experiências vividas na DEAM, tanto para as mulheres quanto para os funcionários policiais e também para os plantonistas.

Já afirmamos, em outro momento deste trabalho, que nossa entrada na DEAM não se deu a partir de uma demanda dirigida pela instituição; pelo contrário, a universidade é que procurou a DEAM para que pudesse inserir alunos estagiários.

Ao iniciarmos o estágio, o estranhamento foi sentido por ambas as partes, ou seja, tanto pelos estagiários quanto pelos profissionais da DEAM. Contudo, com o passar do tempo, começaram a emergir queixas recorrentes endereçadas aos plantonistas pelos profissionais da DEAM, tais como: cansaço, falta de energia, desmotivação em trabalhar naquele local etc. Essas queixas foram trazidas para a supervisão e fomos clareando-as, no sentido de compreender que profissionais também estavam demandando atendimentos, o que aos poucos foi sendo realizado.

Assim, podemos compreender que a violência se fez presente tanto para as mulheres – que traziam, muitas vezes no próprio corpo, as marcas de sua negação

como ser humano – quanto pelos estagiários, que, ao não encontrarem pré-formatada uma receita do que fazer, se angustiavam diante do “não-saber”; por fim, também pelos policiais, pois sinalizavam claramente que não aguentavam mais “ouvir cotidianamente” os relatos de dor, sofrimento e negação por parte das mulheres.

A forma inicial como esse mal-estar se desvelou para os plantonistas, sobretudo por se situarem em um ambiente fortemente marcado pelo atravessamento da violência, deu-se pela multiplicidade de fenômenos psicossomáticos, como, por exemplo, cansaço muscular, esgotamento e, principalmente, por um **sentimento de impotência**.

Na hora eu não me abalei, apesar de ter sido um depoimento inusitado, mas consegui me manter tranquilo durante todo o depoimento da sofrente. No meu caso específico, o abalo maior veio pós-depoimento, ao longo do dia. No qual aconteceu uma coisa estranha, comecei a ficar sem fome e me senti triste mais do que o habitual, era uma tristeza para mim sem explicação aparente. Além disso, tive insônia à noite. Depois, analisando meu comportamento, fui ver que o meu mundo interior estava apenas tendo um reflexo do mundo externo, daquilo que tinha acabado de ouvir da vítima na DEAM. (Diário de bordo, Plantonista 5)

É muito difícil me deparar com situações de desigualdade de “forças” nas quais os “mais fortes” não têm o menor constrangimento em maltratar, humilhar, ferir ou tentar reduzir ao nada a parte mais fraca. Não me importa o motivo, mas me revolta saber que em uma situação, qualquer que seja ela, oito pessoas se unem para agredir apenas uma. Sinto-me impotente diante desse contexto. (Diário de bordo, Plantonista 1)

Assim, utilizando-me da última frase dessa mãe, concluo esse diário, pois foi através dela que pude apreender melhor a

magnitude do problema que as mulheres violentadas enfrentam. Elas sofrem por serem decepcionadas por aqueles que as mesmas escolheram para dividir suas vidas, compartilhar suas conquistas; sofrem também por decepcionarem suas famílias ao permanecerem em uma relação de submissão e violência e sofrem ainda mais por terem consciência da situação de violência em que vivem, mas não conseguem reconhecer/admitir que aquele relacionamento perfeito que pensavam viver era, exclusivamente, fruto de sua imaginação. E como é difícil dar adeus a um sonho! Há um sentimento de impotência permeando tudo isso, inclusive em mim. (Diário de bordo, Plantonista 4).

... a maior dificuldade do plantão é essa sensação de impotência. Não é fácil você sustentar um „meu Deus não tenho mais nada para falar“. Aí nós aprendemos com a experiência a isso a ter que lidar com essa situação. (Plantonista 6)

O sentimento de impotência merece destaque, pois, em nossa experiência nas DEAMs, essa foi uma questão com a qual convivíamos praticamente em todos os momentos. Para os plantonistas, esse sentimento foi-se constituindo como uma espécie de tonalidade afetiva que lhes afetava significativamente, para alguns de maneira mais explícita. Todos registraram isso em seus diários de bordo ou relataram em situação de supervisão. O fenômeno da impotência se transformou em um componente do plantão que nos ajudou a compreender os processos de implicação dos plantonistas que se apresentaram por meio de movimentos de aproximação e distanciamentos das experiências de violência vividas no estágio.

A experiência do plantão nas DEAMs remete-nos a compreender a existência de duas questões centrais envolvidas no sentimento de impotência vivido no atendimento: a primeira diz respeito à facticidade do *lócus* do plantão (DEAM); a

segunda corresponde ao entrar em contato, a partir da relação que se estabelece no plantão, com nossa condição existencial de abertura (Ser-aí).

Nesse sentido, Braga (2009) nos lembra de que não podemos olhar para o humano de forma isolada de seu contexto, pois o lugar no qual se desenrolam as cenas de vida é constitutivo também para possibilidade de compreensão de como se dão seus sofrimentos.

A compreensão do sofrimento humano a partir de uma articulação com o contexto social e a investigação fenomenológica, pautada na possibilidade de os sujeitos dizerem a si mesmos, propõe uma transformação das práticas que não se restringe mais ao cuidado clínico de um sujeito específico em sua individualidade, mas que deve considerar o cuidado na compreensão das relações sociais produtoras de sofrimento. (BRAGA, 2009, p. 371)

De acordo com a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra a Mulher (PNVM), implementada no Brasil a partir de 2003, as DEAMs se transforma em um dispositivo importante para acolhera mulher em situação de violência, ao mesmo tempo em que garantiram as condições básicas para o registro das agressões e encaminhamentos para outros dispositivos (a exemplo de casa-abrigo, centro de referência, IML etc.). Na prática, as DEAMs, por já existirem mesmo antes da implementação dessa política, concentraram a função de “porta principal” de entrada da mulher na rede de apoio e promoção de cidadania.

Uma das consequências desse contexto diz respeito à ambiguidade existente nos atendimentos realizados pela instituição, pois, mesmo responsável pelo primeiro acolhimento da mulher em situação de vulnerabilidade, principalmente nos lugares em que não há nenhum outro dispositivo de rede de apoio, o

papel da DEAM resume-se ao serviço de registro de queixa, ou seja, há uma escuta comprometida com a obtenção de dados objetivos para instrumentalização das peças judiciais. As mulheres que procuram as DEAMs, ao final do atendimento policial, saem com as mesmas angústias que as fizeram procurar a instituição.

Nesse contexto, os profissionais policiais que trabalham nas DEAMs não possuem a incumbência prevista na legislação, nem mesmo a preparação técnica para acolher as mulheres em suas demandas existenciais. Assim, não conseguem ir além do que é necessário para o encaminhamento do caso para a justiça. Em nossa experiência, foi possível percebermos que, muitas vezes, as mulheres não procuravam a delegacia para promover a prisão dos maridos, mas sim para que a polícia pudesse “fazer pressão” para que seus companheiros abandonassem o álcool, e/ou outras drogas, e fossem “menos violentos”, ou ainda, que os policiais dessem “conselhos”.

A DEAM, enquanto *lócus* de atendimento às mulheres, parece também se transformar de certa forma em lugar de sofrimento, pois não acolhe o sofrimento dessas em sua dimensão psicossocial. Há também na delegacia demandas dirigidas aos policiais para que exerçam habilidades e competências (por exemplo, fazer uma escuta e acolhimento de dimensões do sofrimento psicossocial) as quais não se encontram aptos a realizar. A delegacia se torna, assim, um espaço para realização do plantão psicológico no qual este se dá sob a égide de um clima tenso ou pesado, como nos dizem alguns plantonistas:

Hoje o dia foi carregado, se na semana passada o plantão foi um pouco mais tranquilo, esse foi o inverso. Logo no começo atendemos uma mulher que fora agredida pela suposta amante

do seu marido e já na recepção, a senhora agredida falava muito, se mostrando revoltada e perplexa com a situação de violência que sofrera, chegando a nos mostrar as marcas da agressão sofrida (Plantonista 5).

Ao chegar à delegacia hoje não tinha nenhum movimento até então, parecia que iria ser um dia calmo, mas só aparência mesmo. Logo chegaram dois flagrantes, um e logo depois o outro. A delegacia ficou cheia de policiais militares que trouxeram os dois homens. O primeiro caso foi de pedofilia. O suspeito abusou de três meninas em que a mais velha não passava de 8 anos, sendo que duas dessas crianças eram irmãs e a outra mora na casa vizinha. São coisas como essas que faz perceber que a delegacia é um lugar muitas vezes pesado para se estagiar... é um lugar bastante tenso (plantonista 3).

Nesse contexto, a DEAM parece constituir também parte do processo de implicação presente nas ações do plantonista durante a realização do plantão. As demandas são dirigidas aos plantonistas e estes, de alguma forma, as respondem. Encontramos, justamente nessa relação, a segunda dimensão envolvida na vivência da sensação de impotência, a saber: a experiência de o plantonista entrar em contato com sua própria condição existencial de ser abertura (*Dasein*), pois nos encontramos, desde sempre, lançados na condição de ser-no-mundo-com-os-outros. O que parece ser importante como dispositivo para análise dessa modalidade de prática psicológica, sobretudo se refletirmos que aqueles são descentramentos, são as tensões e os mal-estares, pois se transformam nos subsídios primeiros a serem analisados.

Braga & Custódio (2009, p. 109) nos indicam que “a prática do Plantão Psicológico em instituições implica remeter-se à perspectiva de crise e desamparo, considerando-a condição e bússola”. Assim, há, nessa prática, um enfoque inicial

em valorizar a abertura para construir uma relação com-o-outro, para, a partir dessa, compreender como os mal-estares se desvelam em seu existir.

A prática do plantão na DEAM foi-se desvelando por meio da experiência da violência vivida pelas mulheres, sobretudo a partir dos seus relatos em situação de acolhimento com os plantonistas. Isso também fez com que entrassem em contato com sua própria condição de abertura existencial, de um dar-se conta do próprio desamparo frente à sua existência. Esse dar-se conta do seu desamparo parece ser constitutivo do atendimento na delegacia, pois sua dimensão institucional se torna um elemento importante para que os plantonistas se ponham em disposição para o plantão, mesmo que, muitas vezes, fossem capturados pela emotividade intensa, que dificultava a eles um movimento de distanciamento daquela situação.

disponibilizar atenção e cuidado implica ser capturado afetivamente para poder compreender a experiência do outro e reapresentá-la comunicável a ele, abrindo, assim, possibilidades de ressignificá-la para criar sentido (Cautella Jr., Morato, Nunes, & Braga, 2006, p. 85).

Na DEAM, compreendemos que a prática do Plantão Psicológico não pode ser objetificada em forma de um manual ou qualquer outra prescrição técnica instrumental que a feche em um modelo pré-formatado. Pelo contrário, foi a disponibilidade, o poder vivenciar a abertura à experiência que se fizeram presentes em todas as narrativas dos colaboradores. A questão importante da interação no Plantão Psicológico está no descentramento de uma racionalização teórica explicativa para um enfoque mais ético-existencial, de um jeito de estar-no-mundo, ou seja, o Plantão Psicológico não se dá a acontecer na delegacia quando o

plantonista está em-si-mesmo, ou quando se está preocupado com a técnica ou uma teoria explicativa.

O encontro na modalidade do Plantão Psicológico se constituiu em um contexto no qual estávamos implicados por inteiro, em nosso próprio ser-aí (*Dasein*), ou seja, no mundo. Os sentidos que emergem no Plantão Psicológico não emergem a partir do nada, o contexto da DEAM em que a violência se faz presente constitui-se também nessa modalidade.

A DEAM, enquanto *lócus* em que se dá o plantão, faz a diferença no fazer-saber dessa prática, pois influencia na forma como nos envolvemos com o plantão. Esse último foi apreendido como experiência intensa, na qual a violência atravessou todos os momentos das relações, tomou forma de sentimento de um ser arrasado constantemente.

Aqui se faz necessário um esclarecimento quanto ao nosso uso do conceito de relação, pois utilizamos a ideia de relação no sentido empregado por Heidegger (2001), no qual

Não se pode perguntar por um „portador“ do relacionamento, o relacionamento porta-se por si só [...] o „quem“ eu sou agora só pode ser dito por esta estada e, na estada, está ao mesmo tempo sempre também aquilo com o que eu estou e com quem e como eu me relaciono com isto. (p. 183)

Assim, nossa relação com o outro no plantão se dá afetadamente. O sentido da palavra “arrasar” remete a devastar ou varrer um lugar, um contexto ou situação. Isso parece ter sido sentido pelos plantonistas como violência. Inclusive, em alguns

momentos, os plantonistas se questionaram sobre a violência da própria prática do Plantão Psicológico.

A reação ao impacto do depoimento da sofrente, só fora fazer efeito em mim horas depois. Era a primeira vez que eu tinha feito um Plantão Psicológico e pensei comigo: Será que esse estágio vai ser sempre assim? Vale a pena continuar em um estágio que traga esse sofrimento para mim? É isso que quero? A escolha foi certa? Me veio uma insegurança em relação a escolha que fiz no meu estágio (Plantonista 5).

Esse relato parece nos indicar que há para os plantonistas um se deparar com o seu aberto, o seu ser-aí, pois se apreende-no-mundo, instigado a se pôr em movimento em busca por outros sentidos e significados por meio da angústia que se apresenta em forma de perguntas e inquietações.

O plantonista, permitindo-se ser afetado pela angústia, enfim, arrastado e remexido por uma espécie de “onda” de sensações e emoções, vai constituindo disponibilidade para se encontrar em trânsito; dito de outra forma, de poder ir e vir em um espaço experiencial com a disposição do movimento de tessitura com o outro na busca pelo sentido da experiência. Essa configuração parece ser suficiente para não se deixar levar pela destruição da intensidade da experiência, atravessada pela violência, com o outro e, concomitantemente, poder ir fazendo desse desassossego uma experiência nova, essa, sim, marcada pela sintonia do acolhimento e cuidado.

Por outro lado, parece-nos que o plantonista que não conseguiu se abrir para um colocar-se aberto em sua própria existência ficou em dificuldade maior no exercício da prática do plantão²³. Assim, essa parece ser uma forma importante de

²³Isto se desvelou para nós a partir de nossos encontros com a orientadora desta tese, pois fomos surpreendidos com a seguinte reflexão: “tudo depende de como o plantonista se coloca diante de sua própria vida. Isso vai influenciar na forma de estar no plantão com o outro”. Essa afirmação

compreensão do plantão, principalmente quando colocamos em reflexão nossa experiência, pois o essencial é refletir o **como** e o **quê** da afetação.

Dessa forma, a postura de nos afastar de uma racionalização técnica da prática, na qual somos cobrados por uma ação de especialistas, exige-nos uma forma de se colocar frente ao fenômeno na qual já somos *a priori* detentores do saber sobre o outro.

O Plantão Psicológico, como modalidade da prática, em nossa experiência na DEAM se desvelou de maneira antagônica à universalização positivista. Tornou-se viável compreendê-lo como uma modalidade da prática ao mesmo tempo singular e coletiva. Singular, porque se dá a partir de um contexto específico em uma relação única com o fenômeno. O sentido da prática se desvelou para aquele plantonista que se abriu para a relação singular com a pessoa em sofrimento a partir daquele contexto. Isso faz com que não possamos pensar em construir manuais de procedimentos técnicos sobre o plantão ou fazer generalizações comumente encontradas no campo da Psicologia científica, principalmente difundidos pela perspectiva positivista.

Entretanto, fazer do plantão uma técnica, aqui entendida no sentido moderno, seria desconsiderar que se constitui como modalidade coletiva, pela condição de solitudine (ser-com) na qual nos encontramos no mundo, habitado por outros como nós, que também demandam por sentidos. Assim, podemos pensar a prática do plantão como ação criativa (*poiésis*) que vai transformando, por meio de sua própria trajetória, os sentidos e significados daqueles que nela se encontram, pois se dá

reverberou em nós e nos fez compreender a relação intrínseca do fazer com o saber. Aqui o fazer é entendido heideggerianamente, como nossa ação cooriginária com o mundo, nossa forma de atuar nele e a partir dele, ou seja, em uma afinação direta com o nosso próprio ser-no-mundo

como tessitura em um percurso temporal, dá-se durante uma dada temporalidade histórica.

A dimensão coletiva do plantão vai-se instaurando à medida que, em uma relação dialógica, se vai construindo a compreensão sobre o que ali se passa. Nessa dimensão, não pode caber sob a égide do saber de especialista a tarefa de dizer da experiência do outro, não cabe ao plantão dar diagnósticos ou dizer da verdade do outro. A verdade se constitui no plantão como *alethéia*, como desvelamento em uma relação existencial mútua.

Almeida (2005) nos ajuda a olhar para essa dimensão da prática quando nos indica que se manter no movimento de abertura/ocultação, transitando em seus graus de maior a menor abertura, parece ser fundamental para lidar com a dimensão da solicitude como liberdade. Nesse contexto, colocar-se em aberto corresponde a estar disponível a partir de uma relação de ser-com, pois o plantão dá-se pelo testemunhar (Critelli, 1996) de um dizer-com-o-outro, fazendo dessa prática uma ação clínica para além da técnica moderna.

Portanto, uma questão fundamental do Plantão Psicológico na DEAM parece ser mais do que simplesmente dar conselhos ou explicar as facetas da violência na experiência do outro. A forma como nos encontramos no plantão nos faz ter uma relação com a violência que se distingue de outras experiências cotidianas. Pois, assim como algumas questões fundamentais da existência (exemplo: finitude, amor, ética), a relação com a violência dá-se de forma intensamente diferente, em seu cerne, como o próprio termo latino nos remete – *violentia*, ou seja, exercício da força sobre o outro, encontra-se o desconsiderar a dimensão de alteridade na relação

existencial, encontra-se a tentativa de anulação do outro em seu modo de ser-com, restando uma experiência de uso, daquilo que é útil e passível de ser descartável.

Ter a perspicácia de não se deixar levar pela dimensão do útil em uma relação, será fugir da dimensão da técnica, tal como concebida por Heidegger (2001),

O mais útil é o inútil. Experienciar o inútil é o mais difícil para o homem moderno. O „útil“ é compreendido aqui como o que pode ser praticamente utilizado, diretamente para fins técnicos, para aquilo que causa algum efeito, algo que eu possa administrar e com o que eu possa produzir. Deve-se ver o útil no sentido daquilo que *cura* [*Heilsament*], isto é, como aquilo que conduz o homem a si mesmo (p.182).

A prática do plantão na DEAM constitui-se uma ação clínica (Barreto, 2006), pois parece indicar uma disposição para clarear com o outro os sentidos que este dá às suas experiências com a violência.

Nós como plantonistas estamos ali justamente para futucar, para mexer até ela conseguir se reconhecer que pode se movimentar.. se movimentar não é ela sair do relacionamento apenas. Diz dela se empoderar, a mulher quando não está se movimentando se ente impotente. (Diário de Bordo, Plantonista 7)

A partir do plantão podemos compreender que há, para as mulheres, possibilidade de se acolher naquilo que pede passagem, sobretudo por meio do seu testemunho, pelo seu dizer e isso parece trazer bem-estar. Dessa forma, fomos entendendo que as queixas iniciais foram se transformando em outras questões mais próprias de sua existência, questões que se tornavam impregnadas pela

angústia. O plantão, nesse contexto, consiste em clarear com o outro essas questões que se apresentam no movimento de trânsito entre o ôntico e o ontológico.

Eu acho que é isso o movimento... o que faz toda diferença para essa mulher é se movimentar. Ela sair desse lugar estático porque todo mundo está ali para saber o que tinha acontecido de fato, saber sobre o acontecido da violência mas ninguém questionava outras coisas. E até as mulheres se surpreendiam com isso porque quando iam falar não era isso que importava para os policiais mas sim os fatos. Sinto que elas tinham a necessidade de falar do que era mais além daquilo a violência factual... não que a violência fosse menos importante mas falar de algo que parece que tava ali e ninguém a ouvia. Conseguir fazer movimentar essas coisas outras que estava ali e não era o fato fez para mim hoje toda diferença. (Diário de Bordo, Plantonista 7)

Assim, compreendemos que o plantão na DEAM, atravessado pela violência, leva tanto o plantonista como o usuário a uma perspectiva de defrontar-se com a angústia existencial. A forma como isso é experienciado dá-se pelo sentimento de cansaço físico e impotência, ou, dito de outra forma, como impossibilidade ou perda da liberdade de poder ser. Na experiência da DEAM, o plantão não se deu como uma técnica, mas como uma atitude de se abrir ao fluxo de sentimentos que emergem de uma relação experiencial com aquele em situação de sofrimento.

Acho que é uma abertura. Abertura ao novo aquilo que não tem sido mostrado, de entrar no movimento de apropriação. Não é uma técnica... é estar disponível para o outro... é estar em relação com o outro. É obvio que não há uma receita, penso que um plantão não dá certo quanto não há essa abertura. Há de se ter respeito ao espaço, limite do outro, não o seu. Quando vc está em relação no plantão você deve respeitar o espaço da pessoa, deixar brotar o que vier na relação e acolher o que vier. O plantão é um modo de ser. (Diário de bordo, Plantonista 3)

Ao considerarmos o plantão um fazer que se dá no mundo do humano, ou seja, como *um modo de ser*, podemos também nos pré-ocupar com os momentos na relação do plantão em que o outro é objetivado em um rótulo, em uma visão cristalizada na qual não se encontram espaços para transformação. O Plantão Psicológico na DEAM, em sua dimensão prática, legitima um fazer-saber em que a experiência com o fenômeno da violência parece nos alertar a cada instante para nossa condição existencial de ser-no-mundo-com-os-outros, pois será sua ação em experiência que delineará os contornos do conhecimento que ali emerge.

No entanto, ao enveredarmos para conceber a prática do Plantão Psicológico dessa forma, devemos atentar para não transformá-lo em uma mera ação utilitarista que faz “desabafar” o homem em seu “caldeirão” de angústias contemporâneas. Nesse contexto, podemos ainda cuidar para que o plantão não seja triagem e forma de atendimento para que se dê andamento às significativas filas de pessoas que esperam por atendimento em instituições públicas.

Entendido dessa forma, optamos por, a partir desse momento, chamar não mais de prática, mas sim de “práxis”, o fazer do plantão na DEAM. Essa mudança se dá no sentido de reafirmarmos a condição ontológica na qual se dá essa forma de atenção psicológica. Morato (1999) lembra-nos que a ação do psicólogo se dá em uma região de fronteira, ou seja, estar nesse lugar fronteiro nos remete a reconhecermos aquilo que nos é próprio daquilo que ainda não se apresenta como conhecido.

A ação é entendida como fonte de significado da vida humana, a capacidade de se começar algo novo, que permite ao indivíduo revelar a sua identidade [...] aparece como a inquietude, contrapondo-se à vida contemplativa (*theoria*), que visa garantir o eterno, a imortalidade [...] ação como processo, diz respeito à experiência humana real, que se realiza no percurso, ou seja, em trânsito pela vida. Portanto, **práxis** refere-se aos negócios humanos, à finitude, e não ao lugar da atividade política, no sentido usual do termo (Morato, 1999, p. 85).

Portanto, podemos compreender que o estranhamento sentido pelos plantonistas na experiência de atendimento principalmente às mulheres que sofreram violência, no contexto da DEAM, se refere às condições reais do fazer-saber psicológico. O sentimento de desamparo, remetido muitas vezes como impotência, torna-se também condição para o exercício da práxis do plantão, como “convocação do profissional como ser humano a experienciar e agir, conforme as condições de sua humanidade” (Morato, 1999, p. 84).

Com o decorrer do tempo, parece que os plantonistas foram conseguindo ultrapassar a demanda inicial por uma técnica norteadora para sua prática e se alicerçar mais na experiência advinda de sua relação com aquele que se encontrava em situação de crise em sua frente. Aqui reside a dimensão *poiésis* do plantão, ou seja, em contato com a experiência de sofrimento advinda da violência, foi possível colocar-se de outra maneira frente a essa violência, na qual emergiram novas formas de lidar com esse sofrimento, novos sentidos e significados se foram constituindo enquanto eram testemunhados em uma dimensão da relação de solícitude (ser-com).

Assim, a práxis do plantão que foi se desenvolvendo na DEAM se aproxima de um fazer como *tékhne*. Essa palavra de origem grega remete à ideia de um saber que se alicerça “como um modo de desocultar, como aquele saber que produziu esculturas e edificações e instauraram um padrão de beleza e harmonia duradouro para o ocidente” (Duarte, 2009, p. 209), ou seja, como um fazer artístico advindo de um saber tácito (experencial).

No sentido de compreender a experiência do Plantão Psicológico na DEAM, iremos contextualizar o sentido da linguagem nessa construção e o que essa tem a ver com a noção de clareira proposta por Heidegger (2001), pois nos parece que, nessa articulação, se pode fundamentar uma relação estabelecida no plantão como forma de cuidado.

4.2 Plantão como linguagem: clareira e desvelamento do ser-no-mundo

Hoje um dos agentes se dispôs a sentar-se conosco e discorrer um pouco sobre seu cotidiano no trabalho, suas impressões sobre as vítimas que chegam à delegacia para prestar queixa, sobre a imagem que as pessoas fazem do policial e as consequências da natureza do trabalho e sobre sua vida. Relatou que os homens, em sua opinião, não são os mais indicados para receber as vítimas que vão prestar queixa, pois não têm paciência para ficar ouvindo toda a estória das vítimas; para ele, os homens são práticos e objetivos e focam diretamente na solução dos problemas e não na trama que desencadeou a queixa em si. Deixou bem claro que esse tipo de trabalho é para as mulheres; assim, reproduziu uma concepção machista que defende que ao homem cabe agir e não “perder tempo” com conversa. Falou também que se sente impelido pelo próprio imaginário social, no que se refere ao papel do policial, a agir de forma repressiva diante dos acontecimentos para justificar sua função social, e que muitas vezes se vê obrigado a agir com maior altivez para não ser

desmoralizado enquanto profissional de segurança pública perante a própria população e aos colegas de trabalho que destacam em outras unidades (que não são especializadas no atendimento ao público feminino). Percebi com esse discurso que a opinião dos demais colegas da corporação quanto à importância do trabalho desenvolvido pelos profissionais da DEAM exerce grande influência nas ações destes últimos e nas suas representações quanto ao lugar que as vítimas de violência doméstica ocupam. O agente com o qual realizamos o plantão disse que os policiais da DEAM são rotulados pelas outras unidades como aqueles que nada fazem ou os que resolvem exclusivamente problemas entre casais. Acredito que o desmerecimento dos demais policiais quanto ao trabalho dos policiais da DEAM, além de poder ser encarado como a reprodução de concepções preconceituosas quanto às mulheres que se encontram em situação de violência (pelo não reconhecimento da magnitude do problema e da necessidade de órgãos especializados para lidar com essa problemática), faz com que esses profissionais projetem, ainda que inconscientemente, suas indignações na figura das vítimas, agindo muitas vezes de forma grosseira com elas. E então eu penso como é possível cobrar que o policial da DEAM tenha uma atitude diferente (de acolhimento e escuta) frente às mulheres violentadas se ele vivencia, no próprio ambiente de trabalho, uma realidade compartilhada pelos seus pares que legitima essa relação de supremacia masculina ante a mulher? Durante o discurso do agente não pude me manter a parte dessa realidade enquanto mulher, profissional de segurança pública e estagiária de Psicologia. Ao mesmo tempo em que eu reprovava (intimamente) a justificativa dele quanto à qualidade dos atendimentos dispensados às vítimas por parte do policiamento masculino eu também conseguia entender as dificuldades enfrentadas por esses policiais no seu cotidiano, desde o contato constante com a violência até as cobranças da instituição quanto ao cumprimento das normas, metas, sem falar do peso das relações de poder. Ou seja, a instituição também atua como promotora de violência para os servidores no momento em que fecha os olhos para as necessidades destes, para seu bem-estar físico, financeiro e emocional. Um lugar onde o profissional passa grande parte do seu dia deve promover minimamente condições que possibilitem uma convivência mais agradável e harmoniosa entre os profissionais, para que estes, ao chegarem às suas casas, não tenham como única opção a reprodução de toda a violência que presenciou durante seu turno de serviço. Para manter a saúde de suas relações familiares o sujeito de nosso plantão disse ter desenvolvido um mecanismo de defesa que o

possibilita a conviver de maneira menos danosa com situações de violência vivenciadas por ele durante o expediente: a VEDAÇÃO - processo através do qual, segundo ele, grande parte do que foi vivenciado é “apagado”. Particularmente, não acredito que diminuir a zona de contato com a situação de violência (se é que é possível conseguir tal feito!) seja a melhor forma de se trabalhar a influência da violência na vida pessoal do profissional de segurança pública; para mim, isso soa mais como uma negação da existência do problema do que, verdadeiramente, uma forma de resolvê-lo, sem contar que isso pode causar graves conseqüências à vida do indivíduo. Jogar a sujeira para debaixo do tapete não a elimina, apenas a esconde por algum tempo. Assim, julgo importante não só a atenção direcionada às vítimas de violência doméstica, mas também aos profissionais que lidam com tal realidade. Falar sobre a violência ajuda a lidar com ela mesmo que não modifique a realidade em si, pelo menos modifica como nós nos sentimos perante essa realidade. (Diário de Bordo, Plantonista 4).

No final desse relato, a plantonista nos faz pensar sobre como, no cotidiano de uma DEAM, plantonistas, policiais e, principalmente, mulheres em situação de violência, se mobilizam para que algo possa fazer sentido em suas vidas. Especificamente quanto às mulheres, em muitos casos, logo após a denúncia na DEAM, voltam para conviver sob o mesmo teto com o agressor e nas mesmas condições de violência que a levaram à procura de ajuda. Ao refletirmos sobre o relato acima, entendemos que mudar a realidade diz respeito a mudar como compreendemos e agimos sobre ela, mesmo que as condições concretas (ônticas) não se transformem com a mesma velocidade. Afinal, na dimensão ôntica do cotidiano, o que fazemos todos os dias nas DEAMs? Procuramos conversar, produzir uma relação dialógica na qual pudéssemos nos comunicar com as pessoas.

Há na proposta do plantão o objetivo de instaurar uma forma diferente de conversar. Isso implica em uma aposta na possibilidade de fazer desse diálogo outras formas de con-vers-ações. Esse versar-com inclina os envolvidos num estado

de atenção no qual os seus olhos e ouvidos se abrem, assim como todo seu estar-no-mundo, para outras compreensões sobre poder ser si mesmos. Nunes (2001), inspirado em Heidegger, lembra-nos que não se pode fugir da condição de copertença no mundo:

Quem diz *Dasein* também diz ser-no-mundo, e quem diz ser-no-mundo também diz ser-com-o-outro. E se posso afirmar que o *Dasein* é, em cada caso, meu, cabe-me igualmente afirmar, do ser com-o-outro que se alia ao *Dasein* ou a ele se acha copresente, concretizando, mesmo quando este alcança o autêntico si-mesmo (*das eigentliche Selbst*), um estar de companhia [...] (Nunes, 2001, p. 56).

Nessa perspectiva, existir para o humano compreende um modo de ser-no-mundo-com-os-outros. Afetar e ser afetado se dão também pelo diálogo que mantemos conosco, com o mundo e com os outros que nos demandam ou solicitam de nós formas de relacionamentos que impliquem em nosso estar por inteiro. Podemos compreender que, a partir dessa leitura ôntica/ontológica, o plantão é uma forma de relação que se estabelece por meio de um diálogo entre o plantonista e outra pessoa, ou conjunto de pessoas, em situação de crise.

Vale ressaltar que o fio condutor do Plantão Psicológico na DEAM é sua própria experiência. A partir dessa, temos que buscar compreender os sentidos envolvidos na práxis do plantonista. A práxis do plantão se desvela aos poucos, sem se entregar por completo, mais especificamente, vai-se constituindo na temperança da criação e desconstrução de atitudes em diversas relações e espaços dialógicos testemunhados e refletidos singular e coletivamente. Vejamos uma de nossas anotações a qual nos aponta esse tipo de tessitura:

Só consigo escrever hoje, após uma noite de sono regenerador. Ontem tivemos uma supervisão diferente de todas realizadas até agora. Fui pego de surpresa com a notícia da morte da jovem de 26 anos atendida por dois estagiários na DEAM de Juazeiro. A forma como foi narrada toda a história trouxe um tom de drama muito intenso. Pois uma jovem de 26 anos com uma filha de quatro anos perde a vida por ciúmes. Essa jovem havia pedido no plantão que fosse feita alguma coisa para que ela não moresse pois sabia que seria morta tão logo o seu ex-marido saísse da prisão. Exatamente conforme a jovem havia avisado para as plantonistas aconteceu. O agressor estava com uma medida cautelar de proteção que o obrigava a ficar pelo menos a 500 metros de distância dela, mas isso não impediu o acontecimento do “acidente”. Pelo que ficamos sabendo ele havia oferecido uma carona a vítima e ela possivelmente acreditando que ele não faria nada porque estava com a filha aceitou essa carona. Nessa carona houve “por acaso” um acidente que só feriu o lado do carro em que ela e a menina estavam. A filha quebrou uma das pernas mas sobreviveu já a jovem após 8 dias na UTI do hospital veio a falecer. De acordo com a delegada de plantão fica muito difícil provar que houve intenção de matar e provavelmente ele ficará impune. A forma como toda essa história foi narrada ontem me fez ver que o grupo terminou por se identificar muito com a história, pois a maior parte das alunas tem a mesma idade da jovem falecida. Todo sofrimento que ontem aparece em forma de impotência, choro, perplexidade na supervisão parece que de alguma forma estava atrelada a vida de cada um ali da sala. Começamos às 16h e terminamos geralmente às 19h a supervisão, mas ontem me dei conta que já estávamos às 22h e parecia que ninguém queria sair dali. Muito estava sendo dito sobre o caso, sobre o que realmente é fazer o plantão, mas também estavam tentando elaborar a intensidade daquela experiência. Senti-me também muito solicitado a estar com elas, junto com aquela dor e senti também dor. Penso que ontem foi dito muito mais do que falamos, mas isso não é o que fazemos em um plantão? Penso que sim, ontem fiz plantão com as meninas e elas também me ajudaram a cuidar de mim mesmo. (08/2011 - Anotações do pesquisador-professor)

A supervisão referida em nosso relato acima se instituiu como um momento de relação dialógica no qual o ser plantonista na DEAM fala por meio de sua atitude de

estar disponível (aberto) para fazer uma experiência realizada pela linguagem em uma escuta do sofrimento do outro-com-o-outro.

Figueiredo (1994) alerta-nos para a importância, em sua dimensão transformadora, do fazer uma experiência com a fala em um contexto clínico, pois,

Fazer uma experiência com que quer que seja não coincide com a obtenção de informações ou com a formulação de conceitos acerca de algo; fazer uma experiência consiste em ser **afetado**, e em ser **transformado**, deixando a coisa „vir sobre nós, para que nos caia em cima e nos faça outro. (p.121)

O plantão na DEAM possui essa dimensão de intensidade de afetos e nos parece ser justamente essa dimensão experiencial desse encontro que se torna a condição de compreensão do horizonte de possibilidade da pessoa em sofrimento naquela situação de crise. O estranhamento foi um sentimento constante no plantão, o qual foi sendo compreendido não como algo irregular, ou a ser tomado apenas pelo aspecto de mal-estar que, geralmente, o acompanha, mas sim como a aproximação daquilo que está ali, mas que ainda não se fez palavra.

Dessa forma, a aproximação do estranhamento existente nessa experiência parece-nos dizer do estrangeiro, que se configura como o alerta para o encaminhamento do processo de desvelamento, ou seja, daquilo que está em vias de desvelar-se, mas, concomitantemente, se oculta em um jogo ininterrupto de mostrar-se e ocultar-se; o estrangeiro nos remete àquilo que ainda não caiu nas sendas da constituição do sentido, do outro de nós mesmos²⁴.

²⁴Na literatura, podemos citar o poeta português Fernando Pessoa como um autor que transita na construção de sentidos que indicam a condição humana de Ser-aí heideggeriana, como no exemplo: “um grande cansaço é o fogo negro que me consome... uma grande ânsia passiva é a vida que me estreita... Ó felicidade baça... o eterno estar no bifurcar dos caminhos! Eu sonho e por trás da minha atenção sonha alguém... e talvez eu não seja senão um sonho desse Alguém que não existe”. (Pessoa, 2006, p. 108)

O sentimento de estranhamento ou o processo de aproximação do estrangeiro parece que se dá pela ênfase existente na abertura existencial, sobretudo na escuta, e, ao mesmo tempo, o acolhimento de tudo que emerge nessa abertura, ou seja, a escuta se transforma em um dispositivo importante na práxis do plantão da DEAM.

A escuta como dispositivo já foi trabalhada por nós em outros momentos (Lima, 2005, 2009); entretanto, na forma como se desvelou em nossa experiência na DEAM, vem tomando novas configurações. Há, nessa outra forma de escuta, a existência de duas dimensões complementares entre si: a primeira diz respeito à própria experiência²⁵ de se estar em um plantão na DEAM, lidando todo tempo com o atravessamento da violência; a segunda corresponde às ressonâncias da obra de Heidegger, sobretudo em sua segunda fase, para nossa compreensão da escuta, na qual a noção da linguagem é tomada e aprofundada a partir perspectiva de morada do Ser²⁶.

A escuta, em nossa experiência do plantão, se apresentou várias vezes como parte importante da prática. Ao pensar sobre o que se faz no plantão, o plantonista, em muitos momentos, seja nos diários ou nas conversas durante o plantão com o professor-pesquisador, trouxe a reflexão sobre seu fazer, tornando a escuta fonte de fascínio e descoberta.

²⁵Novamente reiteramos, assim como em outras partes deste trabalho, a importância da experiência na constituição da práxis do plantão, pois foi nessa dimensão experiencial de fazer-aprendendo que se foram constituindo os sentidos da nossa compreensão da modalidade do plantão psicológico na DEAM.

²⁶Para Nunes (2000), a obra completa de Heidegger (1927-1976) possui duas fases: a primeira vai de 1927 a 1936, tem na obra *Ser e Tempo* sua principal produção; a segunda corresponde ao período de 1936 a 1976, com a linguagem como foco de preocupação principal. Ressalta, ainda que, durante todo seu percurso, o pensador alemão permaneceu fiel à busca pelo sentido do ser como princípio norteador de sua produção filosófica

O que fez me manter durante esse turbilhão, essa mescla de sentimentos de medo, vontade de ir em frente... o plantão em si tem um fascínio da escuta, de tudo ser rápido, de ser um encontro só, de tudo ser aqui e agora e pronto. Isso sugere um fascínio no refinamento da escuta, do seu crescimento profissional. Penso que o plantão foi crucial no meu processo de construção de minha atuação. (Diário de bordo, Plantonista 7).

De alguma forma eu digo que estou aqui para escutar o que você realmente tem pra dizer. (Diário de bordo, Plantonista 1).

O que você [aquele que procura o plantão] realmente tem pra dizer não é pouco. (Diário de bordo, Plantonista 2)

Se todo mundo está ali para escutar determinadas coisas como no caso dos policiais e chega alguém... nós plantonistas para escutarmos outra, escutar o que realmente a pessoa tem pra dizer é isso que faz toda a diferença. (Diário de bordo, Plantonista 5).

Acho que é isso... a primeira coisa que se transmite no plantão, acho que é isso.. tô aqui, te escuto. (Diário de bordo, Plantonista 1)

A necessidade de se deparar com uma forma de escuta que demanda mais atenção, uma sensibilidade ao que emerge no inusitado do encontro foi-se constituindo como uma das primeiras coisas a ser aprendida e retomada constantemente pelos estagiários. Mas o que se escuta no Plantão Psicológico na DEAM? As queixas de um ser humano, como ser-no-mundo-com-os-outros, em suas inúmeras possibilidades de se constituir nesse mundo, inclusive tendo que lidar com a violência.

As queixas que permeiam o plantão são das mais diversas ordens. Os atendimentos no plantão da DEAM requerem, a partir desse contexto, a realização de uma escuta diferente daquela geralmente usada em outras modalidades da

Psicologia. Parece-nos que no plantão há um estar disponível para um aguçamento na atenção do *que* e do *como* é dito o que se fala, isso para que não percamos o fio condutor daquela narrativa. Há uma possibilidade para o mergulho naquilo que ali se apresenta, para o mostrar-se do seu modo de ser em seu modo de se dizer. Será a escuta, portanto, o dispositivo fundamental para promover o espaço do plantão como acolhimento e ressonância afetiva possibilitadora de novos sentidos.

Em nossa compreensão sobre a escuta como dispositivo de cuidado (Lima, 2005, 2009), havia a caracterização primordial da escuta como aquilo que põe em movimento a angústia (*Sorg*), fazendo com que, nessa condição, o humano assumisse seu ser-no-mundo como o movimento frente ao seu próprio existir, ou seja, aquele(a) que procura o plantão se transforma em coautor(a) da ação de pôr em andamento o processo contínuo de constituição de sentido e significado a partir de sua condição ontológica de abertura (ser-aí).

A experiência na DEAM nos fez ampliar mais a visão sobre a escuta como dispositivo de cuidado, sobretudo por duas questões que nos parecem importantes: primeiramente, a escuta pode ser entendida como dispositivo, porém não como “algo” que o plantonista toma para usar na relação, ou seja, deve ser tomada como um dispositivo não técnico, pois, se assim o caracterizarmos, faremos com que nos posicionemos a partir de patamar na relação, tornando o plantão uma técnica moderna. Como resultado, parece emergir o distanciamento e a instrumentalização da relação. O distanciamento e a instrumentalização estão presentes na forma de relação com o mundo marcada pela impropriedade, na qual nos perdemos nas coisas do mundo e, conseqüentemente, em um palavrear vazio de sentido, ainda que esse seja também constitutivo de sua possibilidade de ser-no-mundo. Portanto,

parece que não cabe, nessa relação do plantão ,a escuta distanciada de uma postura/atitude que nos toma por inteiro, para deixar atravessar pela fala dita pelo outro.

No Plantão Psicológico da DEAM, quando colocamos em andamento um questionamento em forma de perguntas e pontuações daquilo que nos inquietou, procuramos retornar ao movimento de aproximação-distanciamento daquilo que é ontológico no seu dizer, daquilo que vai para além do mero palavreado, muito mais um dizer libertador em sua dimensão de propriedade, um dito grávido de sentido e significado.

Escuta-se antes de ouvir, silencia-se indo contra a corrente da fala. Escutar é uma forma de perceber compreendendo. Quem é surdo, pode escutar sem ouvir. E quem ouve verdadeiramente, não escuta sons esparsos, sem conexão; percebe o ruído pesado da chuva, o prolongado cicio do vento etc. Perceber dessa maneira é compreender, como se compreende o outro, escutando-o e como escuta ou ausculta com as mãos, apalpando, aquele que nada vê. Mais do que a minha fala, a escuta de quem me ouve assinala a ocorrência da compreensão. (Nunes, 2000, p. 109)

De acordo com Nunes (*op.cit.*), há uma reificação da dimensão da escuta em sua dimensão ontológica fundamental, pois escutar será apropriar-se do que já se compreendeu previamente pela condição de abertura. Essa perspectiva de compreender a escuta reforça a ideia de colocá-la como forma de acolhimento que nos leva a encontrar nossa condição ontológica como compreensão primeira de ser no mundo, fazendo com que tomemos o cuidar de ser como principal tarefa na existência.

Por outro lado, se compreendermos que na escuta se dá o acolhimento do Ser pela linguagem, tendo essa como morada do Ser (Heidegger, 2003), poderemos compreender a escuta para além de um dispositivo, ou seja, como aquilo que põe em andamento outros elementos ou processos. Não se trata apenas de uma superação da dimensão de dispositivo, mas sim de vislumbrá-la também como forma de clareira, na qual o Ser se mostra como movimento de desvelamento/ocultação em sua própria errância (*alethéia*).

Assim, nossa forma de apreender a escuta como clareira emergiu dos nossos atendimentos da DEAM, pois, nesses, a escuta promoveu o acolhimento do que foi dito, em seu modo próprio de se desvelar que, ao mesmo tempo, clareou o que ainda não fazia sentido no horizonte de possibilidades do diálogo na relação.

Acho que a diferença realmente é abertura para escutar o que o outro realmente tem a dizer. Não escutar o que necessariamente ele ta falando, mas o que quer dizer e não consegue. Mas esse escutar vai ser sempre a partir do que ele fala, de uma forma de dizer de novo o que ele ta falando para ele. (Diários de bordo, Plantonista 2)

O dizer né, não só o falar. Talvez esse seja o grande divisor de águas do plantão... talvez ele (plantão) ajude não só o falar e o dizer com relação ao ente mas com relação ao ser porque o ente fala mas o ser diz. Quando nós ficamos apenas no perceptil, apenas na linguagem como coisa, ficamos só na linguagem do ente e do-ente, apenas na queixa, o que a pessoa traz. Mas quando conseguimos estabelecer essa forma de relação em que nós ao nos abirmos para o outro contribuimos para que o outro se abra pra si mesmo, o outro instaurando um outro ethos frente ao mundo, esse desvelar-se dele novo, não é ele ôntico apenas mas o poder dele sendo (ontológico). O poder ser sendo não é ele ente, mas sim a verdade como aletheia do ser se desvelando a partir do ente que ele é. (Anotações da supervisão do plantão, pesquisador-professor).

Entender a escuta do plantão na DEAM, a partir da perspectiva de clareira, torna-se mais compreensível na medida em que nos situamos melhor sobre a noção de linguagem trazida por Heidegger (2003). Nesse contexto, há a necessidade de visualizarmos o percurso em que se deu a compreensão desse conceito, visto que se inicia pelo conceito de escuta como dispositivo e se finaliza como conceito de linguagem poética.

Toda escuta autêntica sustenta-se na saga de um dizer próprio. Pois escutar é reservar-se em um pertencimento pelo qual a escuta se apropria pela consonância do quieto. Toda correspondência está afinada com a reserva que se sustenta em si mesma. Por isso uma tal reserva de estar presente e pronta para, em uma escuta, atender ao chamado da diferença. A reserva deve, no entanto, também atentar para não escutar a consonância do quieto como ressonância e sim como uma sonância antecipada e, assim, antecipar também seu chamado... A linguagem fala. Sua fala chama a diferença, a di-ferença que des-apropria mundo e coisa para a simplicidade de sua intimidade. A linguagem fala. O homem fala à medida que corresponde à linguagem. Corresponder é escutar. Ele escuta à medida que pertence ao chamado da quietude. (Heidegger, 2003, p. 25)

Em nossa experiência, a necessidade de reserva foi-se desvelando como um componente intrínseco ao próprio movimento de estar-em-escuta. Esse movimento, a partir das trocas realizadas em supervisão, recebeu o nome de movimento pendular”. Estar em movimento pendular, na e a partir da escuta, significou para nós estar abertos e disponíveis a ponto de não nos misturarmos com o outro em sua experiência, sobretudo pela fala do sofrimento; ao mesmo tempo, poder, a qualquer instante, distanciar-se dessa afetação e abrigar-se no que foi dito, olhando-o com

mais clareza. O que fica de mais importante nesse contexto é o movimento, um movimento de ir e vir continuamente clareando, iluminando, trazendo à luz o que estava sendo dito, pois “[...] ao aproximar o distante mantendo a distância, o próximo se aproxima ocultando-se, para assim permanecer como o mais próximo” (Duarte, 2005, p. 89).

O que consigo observar é que pra você se preparar para aceitação da situação, olhar o outro, ter essa abertura, escutar com tudo o que ele tiver pra trazer, mas tem gente que não consegue fazer isso. Tem gente que fica naquela posição psicólogo mas não consegue separar, recolher seus próprios pré-conceitos e estar aberto. Aí não acontece o plantão porque o psicólogo pensa que tem que dizer o que é certo ou não é, fazer julgamento de valor, dar conselhos... e o papel da gente não é esse, mas para isso precisa ter reserva (Diário de bordo, Plantonista 7).

A mulher a partir do plantão pode se reconhecer. Se conhecer como possibilidade de ser dela mesma. Ela pode se movimentar. Ela compreender uma possibilidade de movimentação e ela se movimentar. (Diário de bordo, Plantonista3).

O que parece ser o patológico na mulher que sofre violência em uma situação de emergência é a impossibilidade de se movimentar diante da vida. (Anotações da supervisão, pesquisador- professor) Acho importante a mulher se movimentar, mas isso não é ela sair do relacionamento apenas... Diz dela se empoderar... A mulher quando não está em movimento consigo mesma se sente impotente. (Diário de bordo, Plantonista 2)

Dessa feita, recorreremos novamente à contribuição de Heidegger para melhor entendermos esse escutar, que se dá em movimento de acolhimento, pois, para esse autor, o que se mostra na fala não é apenas a dimensão ôntica da linguagem, ou seja, a linguagem como representação do mundo, como um mero espelhamento

da natureza; Pelo contrário, a fala, em seu dizer, mostra-se como saga de um dizer, “o vigor da linguagem é a saga do dizer enquanto o mostrante.” (Heidegger, 2003, p. 203).

Falar é ao mesmo tempo escutar... não falamos simplesmente a linguagem. Falamos a partir da linguagem... Nesse sentido, escutamos a linguagem deixando que ela nos dia a sua saga. Quaisquer que sejam os modos de escuta, sempre que escutamos alguma coisa, escutamos o deixar-se dizer, que abarca toda escuta e representação. Na fala, enquanto escuta da linguagem, dizemos seguindo o dizer que aí se escuta. (Heidegger, 2003, p. 204).

O plantão experienciado na DEAM desvela-se para nós por meio de uma escuta atenta e acolhedora, uma clareira na qual se dá o momento de apropriação (*Ereignis*) daquele que procura pelo plantão. Entretanto, vale ressaltar que não é a luz que cria a clareira, pois ela já se encontra lá disponível; contudo, ao encontrá-la, algo acontece simplesmente, dá-se e é apreendido pelo clarear dessa luz, e, aí sim, é possível visualizar o horizonte de novas nuances que antes não se desvelavam para quem as olhava. Dito de outro modo, não possuímos uma escuta que promova a emergência de novos sentidos, mas, ao se dar uma escuta, o novo sentido também acontece.

O Plantão Psicológico e a supervisão de apoio, modalidade da ação psicológica, ocorrem como um acontecimento; trata-se de uma paragem na qual o psicólogo, debruçado e atento à narrativa, testemunha o *entre*, ou seja, a condição de ser em história (Morato, 2011, p. 39).

Entender o Plantão Psicológico na DEAM a partir da perspectiva do acontecimento apropriativo é demarcar uma diferença importante no que diz respeito a compreendê-lo a partir do primeiro Heidegger, fundamentalmente o de *Ser e Tempo*. Conforme nos indica Casanova (2009), o *Ereignis* traz para dentro do acontecimento histórico a diferença ontológica que antes se resumia na temporalidade da *ek-sistencia* do *Dasein*.

Acontecimento apropriativo é uma expressão que procura pensar o acontecimento a cada vez histórico do surgimento das ontologias a partir de uma dupla apropriação. Por um lado, o ser não pode prescindir do ser-aí, pois sem o ser-aí não há escutar as rearticulações históricas da verdade do ser... o ser-aí humano precisa se deixar apropriar pela história do ser em meio ao acontecimento apropriativo, para que a verdade do ser possa acontecer, ou seja, para que o ser possa desdobrar a sua essência... Contudo, uma tal apropriação do ser-aí humano por parte do ser não se dá a partir da ocorrência de uma desapropriação de si mesmo... ao se deixar apropriar pela história do ser, o ser-aí humano recebe dessa história mesma o seu próprio, mas não por encontrar uma medida eterna para suas realizações temporais, mas por poder insistir agora no espaço aberto, no aí, que determina tudo que ele é e pode ser (Casanova, 2009, pp. 177-178).

Pensar o plantão a partir do segundo Heidegger (1934-1976) passa a fazer sentido na medida em que a diferença fundamental é incluir a dimensão do contexto do aí; ou seja, do mundo histórico tal qual se apresenta como constitutivo de sua dimensão ontológica. Em nosso caso, a violência ôntica, perpassando todas as ações do plantão, torna-se uma dimensão do aí que se estabelece relação com a dimensão do que podemos compreender por violência para Heidegger.

Para alguns autores (Loparic, 1996; Nunes, 2001; Duarte, 2008), há um debate sobre a dimensão da ética na construção do pensamento heideggeriano. A questão

fundamental é que, mesmo sem ter escrito propriamente sobre ética, ou mesmo ter a intenção de fundar um novo fundamento para pensar o humano, há uma perspectiva ética implícita em toda construção filosófica de Heidegger. De certo que não se baseia na ideia de uma ética metafísica ou universalizante, mas sim na retomada da dimensão de um *ethos* grego, que implica em um abrigo, uma morada, um lugar como um jeito-de-estar-no-mundo, o que, por fim, nos remete à segurança mínima para um com-partilhar a vida.

Loparic (2004) assinala que:

a ética de Heidegger não pede que hajamos de acordo com razão prática, ainda menos que fabriquemos coisas de acordo com a razão teórica. Ela pede o desapego a todo agir causal. Trata-se de substituir a pergunta que, na época da metafísica, era a única urgente: que devemos fazer? Pela interrogação: como temos que pensar? (p. 93)

Para Heidegger (1934-1976), a perspectiva ética passa pelo pensamento que permite questionar o mundo da técnica. Esse caminho possibilita ao humano compreender sua condição de poder habitar poeticamente o mundo. Em outras palavras, o habitar poeticamente, ou, a partir da violência técnica, não se encontra na dimensão ôntica em si, mas na relação que o Ser mantém em sua dimensão de desvelamento com a historicidade, no ser-aí.

Para o segundo Heidegger²⁹, o contexto histórico toma lugar de relevância, sobretudo pelo conceito que construiu para identificar a técnica moderna. Nesse contexto, técnica compreende um conjunto de procedimentos para se atingir a um fim, conforme dado pela forma habitual do pensamento calculador, de uma razão instrumental, ou seja, "*técnica moderna, é uma exploração que impõe à natureza*

a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada... o desencobrimento que domina a técnica moderna possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar". A crítica subjacente nessa compreensão de técnica implica a "força coercitiva" que a técnica impõe ao ser-aí humano em seu existir, fazendo-o incessantemente *ter que ser* em um mundo ontologicamente do *poder-ser*, o que nos leva a crer que "*hoje em dia, na verdade, o homem já não se encontra em parte alguma, consigo mesmo, isto é, com sua essência*" (Heidegger, 2001, p. 19 e p. 30).

Nesse mesmo sentido, Dubois(2004)aponta que Heidegger ,no seminário "Introdução à metafísica" (1935) sinaliza para uma certa dimensão violenta na relação do ser em seu desvelamento com o ente, pois

A inquietante estranheza é aquela do próprio ser, no sentimento de seu reino superpotente experimentado na angústia; por outro lado, a inquietante estranheza é a possibilidade da resposta, da correspondência do homem com esta superpotência, no que Heidegger denomina sua atividade violenta (*Gewalttätigkeit*) [...] advindo a si mesmo nessa atividade violenta, o *Dasein* está fora do habitual, do familiar, da segurança (Dubois, 2004, p. 190).

Essa estranheza, que em *Ser e Tempo* se restringia ao campo da condição ontológica da temporalidade da existência, implica na necessidade de compreender o humano, incluindo, em sua abertura original, a dimensão epocal de sua historicidade. Podemos dizer que, no âmbito da época da técnica, isso diz respeito a reconhecer a presença da força imposta – da violência. A técnica

transforma-se numa espécie de arrazoamento que impele uma forma única de desvelamento e, conseqüentemente, de apropriação do sentido de ser.

Na dimensão da prática do plantão, podemos compreender que a violência, atravessando de forma experiencial o seu fazer-saber, já está presente desde a configuração histórica cultural da contemporaneidade. Assim, o que nos parece estar na base das diversas demandas que nos chegam ao plantão diz respeito a formas diferentes de estar no mundo, em que a objetificação das relações impera como *modus operandi*. O encontro inter-humano, apreendido a partir de casos que nos chegam à DEAM, apresenta-se sob a forma de relações em que o outro passa a ser, na maior parte das vezes, um mero objeto, do qual se pode dispor, permitindo que se possa fazer com ele o que se achar mais conveniente, impondo-lhe inclusive a força física.

Mas não seria exatamente isso o que está na base sobre a compreensão da violência cotidiana e, ao mesmo tempo, o que podemos visualizar nas entrelinhas dos escritos sobre a técnica propostos por Heidegger? A resposta parece-nos que é sim.

No âmbito do cotidiano vivenciado por meio das experiências da delegacia, a violência se dá pela ação de impor ao outro a força de seu poder-ser, visto que não se reconhece nesse diferente de nós a condição de ser outro; já no âmbito da ontologia, corresponde ao arraigar-se em uma forma de pensar em que impera o planejamento, o calcular, em um pensamento no qual não se deixa repousar para poder-ser, não há o desvelar por si só, ou seja, não há um poetizar a vida.

Portanto, podemos compreender que o plantão, como modalidade da prática clínica realizada na contemporaneidade, traz consigo a afetabilidade dessa época em suas formas de relacionamento entre plantonista e aquele que procura o plantão, tendo como pano de fundo a dimensão institucional. Nessa práxis, o plantonista procura, por meio da disponibilidade (abertura), dando-se conta de sua própria afetação, compreender aquilo que não tem sido trazido à luz pelo sofrente²⁷. Para o plantonista, cabe entrar em movimento sintônico de aproximação e reserva fazendo ressoar, circundar o fenômeno, pois “a especificidade do trabalho do plantonista, ou melhor, do psicólogo, reside na atenção dirigida à afetabilidade. O cuidado com as afetações possibilita-nos delas extrair compreensões pertinentes à situação clínica” (Oliveira, 2006, p. 102).

De acordo com Oliveira (2006, p. 69), é pela atitude de se inclinar para o outro, ou seja, deixar-se afetar e disponibilizar, que se dá a compreensão, sendo sua apropriação que torna o “Plantão uma *experiência clínica radical*”. Compartilhamos dessa perspectiva do plantão, pois, para nós, radical tem o sentido de tomar pela raiz, de dar fundamento a algo. Parece-nos que foi exatamente dessa forma que nossos plantonistas na DEAM sinalizaram a compreensão da prática quando a identificaram como fruto de uma paixão.

O plantão não se ensina, apenas acontece. (Diário de bordo, Plantonista 7).

Acho que começa pela sua experiência. Da forma como você se envolve com as coisas e as situações. (Diário de bordo, Plantonista 3)

²⁷Oliveira (2006) chama de “sofrente” todo humano que se constitui em sua condição ontológica (cuidando de ser-no-mundo-com-os-outros), ou seja, não é alguém que possui um sofrimento, mas sim um humano que é sofrimento.

Quando uma pessoa no grupo acredita ou gosta ou é apaixonado por alguma coisa os outros podem não ser, mas vendo essa paixão isso inquieta o grupo. Esse simples movimento de se envolver de determinada forma apaixonada contamina o grupo pela abertura para paixão pelo plantão. Surge a curiosidade e parece ser tão bom né e aí a pessoa se permite experimentar. (Diário de bordo, Plantonista 2)

O Plantão na DEAM se dá em uma dimensão da afetabilidade, essa se apresenta pela forma como a violência se faz presente; um sentimento de impotência nos afeta no sentido de redirecionar nossa atenção para aquilo que estamos sentindo. Na etimologia da palavra paixão, encontra-se a origem de sua dimensão afetiva, paixão vem do grego *pathos* e esse era traduzido usualmente em forma de paixão ou sofrimento (Figueiredo, 2004), cabendo em ambos o foco da afetação do mundo em nós.

A mesma paixão que nos lança em uma relação de desvelamento e apropriação da nossa condição ontológica também se constitui naquela que nos faz sofrer por entrarmos em contato com nossa dimensão ontológica. Esse entrar em contato se torna no cuidado²⁸ para que o outro, cuidando, possa também cuidar de ser.

A ação psicológica conduz-se a ir por entre os vestígios do vivido para desocultar outras facetas que se mostram nas situações de homens e atores institucionais. Buscando des-enredar a experiência da trama sedutora de significados na qual se encontra, acompanha o cliente testemunhando sua narrativa

²⁸No próximo tópico, quando abordaremos mais especificamente essa dimensão do cuidado, ficará mais clara nossa leitura sobre as possibilidades de cuidado na contemporaneidade. Figueiredo (2009) nos mostra as diversas faces do cuidar, inclusive aquelas que se transformam no não cuidar. Em sua resenha sobre esse livro, Rocha (2009) afirma: “Cuidando de si e dos outros, os cuidadores integram as experiências para a construção de um *ethos*, vale dizer, de uma morada, sem a qual é impossível a experiência do existir humano”. (p. 99)

pela desorientação e desamparo para, junto a ele, sugerir o encaminhar-se para fora de seu sofrimento, levando-se adiante dessa urdidura do público na qual se enroscou. E isso só pode acontecer em experiência em ação, ou seja, quando a interpretação da compreensão pudesse conduzir-se para „fora do perigo“, considerando a etimologia latina de experiência: *ex-perire*. (Morato, 2011, p. 44).

Assim, por meio da atenção com o outro que nos demanda algo na DEAM, é que se pode dar a escuta como possibilidade de acolhimento ao “mal-dito”²⁹ de sua experiência como sofrimento urgente. Dessa feita, há uma dimensão fundamental de cuidado envolvido no Plantão Psicológico, pois, no âmbito das relações que mantemos no mundo, faz-se presente sempre o estranhamento, já que possuímos como condição a abertura(Ser-aí) apreendida como inospitalidade. Esse estranhamento só passa a tomar assento, ou seja, a se desvelar na que é acolhido como companheiro de jornada, quando podemos refletir sobre o mesmo sem nos desconstruir frente à angústia que ele suscita.

Parece-nos que é no fazer-saber do plantão, por meio de uma ação psicológica, que emergem formas de cuidado que não transformam aquele que sofre em uma mera patologia ou qualquer outra coisa que possa ser objetividade, mas sim como mistério (Ser) que, sob a forma de linguagem, sempre se furta a se desvelar por inteiro. Por isso é que a questão do plantão não se em esclarecer, mas em

²⁹Mal-dito aqui é no sentido de ser contrário ao bem-dito. Esse é tomado como aquele dizer *poiésis*em que o Ser encontra espaços na/através da linguagem cotidiana para sedesvelar/ocultando e fazendo daquele que fala outro de si mesmo. Já o mal-dito compreende a fala que se perde na cotidianidade, que se torna apenas falação desatrelada da dimensão ontológica do humano, uma falação como tamponamento do existir, uma forma de muito falar para nada dizer

clarear para deixar ser próprio aquilo que se desvela em seu ato de se mostrar. Mas esse mostrar, que lugar ocupa? Que implicação tem em nosso existir?

A seguir, apontaremos para a pertinência de um *ethos* que abrigue o estrangeiro para que esse nos faça outros de nós mesmos.

4.3 Plantão como uma planta grande³⁰: um *ethos* na acontecência do cuidado

Hoje cheguei aqui às 8hs em ponto. Nem um funcionário tinha chegado. Esperei o pessoal chegar. E aos poucos as colegas foram chegando, os funcionários também e as sofrentes. Demoramos um pouco para forma o grupo, mas quando formamos o grupo foi fantástico. A discussão foi bastante interessante e produtiva. Houve uma situação compartilhada em grupo, na qual o ex-marido sequestrou a filha, e levou para São Paulo. A mãe estava desesperada, mas em conversa com uma companheira presente que já havia passado pela mesma situação, sentiu-se mais confiante, para continuar sua jornada para reencontra a filha. Outra situação interessante foi a contada por uma das presentes de nome F., o ex-marido tentou bater no filho da companheira por que ele não permitia que o agressor batesse na própria mãe. Detalhe, o agressor não tinha o costume de agredir ninguém. Tudo aconteceu após uma queda de um prédio em construção, onde o agressor sofreu o acidente. Outro caso discutido no grupo foi o de uma Sra. de nome Betânia, que não deixava ninguém falar. O marido dela em uma crise de raiva, tentou espancá-la. Essa Sra., estava com o braço todo marcado. Ele é agente da penitenciária e só dorme armado. Ela ficou com medo e preferiu dar a queixa. Um outro caso foi discutido em grupo, foi de uma moça que apesar de separada, o ex-marido tem mania de prosseguir ela e agredir com palavras e ameaças. Demorou e quando essa moça entrou para dar queixa a mãe chegou, e começou a fazer parte do grupo. O interessante foi que havia

³⁰Tomamos por empréstimo a metáfora do plantão psicológico como uma “planta grande” da conferência sobre o mesmo tema que a Prof^a. Dr^a. Henriette Morato realizou na Universidade Federal do Vale do São Francisco, no ano de 2006. Ao ser perguntada por um participante sobre o que seria o plantão psicológico, Morato respondeu: “É uma planta grande... que nesse semiárido serve de abrigo para repouso do sol escaldante. Um lugar para tomar um fôlego... depois o caminhante pode simplesmente seguir pelo mundo

homens presentes, que não se calaram, antes colocaram seus pontos de vistas. Nesse momento, pedi para que todos dissessem seus nomes, já que estávamos falando por algumas horas sobre violência. Dona A. - mãe de uma das vítimas- que chegou após o grupo ter início. Levantou e disse que não fazia parte do grupo, pois não foi ela que tinha ido dar a queixa. Achei interessante! Mas depois juntou-se ao grupo e quem mais falou foi ela. E no final, houve uma avaliação do nosso trabalho feito pelas presentes. Tanto dona A. como F. puxaram o coro dos elogios ao acolhimento que elas estavam recebendo por parte dos estagiários. Foi muito gratificante ouvir aquelas palavras de incentivo ao nosso trabalho. Essa foi uma manhã gratificante. Terminamos o nosso trabalho e nos despedimos de todos os presentes – Homens e mulheres. (Diário de bordo, Plantonista 6)

A narrativa no diário de bordo acima se dá de forma fluida, sem maiores aprofundamentos, há indicações, sinalizações do que foi interessante/gratificante e que chamou a atenção. A dinâmica de muitos diários de bordo nos aponta para uma questão que se fez presente em praticamente todos os registros: a experiência de solidão, principalmente para aquelas mulheres que sofreram violência doméstica. Entretanto, para os funcionários da DEAM também apareceu a solidão de ter que lidar com a violência cotidiana, registrando, atuando, deparando-se com o que os afetava profundamente, mesmo que já estivessem acostumados com as queixas que lhes chegavam todos os dias.

No meio tempo em que esperei para ver se ele chegava, acabei ficando de plantonista, mas não agüentei ficar mais de uma hora lá, pois foram muito fortes as coisas que eu presenciei. Uma senhora com a idade de minha avó (ou aparência) desmaiou na minha frente. Ela vem sendo agredida pelo ex-marido a longa data e dessa vez ele lhe deu uma pedrada na cabeça, a qual ainda parecia estar sangrando. Depois que ela se recuperou do desmaio, nos contou que era usuária do CAPS, pois tinha depressão e que “não é por outro motivo, senão pelo tanto que ele judia de mim” (palavras dela)... Com relação aos meus sentimentos, devo dizer que esse caso me afetou muito. Eu me

controlei para não chorar com a situação dessa senhora, especialmente quando vi as lágrimas do companheiro dela. Senti-me sozinha... Ele disse que os dois acabariam enlouquecendo. Senti o quanto ele se esforça para cuidar dela. Como pode haver tanto paradoxo no mundo? Um homem quer matá-la e o outro quer cuidar. Eu achei que foi uma brutalidade muito grande o que o ex-marido dela fez... apedrejar uma senhora naquela idade.... (Diário de bordo, Plantonista 3)

Para os plantonistas, houve também essa dimensão da solidão, mesmo quando atuavam em grupo – “*Terminamos o nosso trabalho e nos despedimos de todos os presentes*”. Entretanto, se considerarmos a noção de humano a partir da perspectiva heideggeriana, compreenderemos que podemos até viver como solitários, porém não somos sozinhos. Nossa forma de estar-no-mundo é sempre *com-fiada*, ou seja, faz parte de nossa condição ontológica a copertinência com outros *Dasein*.

Aqui se instaura a necessidade de olharmos, no sentido de tentar constituir um sentido para a experiência de Plantão Psicológico na DEAM, de dialogarmos com essa modalidade da práxis do psicólogo a partir de uma leitura dessa experiência ética compartilhada.

Como já foi dito em outros espaços deste trabalho, há um sentimento de impotência intenso na experiência do plantão na DEAM possivelmente pelo atravessamento do fenômeno da violência como algo explícito e, ao mesmo tempo, tácito, algo insistentemente presente no cotidiano do plantão. Entender os sentidos dessa impotência possui fundamentalmente duas dimensões: uma fática, que se expressa em muitos casos pelas cicatrizes no corpo físico (olho roxo, braço quebrado, rosto arranhado etc.); e outra da finitude, por meio da vivência de uma

angústia dilacerante que pode também retirar o horizonte de significação e sentido como possibilidade.

Contudo, será justamente essa angústia o “combustível” mobilizador para que possamos nos apropriar de nossa condição de ser humano, o que pode nos fazer mover diante dela e contribui para que nos façamos em outro lugar para lidar com o sofrimento advindo dessa situação de violência.

Os depoimentos dos plantonistas em situação de atendimento nos levam a compreender que os envolvidos, no contexto institucional, e mais especificamente no Plantão Psicológico, buscam um lugar que em possam abrigar novos sentidos para aquilo que se experiencia ali.

O movimento institucional cotidiano da DEAM, por meio daqueles que ali convivem, em sua maioria, não é de fuga dessa experiência com a angústia ontológica, mas sim de enfrentamento, pois todos são lançados em formas de relações em que o estar-aberto passa a ser condição de ser-no-mundo. De qualquer maneira, seja menos envolvidos ou mais envolvidos, há um laço invisível que obriga a todos que transitam na DEAM a procurar outro lugar, outra morada; ou, dito de outro modo, um novo *ethos*³¹ no lidar com essa experiência.

A experiência do plantão não se dá em um laboratório hermeticamente fechado, ou mesmo de forma solipsista: encontra-se em um contexto sociocultural que a permeia e a atravessa, conferindo-lhe contornos e possibilidades como o já instituído, o acabado, como aquilo que já é.

³¹Figueiredo (2004) vai referir-se ao *ethos* na Psicologia clínica como um *habitar o mundo*. Pois, “considerar o *ethos* como casa, instalação, é ver nele –nos valores, nas posturas, nos costumes e hábitos – algo equivalente à morada de onde podemos contemplar a uma certa distância as coisas lá fora... onde podemos cozinhar e nos alimentar sossegados, onde podemos gerar e criar uma família, onde podemos conviver com os familiares e receber a visita de estranhos, onde podemos tratar de nossos males e, mais que tudo, repousar”

Portanto, ressaltamos que a DEAM se constitui em uma instituição que se dá em um dado lugar e em um dado tempo, sendo constituída por pessoas e relações instituídas/instituintes. Mas a que contexto estamos nos quando trazemos à reflexão vivências institucionais? E que importância teria na forma de compreendermos a experiência do plantão?

A resposta para essas questões faz necessário sinalizarmos para a constituição do homem contemporâneo, que se encontra em uma sociedade líquida (Bauman, 2001) sob a tessitura de incessantes mudanças nas relações nas quais se tem a marca fundamental, a objetificação da vida. Nessa, há uma sistemática sobreposição da utilidade das coisas em detrimento de outras formas de lidar com as pessoas como outrem.

Segundo Heidegger (1991, 2001, 2002) sinaliza esse contexto como a *Era da técnica*, na qual a forma de ser-no-mundo é constituída principalmente pela ênfase no pensamento calculante. Esse pensamento como forma de habitar o mundo parece contribuir para uma “desumanização” do homem naquilo que este é enquanto condição ontológica, a saber: abertura, ser-aí. Antes, porém, de continuarmos questionando o lugar desse plantão na dimensão da técnica, compreendemos ser necessário clarearmos o que chamamos por plantão como experiência ética.

De acordo com Bondia (2002), a palavra “experiência” advém do latim *experiri*, que implica em provar, em experimentar. Possui o radical *periri* que também se encontra na palavra *periculum*, ou perigoso. Em grego, remete à ideia de passagem, travessia. Já em alemão, está relacionada a *erfahrung*, que diz de viajar ou pôr em perigo. De uma forma mais sucinta, a etimologia da palavra nos remete à

perspectiva de experiência como “*a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento o, mas que simplesmente existe de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente*”(p. 25).

A compreensão de experiência, a partir dessa perspectiva, vai-se aproximando da forma como essa se relaciona com a noção de conhecimento, uma forma de conhecer que “*se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que acontece*” (op. cit., p. 27).

O saber da experiência não se confunde com a ideia de *véritas* (verdade) para os romanos, mas se aproxima da palavra *alethéia* (desvelamento) para os gregos. A experiência, como forma de desvelamento e recolhimento no movimento de se desvelar, leva-nos, na existência, a ocupar um lugar como “produção” de sentido no mundo, mesmo que, em muitos casos, haja um não sentido como esse lugar. A partir dessa compreensão de experiência, qual seria o lugar que o Plantão Psicológico ocuparia para quem faz o plantão na DEAM?

O Plantão Psicológico em nossa experiência compreende uma forma de relação que se dá como acontecência, como um abrigo, um *ethos* do cuidar que não se propõe a nada mais do que uma experiência de apropriação de nossa condição existencial de constituir sentido e significados às nossas vivências, inclusive àquelas relacionadas à violência contra a mulher, cotidianamente encontrada nas DEAMs.

O plantão pode também ser visto como na metáfora de uma planta grande que, diante de um escaldante sol, de uma falta de húmus e vida, possibilita a oportunidade de um reunir-se a si mesmo com-o-outro-no-mundo. A acontecência do plantão implica a ênfase na dimensão de experiência, de um saber que nos

atravessa tacitamente e não como acontecimento acabado. Acontecência do plantão nos fala dessa condição ética de abertura contínua à experiência do Ser e à linguagem como morada desse ser, ou seja, no plantão na DEAM, não temos o controle ou a técnica na qual FAZEMOS uma experiência, mas sim, como plantonistas, nos colocamos em uma atitude ética de abertura para que SE POSSA DAR UMA EXPERIÊNCIA ou não.

Dessa forma, não compete ao plantão ser confundido com uma triagem, ou qualquer outra técnica moderna que vise à adaptação daquele que o procura ao mundo. A dimensão fundamental do plantão parece apontar para sua condição de poder promover trânsito entre o ôntico/ontológico para esse humano, fazendo com que se re-encontre com sua liberdade como questão fundamental.

Conforme nos diz Oliveira (2006), “o fazer do plantonista reside no encontro que se estabelece entre ele e aqueles que o procuram” (p. 72). Esse encontro não se dá pela nossa experiência como mansidão, mesmo que demande do plantonista uma passividade-ativa para acolher o que lhe chega.

Para os plantonistas, acolher o que lhes chega passou pela dimensão de estranhamento, inquietude, essa angústia que reside em uma relação como acontecência que foi, em muitos momentos, colocada como não perceptível.

*O dia hoje foi **tranquilo** e como não fizemos nenhum atendimento a sequência do dia foi mais leve e mais agradável, pois quando atendemos no plantão, a nossa mente fica remoendo e relembrando aquilo que ouvimos e surgem sentimentos não muito agradáveis como os de injustiça, revolta e raiva, que tendem a voltar à nossa mente o tempo todo. (Diário de Bordo, Plantonista 5)*

Mais uma vez, quase não teve movimento na delegacia hoje, acho que isso vem me desmotivando a estar lá. (Diário de bordo, Plantonista 2)

Chegamos a delegacia as 8:30hs, e a parte externa da delegacia estava vazia. Ficamos conversando, e pensamos que a possibilidade daquele vazio foi em razão dos dias das mães. Então, ficamos esperando as primeiras queixosas (Diário de bordo, Plantonista 6)

*Mais uma manhã de estágio na DEAM que se mostrou **bem tranqüila**. (Diário de Bordo. Plantonista 4)*

Conforme os relatos acima houve, sistematicamente, nos diários de bordo, a presença da expressão “estar tranquilo” para se referir ao plantão. A princípio, entendemos como a ausência de usuários na delegacia para dar queixa e fazer o boletim de ocorrência, mas, com o tempo, fomos compreendemos que parecia ser algo mais.

Nas supervisões e em nossas anotações de campo, houve outros apontamentos que nos remeteram a ter esse modo de expressão como um veto ao acontecer de uma experiência. Mas como ficar tranquilo se ali na DEAM é justamente lugar de tensão e de conflito? Fomos levados a crer que o incontornável, ao qual os plantonistas se referiam, diz da realização de uma experiência.

De acordo com Pompéia & Sapienza (2004), “permitir-se à experiência é terapêutico”, pois “terapia é a procura, via *poiésis*, pela verdade que liberta para a dedicação ao sentido” (p. 169). Dessa forma, parecia não ser terapêutico, ou próprio do plantão, ficar na DEAM sem atender a ninguém, mas

o que parece é que os plantonistas não se davam conta de que estavam sob a afetação da angústia incontornável de estar em um Plantão Psicológico, lidando com as situações de urgência decorrentes de violência.

O aparentemente “nada acontecer” em si mesmo já afetava os plantonistas em suas dificuldades de compreender que o fazer-saber do plantão está atrelado ao contexto no qual se encontra, ou seja, sua dimensão institucional. Braga (2009, citado por Braga, Nunes, & Morato, 2002) lembra-nos de que

A instituição é considerada em seus atravessamentos e diversas possibilidades de atuação e questionamento das relações institucionais emergem no cotidiano da prática; todavia, a instituição não é objeto de análise em si e tampouco só clínico, se arrogam a posse de qualquer saber privilegiado sobre a direção e devem tomar as transformações na instituição. Assim, a práxis clínica transita entre instituído e instituinte, tanto acompanhando os limites das instituições quanto favorecendo suas possibilidades de reinvenção (p. 53).

Aos poucos, os plantonistas se foram dando conta de que o Plantão Psicológico na DEAM se perfaz em toda relação que se estabelece com e na instituição. Pela escuta atenciosa e um diálogo há uma busca em acolher e questionar os sentidos constituídos a partir de uma demanda de mal-estar e/ou sofrimento, seja das mulheres ou dos próprios atores institucionais ali envolvidos (policiais). Dessa forma, as relações na DEAM foram-se transformando e, com o tempo, fomos sendo mais requisitados a participar do cotidiano da instituição. Nosso lugar foi-se delineando como um lugar híbrido: pois nos faziam sentirmo-nos

como mais um da equipe e, ao mesmo tempo, alguém externo que poderia acolhê-los em seus sofrimentos

R.(policial) chegou na DEAM e nós duas entramos. A primeira vítima que ela atendeu foi a que estava chorosa na recepção. Eu e V. ficamos só esperando, pois sabíamos que R. iria nos encaminhá-la para o plantão. Toda vez que chega uma mulher muito fragilizada ela nos encaminha. Ela já fica olhando para a gente de lá da sala de atendimento. Nós sempre achamos uma certa graça disso. Dito e certo, ela veio nos pedir encarecidamente que atendêssemos a mulher, às vezes parece que fazemos parte da equipe. (Diário de Bordo, Plantonista 2).

J. me recebeu com simpatia, quando cheguei a DEAM na terça-feira, após alguns dias de férias. Em seguida foi N. que veio me abraçar e saber como eu estava. Fiquei feliz, ao contrário das outras vezes em que retornei após alguma ausência, as funcionárias da delegacia pareciam estar recebendo de volta um membro da equipe (Diário de Bordo, Plantonista 1).

Hoje um dos agentes se dispôs a sentar-se conosco e discorrer um pouco sobre seu cotidiano no trabalho, suas impressões sobre as vítimas que chegam à delegacia para prestar queixa, sobre a imagem que as pessoas fazem do policial e sobre as conseqüências da natureza do trabalho sobre sua vida, seus sofrimentos. (Diário de bordo, Plantonista 4)

Assim, como uma ação que se dá como errância e lugar híbrido, a prática do plantão foi-se constituindo como um *ethos* que se constitui como possibilidade de abrigo propiciador de relações de confiança por meio de práticas institucionais. Compreendemos que não há lugar confiável para o humano em seu estar no mundo, sobretudo quando lidamos com relações que envolvam a violência; por outro lado, há relações que podem promover abertura para se vivenciar momentos de

confiança, como, por exemplo, no plantão psicológico. Neste, há a entrega ao aberto da relação que nos faz encontrar outras dimensões da experiência que promovem bem-estar. Contudo, parece que não encontramos em nosso cotidiano espaços de abertura para o desvelamento do nosso poder-ser-si-mesmo, sobretudo quando estamos envoltos com a predominância de pensamentos objetificantes.

O Plantão Psicológico procura oferecer um espaço de escuta, cuidado, interrogação e discussão das questões pertinentes aos atores sociais envolvidos na instituição ou em determinado cenário social, considerando a multiplicidade de aspectos envolvidos no cotidiano dos sujeitos sociais, visando resgatar e construir recursos para promoção de condições de bem-estar (Braga, 2009, p. 77).

Entretanto, o ambiente das DEAMs é reconhecido, de fato e de direito, como lugar de operacionalização da lei (fazer boletim de ocorrência, fazer cumprir a lei etc.). Parece que não lhe cabe ser pensada como lugar de acolhimento (escuta como cuidado). Os plantonistas foram compreendendo isso na medida em que perceberam o quanto é diferente o fazer do policial e o seu fazer como plantonista.

O policial relatou que os homens, em sua opinião, não são os mais indicados para receber as vítimas que vão prestar queixa, pois não têm paciência para ficar ouvindo toda a estória das vítimas; para ele, os homens são práticos e objetivos e focam diretamente na solução dos problemas e não na trama que desencadeou a queixa em si. Deixou bem claro que esse tipo de trabalho é para as mulheres; assim, reproduziu uma concepção machista que defende que ao homem cabe agir e não “perder tempo” com conversa. Falou também que se sente impelido pelo próprio imaginário social, no que se refere ao papel do policial, a agir de forma repressiva diante dos acontecimentos para justificar sua função social, e que muitas vezes se vê obrigado a agir com maior altivez para não ser desmoralizado enquanto profissional de segurança pública

perante a própria população e aos colegas de trabalho que destacam em outras unidades (que não são especializadas no atendimento ao público feminino)... O agente com o qual realizamos o plantão disse que os policiais da DEAM são rotulados pelas outras unidades como aqueles que nada fazem ou os que resolvem exclusivamente problemas entre casais. Acredito que o desmerecimento dos demais policiais quanto ao trabalho dos policiais civis da DEAM, além de poder ser encarado como a reprodução de concepções preconceituosas quanto às mulheres que se encontram em situação de violência (pelo não reconhecimento da magnitude do problema e da necessidade de órgãos especializados para lidar com essa problemática), faz com que esses profissionais projetem suas indignações na figura das vítimas, agindo muitas vezes de forma grosseira com elas... Para manter a saúde de suas relações familiares o sujeito de nosso plantão disse ter desenvolvido um mecanismo de defesa que o possibilita a conviver de maneira menos danosa com situações de violência vivenciadas por ele durante o expediente: a VEDAÇÃO - processo através do qual, segundo ele, grande parte do que foi experienciado é "apagado". Particularmente, não que acredito que diminuir a zona de contato com a situação de violência (se é que é possível conseguir tal feito!) seja a melhor forma de se trabalhar a influência da violência na vida pessoal do profissional de segurança pública; para mim, isso soa mais como uma negação da experiência do problema do que, verdadeiramente, uma forma de resolvê-lo, sem contar que isso pode causar graves conseqüências à vida do indivíduo. Jogar a sujeira para debaixo do tapete não a elimina, apenas a esconde por algum tempo, se é que isso é possível. (Diário de bordo, Plantonista 4).

Assim como as mulheres que sofrem violência e buscam o plantão, os profissionais que trabalham na DEAM se encontram na mesma situação histórico-cultural de se situarem imersos em uma cultura marcada, dentre outras coisas, pela fragmentação, por fluxos de intensidade cuja violência se torna uma de suas marcas principais. Essa configuração sociocultural parece contribuir para a banalização desse tipo de sofrimento, pois, exaurindo a existência de espaços para que o humano possa fazer uma experiência com suas condições existenciais, e com isso

com suas possibilidades de constituição de sentido e ressignificação do sofrimento, ele parece tornar-se preso a um círculo infundável de inautenticidade e expropriação de seu ser si mesmo.

O plantão, como modalidade da prática psicológica, parece criar a possibilidade de estabelecer outras formas de relação em que o plantonista se torna uma testemunha, copartícipe da experiência do outro. Na travessia perigosa dessa experiência, este humano em situação de urgência com seu sofrimento pode também se abrir para manter contato com seu ser-aí. Nessa polifonia dialógica, o dizer, dizendo-se, faz-se fala por uma apropriação de sua condição de finitude. Nesse momento de apropriação entre sua condição de ser-aí humano e o contato com o incontornável (Ser), nascem os sentidos para sua existência, rumos e destinação para as afetações enquanto ser-no-mundo que se vão dando em contornos (sentidos e significados), ao mesmo passo em que se desfazem na mesma medida.

Portanto, podemos dizer que, no Plantão Psicológico na DEAM, os plantonistas podem produzir, mesmo que sem o controle do poder fazê-la, uma experiência a partir da linguagem. Essa se torna a clareira na qual as afetações vividas sob a forma de sofrimento podem ser clareadas.

Os plantonistas, por meio de sua prática, exercem uma disposição ética de acolher o incontornável da angústia, pois essa relação dá-se como clareira para um desvelamento do outro na linguagem própria de ser; abre-se para a alteridade da relação, possibilitando, na maior parte das vezes, o emergir do que há muito pede passagem como desvelamento.

Assim, o dizer é mais que o mero falar no plantão, trata-se de um habitar eticamente o mundo. O dizer se faz, no sentido heideggeriano, como um *logos*, ou seja, um acolher, um recolher, o ser-si-mesmo-no-mundo-com-os-outros por meio da experiência de impotência frente à violência. Dessa forma, o plantonista busca o sentido de sua prática no vigor da acontecência do plantão.

5 CONCLUSÕES: TUDO NOVO DE NOVO

O percurso deste estudo se deu a partir da proposição pré-socrática *Hèn Pánta* e, ao passo que se encaminha para a conclusão, mantém-se sob a égide de outra máxima grega: *tudo se encontra em permanente mudança*. A construção desta pesquisa trouxe discussões sobre como compreendemos nosso fazer profissional e de como se constitui esse conhecimento.

A partir de nosso objetivo – compreender a prática do plantão psicológico realizado nas DEAMs de Juazeiro-BA e Petrolina-PE –, foi possível indicar como se constituiu esta experiência. Ela dialogou com a construção teórica de autores que nos inspiraram para novamente nos debruçarmos sobre a prática, engendrando, assim, novas formas de lidar com seus inesperados desafios.

Da mesma forma que o plantão pode ser concebido como uma relação que põe em andamento alguns questionamentos (Morato, 2006), também algumas de nossas dúvidas sobre essa prática foram-se movendo em direção a outras questões; cada novo desafio nos pedia mais envolvimento e abertura para experienciar o nosso próprio não-saber.

Nesse sentido, procurando situar melhor nossa experiência, propomo-nos aqui realizar a transição do sentido da palavra, questões que são postas em andamento para a noção de compreensões.

Assim, podemos indicar que as considerações finais a respeito da prática do plantão na DEAM apontam para a construção dos seguintes horizontes hermenêuticos que podem ser lidos abaixo.

Inicialmente, a primeira compreensão que o trabalho nos leva a constituir aponta para a impossibilidade de se possuir um sentido único para a prática do plantão psicológico; paradoxal e complementarmente, o plantão se torna presente por meio de sua singularidade e, ao mesmo tempo, pluralidade.

Pensar a intervenção do plantão, a partir dessa perspectiva, não revela apenas uma mudança gramatical, mas, sobretudo, a compreensão de como se origina a própria condição em que tal prática se concretiza para aqueles que a exercem, ou seja, como possibilidade de desvelamento de sentido frente à condição humana (ontológica) do plantonista e daquele que se utiliza do plantão.

Mesmo que o sentido seja singular para cada um dos plantonistas, parece haver um contexto comum, o qual delimita algumas possibilidades de experiências. Em sua origem contextual, a prática do plantão emerge a partir de uma textura da qual se configuram matrizes de relações possíveis àquele contexto. A singularidade/plural dos sentidos para a prática acontece no envolvimento por inteiro daqueles que ocupam o lugar de plantonistas, o que remete aos limites e possibilidades dados por cada relação específica.

Assim, parece-nos que os sentidos que emergem da experiência do plantão se dão como totalidade que se vai configurando numa tessitura complexa em seu fazer cotidiano. Dessa forma, torna-se importante deixar ao largo qualquer tentativa de buscar leis gerais ou qualquer outro princípio universalizante para dizer da especificidade do plantão.

Em um segundo momento, podemos entender o Plantão Psicológico como modalidade da prática psicológica que não se deixa apreender como uma técnica moderna a ser utilizada pela psicologia. A ideia de plantão como instrumento que

deve e pode ser utilizado em situações de emergência por psicólogos para lidar com mulheres que sofrem violência é rechaçada pela especificidade de uma relação que, em muitos momentos, dirige-se para um além do empírico, constitui-se como movimento que se dá no trânsito entre o ôntico e ontológico.

A perspectiva de trânsito no plantão, parece-nos, encontra respaldo na medida em foi possível pensar, a partir do segundo Heidegger, a existência de um peso maior na dimensão dessa modalidade da prática como clareira, na qual o Ser se desvela. Isso nos levou a ter que considerar o *lócus* do plantão também como elemento constitutivo desse contexto, sobretudo por sua importância na dimensão ontológica que mantemos com o fenômeno da violência.

A DEAM se tornou o local em que se vivencia cotidianamente o atravessamento da presença da violência para todos que nela trabalham, inclusive para os plantonistas. Existe um horizonte hermenêutico no qual a violência influencia, principalmente, as formas como as pessoas envolvidas no plantão se relacionam entre si e consigo mesmas. Isso pôde ser visto pelos pedidos de escuta dos funcionários, ou mesmo pelos desconfortos que os plantonistas sentiam nos plantões.

O estar plantonista na DEAM parece suscitar um modo de existir no qual se entra em contato com a angústia existencial. Essa pode ser vivida, na maior parte do tempo, como sentimento de impotência. A angústia se torna, nesse contexto, uma espécie de combustível fundamental para possibilitar nos abirmos à relação e, concomitantemente, promover nossa entrega na busca por novas formas de estar no mundo (*ethos*) com aqueles que sofreram experiências de violência.

O fazer-saber do plantão passou a ser compreendido como práxis, à luz da contribuição do segundo Heidegger, pois se pode dar como acontecimento de apropriação, ou *Ereignis*. Esse acontecimento se constitui no momento em que o Ser se desvela para aquele(a) que procura o plantão como acontecência do sentido. Dessa forma, o plantão se torna o espaço no qual é possível um clarear hermenêutico a partir da emergência de outros sentidos e significados. Entender essa modalidade da prática psicológica implica em deixar-se experienciar no mundo tal qual ele nos vem ao encontro, dito de outra forma, deixar-se colocar ativamente em situação de acolher o mundo que se desvela, tal qual um raio caindo em nossa cabeça.

O plantonista, antes de tudo, deve-se colocar em atitude de abertura para o inusitado do plantão, no sentido de se deixar atravessar pelas experiências ali vivenciadas. Há de se colocar num lugar em que se abdique ao papel de especialista, dono do suposto saber, ou mesmo, à certeza do controle sobre o que será e como se dará aquele atendimento.

A Escuta que se dá no plantão torna-se terra de acolhimento do estrangeiro que ali se mostra, que nesse ato faz estrangeiro também aquele que o acolhe, pois só a partir da condição de não familiaridade é que conseguimos nos aproximar do processo de desvelamento/ocultamento dos sentidos do plantão. Dessa forma, a escuta no plantão se vê implicada, na medida em que sua ocorrência se fez presente em qualquer ação em que o plantonista se envolvia na instituição. Ao contrário do que um mero ouvir, fomos compreendendo que a escuta se colocava como uma atitude, como um dispositivo de cuidado frente ao outro em situação de sofrimento.

Foi possível desenvolvermos a condição de acompanhar o fluxo experiencial do outro (usuários da delegacia) e, estando ali, junto-de-si-com-os-outros, realizar o cuidado. Utilizando-se do recurso da metáfora, podemos dizer que a intervenção no plantão foi-se dando como um movimento pendular, pois, em dado momento, encontramos-nos tão próximos desse ser-no-mundo em sua abertura existencial, sentida como sofrimento, que quase nos misturamos a ele, mas, ao mesmo tempo, podíamos nos distanciar para um dado lugar, que possibilitava uma “visada”, eminentemente afetiva, a ponto de podermos enxergar como o outro se situa frente ao seu próprio sofrimento.

Esse fluxo experiencial de ir e vir fez-nos compreender que o Plantão Psicológico leva aquele que o pratica a experimentar uma situação de **desalojamento implicativo**, o que faz emergir novas possibilidades de vir-a-ser-no-mundo. O encontro no/do plantão promove, algumas vezes, uma espécie de contentamento-descontente, um sair da situação de sofrimento que possibilita, no âmbito da experiência, vislumbrar outras formas de se colocar no mundo.

Dessa forma, chegamos também à conclusão de que o objetivo do plantão na DEAM não tem por finalidade “a cura”, ou ainda, atenuar a ansiedade e/ou angústia. Não se propõe também a ser uma triagem. Pelo contrário, o plantão se mostra como clareira, uma planta grande que, inserida em uma configuração sociocultural, pode acolher as implicações da violência contra a mulher. A violência, em sentido mais amplo, parece se mostrar a partir da força coercitiva da técnica em seu ter-que-ser. Essa complexidade se faz presente por meio das formas de relação que estabelecemos conosco, com os outros e com a dimensão sociocultural na qual há muito imperam os reducionismos utilitaristas do espírito do tempo moderno.

O plantão psicológico, portanto, emerge como experiência que se coloca como uma das vias de enfrentamento da violência contra a mulher, ao mesmo tempo em que se mostra como espaço da acontecência do cuidado. Há um esgotamento dos modelos de relação nas DEAMs quanto à assistência para as mulheres em situação de vulnerabilidade e o plantão tem-se mostrado como alternativa psicossocial a ser utilizada para que o novo possa emergir nesse contexto institucional. Dialogicamente, o novo pode se constituir pela intervenção do plantão com sentido próprio, ou seja, como fruto de uma fusão de horizontes compreensivos nos quais se configuram novas formas de estar no mundo, com os outros e com nós mesmos.

No plantão há tudo novo de novo. O reincidente diz da dimensão da prática psicológica, um estar lançado no trânsito entre as dimensões do ôntico e do ontológico em nosso existir. Já o novo está na *poiésis* em que nos colocamos, na saga do mostrar-se próprio.

Nossa procura pela compreensão do sentido da prática do plantão na DEAM nos abriu novas frentes de investigação, pelas quais nos sentimos responsáveis, sem perder de vista, no entanto, que será nas veredas do próprio caminho de constituição do conhecimento que encontraremos novos patamares de compreensão.

Por fim, sentimo-nos impelidos a voltar a uma das perguntas iniciais desse trabalho... quem foi Clara? Não temos as respostas definitivas, mas podemos, ao menos, apontar que Clara se moveu rumo a seu ser-si-mesma (ser própria) em aberto.

Nesse sentido, terminamos com a reverência a Clara e ao filósofo Heidegger, que se fizeram parceiros neste diálogo científico que fez de nós

estrangeiros. Como questão para continuarmos pensando e nos pondo em andamento, reflitamos o seguinte: em seu sepultamento, Heidegger pediu que fosse lida a terceira estrofe do poema “Pão e vinho”, de Hölderlin. Disse Heidegger que seria o último caminho... aquele que levava ao vazio.

“Venha, pois, para que vejamos o aberto.

Para que busquemos algo próprio, por longe que esteja. Uma

coisa mantém-se firme: que seja meio-dia ou caminhem-se já

para meia-noite, uma coisa sempre existe,

a todos comum, mas cada um também uma própria é destinada,

cada um vai e chega lá onde pode”

REFERÊNCIAS

Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos.

Almeida, F. M. (1995). *Cuidar de Ser. Uma aproximação do pensamento heideggeriano*. São Paulo: PUC-SP, 1995. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Almeida, F. M. (2008). *Ser clínico como educador. Uma leitura fenomenológica existencial de algumas temáticas na prática de profissionais de saúde e educação*. São Paulo: USP, 2005. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

Amatuzzi, M. M. (1989). *O resgate da fala autêntica. Filosofia da psicoterapia e da educação*. Campinas: Papyrus.

Andrade, A. N.; Morato, H. T. P., & Schmidt, M. S. (2007). Pesquisa interventiva em instituição: etnografia, cartografia e genealogia. In RODRIGUES, M. M. P. & MENANDRO, P. R. M.. (Orgs.). *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em Psicologia*. 1ª ed. Vitória: Editora GM, v. 1, pp. 193-206.

Aun, H. A. (2005). *Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica para adolescentes infratores*. São Paulo: USP, 2005. Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Bacchi, C. (1999). Supervisão de apoio psicológico: Espaço intersubjetivo de formação e capacitação de profissionais de saúde e educação. In Morato, H. T. P. (Org.) *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: Novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Barreto, C. L. B. T. & Morato, H. T. P. (2006). *Ação clínica e os pressupostos fenomenológicos existenciais*. Tese de doutorado: Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Barreto, C. L. B. T. & Morato, H. T. P. (2009). Ação clínica e a perspectiva fenomenológica Existencial. In Nunes, A. P.; Morato, H. T., & Barreto, C. L. B. T. (Orgs.). *Aconselhamento psicológico em uma perspectiva fenomenológica existencial: Uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Bauman, Z. (2009). *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Z. (2002). *La cultura como práxis*. Barcelona: Paidós.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Bauman, Z. (1997). *Ética Pós-moderna*. São Paulo: Paulus.

Bauman, Z. (1998). *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Z., Luhmann, N., Giddens, A., & Beck, U. (1996). *Lasconsecuencias perversas de la modernidad. Modernidad, contingencia y riesgo*. Barcelona: Antrhopos.

Bondía, J. L. (2002, abril) Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.

Borges-Duarte, I. (2010). A fecundidade ontológica da noção de cuidado. De Heidegger a Maria de Lourdes Pintasilgo. In *Revista Ex Aequo*, 21, 115-131.

Braga, T. B. M. (2005). *Práticas psicológicas em instituições e formação em Psicologia: possibilidade de reflexões sobre o sentido da prática*. São Paulo: USP, 2005. Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Braga, T. B. M. (2009). *Supervisão de Supervisão: grande angular fenomenológica na cartografia de práticas clínicas em contextos institucionais e comunitários*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Braga, T. B. M. & Custódio, E. D. (2009). O sentido da prática clínica para uma clínica do sentido: a formação no contexto da atenção psicológica em instituições. In Morato, H. T. P., Barreto, C. L. B. T., & Nunes, A. P. (Org.)

Aconselhamento psicológico em uma perspectiva fenomenológica existencial. Uma introdução (p.101-120). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Branco, P. C. (2009). Martin Heidegger: a Técnica como possibilidade de Poíesis. *A Parte Rei. Revista de Filosofia*. 63. (Recuperado em 22 de julho, 2011, [HTTP://serbal.pntic.mec.es/](http://serbal.pntic.mec.es/))

Cabral, B. E. & Morato, H. T. P. (2003). Considerações metodológicas a partir de um problema de pesquisa. In *Interlocuções*, v.4. n.1, 87-96.

Casanova, M. A. (2009). *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Vozes.

Cautella Jr. W., Morato, H. T. P., Nunes, A. P., & Braga, T. B. M. (2006). Considerações sobre uma prática psicológica em instituição psiquiátrica em uma perspectiva fenomenológica existencial. *Vivência*, 31, 77-87.

Chauí, M. (2003). *Convite a Filosofia*. São Paulo: Ática.

Chaves, P. B. & Henriques, W. B. (2008). Plantão Psicológico: de frente com o inesperado. In *Psicologia e Argumento*. Vol. 26, n. 53, 151-157, abr/jun.

Critelli, D. M. (1996). *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação doreal de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC, Brasiliense.

Criteli, D. M. (2002). Martin Heidegger e a essência da técnica. In *Margem*. São Paulo, 16, 83-89.

Dartigues, A. (2005) *O que é a fenomenologia?* (Tradução de Maria José de Almeida). 9ª Ed. São Paulo: Centauro.

Domingues, J. A. (2009). *Diálogo Hermenêutico*. Covilhã: Lusosofia Press.

Dowell, J. A. M. (1999). A propósito da verdade do ser segundo Heidegger. In *Síntese*, Belo Horizonte, 26 (86).

Duarte, A. (2004). Heidegger e possibilidade de uma antropologia existencial. In *Natureza humana*, São Paulo, 6 (1), 29-52, 2004.

Duarte, A. (2006). Gianni Vattimo, intérprete de Heidegger e da pós-modernidade. In *ALCEU*, 7 (13), 225-236.

Duarte, A. (2009). Heidegger e Foucault, críticos da modernidade: humanismo, técnica e biopolítica. In *Trans/form/ação*, São Paulo, 29 (2), 95-114.

Duarte, A. (2009b) Heidegger e a técnica. In Figueiredo, V. (Org.) *Filósofos nasala de aula*. São Paulo: Berlindis&Vertecchia, 202-245.

Duarte, L. F. (2008). Um serviço de atenção psicológica à terceira idade: à procura da demanda. São Paulo: USP, 2008. Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Dubois, C. (2004). *Heidegger: introdução a uma leitura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Dutra, E. (2002). A narrativa como técnica de pesquisa. In *Estudos de Psicologia*, v. 7, n.2, 371-378.

Drug, E. G.; Dahlberg, L. L.; Mercy. J. A. Z. A, & Lozano, R. (2002). (Editores).

Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: Organização Mundial daSaúde.

Ferreira, A. B. de H. (2009). *Novo dicionário da língua portuguesa. Conforme anova ortografia*. São Paulo: Positivo.

Ferreira Jr., W. J. (1998). Heidegger e a modernidade. In *Filósofos*, 3 (2), 113-131.

Ferreira Jr., W. J. (2000). *Heidegger: a questão da técnica e a superação dametafísica*. Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP.

Ferreira, A. de O. (2007). *Ontologia fundamental e técnica: uma contribuição ao estudo da “Khere” no pensamento de Heidegger*. Tese de Doutorado, Campinas: UNICAMP.

Figueiredo, L. C. M. (1993). Sob o signo da multiplicidade. In *Estudos de Psicologia*. V. 10, n.1, 11-19.

Figueiredo, L. C. M. (1994). *Escutar, recordar e dizer. Encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. São Paulo: EDUC/ESCUTA.

Figueiredo, L. C. M. (1995). *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos*.

São Paulo: Editora Escuta.

Figueiredo, L. C. M. (2004). *Revisitando as Psicologias. Da Epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. 3ª. Edição. Petrópolis: Vozes.

Fundação Perseu Abramo. (2001). *Relatório da pesquisa Violência contra mulher*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Furigo, R. C. P. L. (2006). *Plantão Psicológico: uma contribuição da clínica junguiana para atenção psicológica na área de saúde*. Campinas: PUCCAMP, 2006. Tese (Doutorado em Psicologia), Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Furigo, R. C. P. L. *et al.* (2008). Plantão Psicológico: uma prática que se consolida. In *Boletim de Psicologia*. Vol. 58, n. 129, 185-192.

Gadamer, H. G. (1999). *Verdade e Método I*. Tradução Flávio Paulo Meurer. 3ª edição. Petrópolis: Vozes.

Gadamer, H. G. (2002). *Verdade e Método II*. Tradução Ênio Paulo Gianchini. Petrópolis: Vozes.

Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Giddens, A., Lasch, S., & Beck, U. (1997). *Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora UNESP.

Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora UNESP.

Giddens, A. (1991). *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.

Giffin, K. (1994). Violência de gênero, sexualidade e saúde. In *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 10 (supl. 1), 146-155.

Habermas, J. (2002). *Pensamento Pós-metafísico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Heidegger, M. (1999). *Ser e tempo*. Volume I, Petrópolis: Vozes.

Heidegger, M. (1999b). *Ser e tempo*. Volume II, Petrópolis: Vozes.

Heidegger, M. (1981). *Todos nós... ninguém. Um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes.

Heidegger, M. (1991). *Carta sobre o humanismo*. São Paulo: Editora Moraes.

Heidegger, M. (2000). *Nietzsche. Metafísica e Nihilismo*. Rio de Janeiro: RelumeDumará.

Heidegger, M. (2001). *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Heidegger, M. (2001b). *Seminários de Zollikon*. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes.

Heidegger, M. (2002). *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes.

Heidegger, M. (2003). *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes.

Heidegger, M. (2009). *Que é isto, a Filosofia? / Identidade e diferença*.

Petrópolis: Vozes; São Paulo : Livraria Duas Cidades.

Heidegger, M. (2009b). *Já só um Deus nos pode ainda salvar*. Covilhã: Lusosofiapress.

Heidegger, M. (2010). *Meditação*. Petrópolis: Vozes.

Hirigoyen, M. F. (2005). *A violência no Casal. Da coação psicológica à agressão física*. São Paulo: Bertrand Brasil.

Habermas, J. (2002). *Pensamento Pós-metafísico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Habermas, J. (2007). *Técnicas e Ciência como ideologia*. Lisboa: Edições 70.

Inwood, M. (2002). *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Jameson, F. (2005). *Modernidade singular. Ensaio sobre a ontologia do presente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Jornada do Plantão Psicológico em Aconselhamento Psicológico, n.1, 2006. In *Anais*, São Paulo: IPUSP, 2006.

Lamoglia, C. V. A. & Minayo, M. C. de S. Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: um estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. In *Ciência & Saúde Coletiva*. V. 14, n. 2, 595-604.

Latour, Bruno. (2000). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34.

Lawn, C. (2010). *Compreender Gadamer*. Tradução Hélio Magri Filho, 2º edição. Petrópolis: Vozes.

Lévy, A. (2001). *Ciências clínicas e organizações sociais*. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC.

Lima, D. F. (2005). *Compreendendo os sentidos da escuta*. Olinda: Livro Rápido.

Lima, D. F. (2009). Os sentidos da escuta fenomenológico existencial. In Morato, H. P. T., Barreto, C. L. B. T., & Nunes, A. P. (Orgs.). *Aconselhamentopsicológico em uma perspectiva fenomenológica existencial. Uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 180-191.

Loparic, Z. (1996). Heidegger e a pergunta pela técnica. In *Cadernos de história e Filosofia da ciência*, série III, 6 (2), 107-138.

Loparic, Z. (2004). *Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Liotard, F. (2010). *A condição Pós-moderna*. São Paulo: José Olympio, 2010.

Mac Dowell, J. (1993). *A gênese da ontologia fundamental de MartinHeidegger*. São Paulo: Loyola.

Mahfoud, M. *et al.* (1999). *Plantão Psicológico: novos horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada.

Maldonado, M. *Raízes Errantes*. São Paulo: SESC, São Paulo: Editora 34, 2004.

Morato, H. T. P. (Org.) (1999). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: Novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Morato, H. T. P. (2006). Pedido, Queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer, poder ou precisar. In: *VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição - Psicologia e Políticas Públicas*, Vitória - Espírito Santo. ANAISVI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição - Psicologia e Políticas Públicas. Vitória - Espírito Santo: UFES, v. 1, 38-43.

Morato, H. T. P. (2011). Algumas considerações da Fenomenologia existencial para ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. In *X Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição – Perspectivas e rumos da Psicologia na atualidade*, Niterói–Rio de Janeiro. ANAIS X Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição - Perspectivas e rumos da Psicologia na atualidade, Niterói – Rio de Janeiro: UFF, v. 1, 24-50.

Morin, E. (2002). *Ciência com consciência*. São Paulo: Bertrand Brasil.

Morin, E. (2005) *Sete saberes fundamentais para Educação*. São Paulo: Cortez.

Mosqueira, S. M. (2008) *À procura de sentido da atenção psicológica com adolescentes em privação de liberdade*. São Paulo: USP, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Mota, S.T. & Goto, T. A. (2009). Plantão Psicológico no CRAS em Poços de Caldas. In *Factal: Revista de Psicologia*. Vol. 21, n. 03, 521-230, Set./Dez.

Mozena, H. *Plantão Psicológico: um estudo fenomenológico em um serviço de assistência judiciária*. Campinas: PUCCAMP, 2009. Dissertação (Mestrado

em Psicologia), Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006) Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. In *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n.1, 7-13.

Nunes, A. P. (2006). *Entre aprendizagem significativa e metodologia interventiva: a práxis clínica de um laboratório universitário como aconselhamento psicológico*. São Paulo: USP, 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Nunes, B. (2001). A questão do outro em Heidegger. In *Natureza Humana*. 3 (1): 51-59, jan./jun. São Paulo.

Oliveira, R. G. de (2005) *Uma experiência do Plantão Psicológico à Polícia Militar do Estado de São Paulo: reflexões sobre sofrimento e demanda*. São Paulo: USP. Dissertação de (Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Oliveira, M. M. (2006). *Clínica, experiência e sentido: narrativas de plantonistas*. São Paulo: USP. Dissertação de (Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Oliveira, R. G. de., Morato, H. T. P., & Almeida, F. M. de. (2006). O Léxico do Plantão Psicológico – exercício do dizer criação de sentido. In *JORNADA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO EM ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO*, n.1, 2006. *Anais*, São Paulo: IPUSP, 181-193.

Palmieri, T. H. & Cury, V. E. (2006). Plantão Psicológico em Hospital Geral: um estudo fenomenológico. In *Psicologia: reflexão e crítica*. Vol. 20, n.3, 472-479.

Papareli, R. B. & Nogueira-Martins, M. C. F. (2007). Psicólogos em formação: vivências e demandas em Plantão Psicológico. In *Psicologia Ciência e Profissão*. vol. 27, n. 1, 64-79.

Penna, A. G. (1997). *Repensando a Psicologia*. Rio de Janeiro: Imago.

Perches, T. H. P. (2009). *Plantão Psicológico: o processo de mudança psicológica sob a perspectiva da Psicologia humanista*. Campinas: PUCCAMP, 2009. Tese (Doutorado em Psicologia), Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Pessoa, F. (2006). *O eu profundo e os outros eus*. São Paulo: Nova Fronteira/Ediouro.

Pompéia, J. A. & Sapienza, B. T. (2004). *Na presença do sentido. Uma questão fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUCA, Paulos.

Ramão, S. R. & Meneguel, S. N. (2005). Nos caminhos de Iansã: cartografando a subjetividade de mulheres em situação de violência de gênero. In *Psicologia & Sociedade*. V. 17, n. 2, 79-87.

Rocha, Z. (2009). As diversas faces do cuidar. Novos ensaios de psicanálise contemporânea. Luis Cláudio Figueiredo. São Paulo: Escuta, 2009, 220 pgs. In *Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath. Online*, v. 6, n. 2, 115-123.

Rocha, Z. (2004) Heráclito de Éfeso, filósofo do logos. In *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, VII, n. 4.

Rocha, Z. (2001). O problema da violência e a crise ética de nossos dias. In *Síntese*, v. 28, n. 92, 301-326.

Rocha, Z. (2000). *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta.

Rogers, C. & Kinget, G. M. (1977). *Psicoterapia e relações humanas*, v. II, São Paulo: Interlivros.

Saffioti, H. I. B. (2010). Violência de gênero no Brasil atual. *Estudos Feministas*, número especial, 1994. Recuperado em 20 de junho, 2010, do <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/08112009-113245saffioti.pdf>.

Santos, B. de S. (2009). *Um discurso sobre a ciência*. Rio de Janeiro: Imago.

Schraiber, L. B. et al. (2007). Prevalência de violência contra a mulher por parceiros íntimos em regiões do Brasil. In *Revista de Saúde Pública*. V. 41, n.5, 797-807.

Schraiber, L. B., Oliveira, A. F. P. de, Portela, A. P., & Menicucci, E. (2009). Violência de gênero no campo da saúde coletiva: conquistas e desafios. In *Ciência & Saúde Coletiva*. V. 14, n. 4, 1019-1027.

Schmidt, M. S. (1999). Aconselhamento Psicológico e Instituição: Algumas considerações sobre o serviço de aconselhamento psicológico do IPUSP. In Morato, H. T. P. (Org.). *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Schmidt, M. S. (2004). Plantão Psicológico, Universidade Pública e Política de Saúde Mental. In *Estudos de Psicologia*. V. 21, n. 3, 173-192, set/dez.

Schwandt, T. (2006). Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa. Interpretativismo, Hermenêutica e construcionismo social. In Lincon, Yvonna S. & Denzin, N. K. (Org.) *O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Netz. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed.

Silva, Luciana Lemos da, Coelho, Elza Berger Salema; Caponi, Sandra Noemi Cucurullo. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. In *Interface. Comunicação, Saúde, Educação*, v. 11, n.21, 93-103, jan/abr, 2007.

Stake, R. E. (2011). *Pesquisa qualitativa. Estudando como as coisas funcionam*. Tradução Karla Reis, Porto Alegre: Penso.

Stein, E. (2001). *Compreensão e finitude*. Ijuí: Editora Ijuí.

Stein, E. (2005). *Seis estudos sobre ser e tempo*. Petrópolis: Vozes.

Stein, E. (2008). *Diferença e metafísica. Ensaaios sobre a desconstrução*. Ijuí: Ed. Ijuí.

Vattimo, G. (1989). *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Edições 70.

Vattimo, G. (1996). *O fim da modernidade. Nihilismo e Hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes.

Waiselfisz, J. J. (2012). *Mapa da violência 2012. Os novos padrões de violência homicida no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari.

Yenia, G. Y. (2004). Interlocuções entre o Plantão Psicológico e o psicodiagnóstico colaborativo. In *Estudos de Psicologia*. PUC-Campinas, vol. 21, n. 01, 65-72, jan./abril.

Zanoni, M. R. de L. (2008). *Plantão Psicológico em um Serviço Universitário de Psicologia: a experiência de aprimorandas*. Campinas: PUCAMP, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.